



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Programa de Pós-Graduação em História Social


Marília Miranda Alves Carvalho

**O Lampion da Esquina: expressão e voz dos homossexuais através das  
cartas ao jornal (1978-1981)**

São Gonçalo 2020

Marília Miranda Alves Carvalho

**O Lâmpião da Esquina: expressão e voz dos homossexuais através das cartas  
ao jornal (1978-1981)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. Linha de pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

São Gonçalo

2020

**CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D**



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marília Miranda Alves Carvalho

**O Lampion da Esquina: expressão e voz dos homossexuais através das cartas ao  
jornal (1978-1981)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. Linha de pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão (Orientador) – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Anna Marina Madureira de Pinho Bárbara Pinheiro (Arguidora) – UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (Arguidora) – UERJ

*Aos meus pais, Dulcinéa e Emídio, pessoas fundamentais em minha vida e que me deram todo o apoio necessário.*

## AGRADECIMENTOS

Por mais que o desenvolvimento de uma dissertação seja um trabalho solitário, muitas pessoas me auxiliaram ao longo destes dois anos de pesquisa. Sendo assim, mesmo correndo o risco de cometer algumas injustiças por esquecimento, gostaria de aqui agradecer a algumas pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Dulcinéa e Emídio, que tanto me ajudaram nesse desafio que foi o mestrado, sempre do meu lado e dando todo o apoio possível e impossível.

Da mesma forma, sou grata aos meus padrinhos Valéria, Paulo e Rosênia e a minha tia Maria Augusta ou, simplesmente, Tia Guta, e toda a sua família.

Sou grata também as minhas avós, especialmente a D. Maria José, que se encontra, aos 91 anos de idade, lúcida e radiante; e aos demais *in memória*.

Também devo um agradecimento especial a minha tia e também professora de yoga, Maria Aparecida, que me auxiliou no controle da ansiedade e do nervosismo, assim como a minha psicóloga, Jéssica.

Agradeço a toda a comunidade da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), desde a direção aos funcionários da administração e auxiliares de limpeza. Todos eles foram responsáveis, de alguma forma, pela minha chegada até aqui. Fui assistida pela Universidade em todos os momentos em que necessitei. Além disso, devo agradecer ao corpo de professores que me auxiliaram a “formar minha História” na UERJ-FFP, desde a graduação até o mestrado. São muitos os nomes de que sou grata. No entanto, destacarei alguns, como o da professora Joana Bahia, uma pessoa marcante em minha vida que me despertou o interesse pela pesquisa em relação ao gênero; da professora Ana Carolina Huguenin, com suas aulas sempre enriquecedoras e esclarecedoras; do professor Carlos Mauro, com suas matérias complicadas e seu jeito leve de transmiti-las; e da professora Ana Paula Barcelos, em que tive o prazer de encontrar tanto na graduação e quanto no mestrado.

Às professoras Anna Marina Madureira de Pinho Bárbara Pinheiro e Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva o meu agradecimento pela gentileza em aceitarem participar da banca de qualificação. Agradeço pela leitura atenta do material, pelos conselhos e pelas sugestões valiosas que, certamente, foram fundamentais para o prosseguimento da pesquisa.

Um agradecimento mais do que especial para o meu orientador, Rafael Brandão, que confiou em mim e enfrentou o desafio “Lampião da Esquina” ao meu lado. Além, é claro de ter sido meu professor na graduação, sempre atencioso e paciente ao lecionar, ajudar, ensinar e orientar. Muito obrigada, meu “orientador querido”!

Também gostaria de agradecer enormemente àqueles que, ao longo destes anos, cuidaram de minha saúde. Sem o trabalho e o carinho deles, nada disso seria possível. Assim, deixo aqui o meu agradecimento ao Dr. Paulo Alonso, ao Dr. Márcio Christiani, ao Dr. Jânio Nogueira, ao Dr. Daniel Bulzico e a toda equipe de médicos e enfermeiros do INCA - Praça da Cruz Vermelha.

Aos amigos que me auxiliaram e foram muito importantes nessa minha trajetória: Vitor Procópio, Tatiane da Silveira, Camila Moreira, Nair Cândido, e aos meus grandes parceiros da UERJ-FFP, Érika Araújo, Marcelo Almeida, Monique Santana e Farlen Nogueira.

Para finalizar, agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa, fundamental para que pudesse prosseguir no mestrado. Em tempos tão difíceis e de ataques ao pensamento científico e à educação brasileira, em particular à universidade pública, deixo registrada a minha defesa pela importância do financiamento público para a pesquisa brasileira, em especial, para as ciências humanas e sociais.

Sou muito grata a todos que até aqui contribuíram. Embora este trabalho tenha a finalidade de obter o título de mestre, ele é, sem sombra de dúvida, resultado de um trabalho coletivo.

## **Pai e mãe**

*Letra e música: Gilberto Gil*

Eu passei muito tempo  
Aprendendo a beijar Outros homens  
Como beijo o meu pai  
Eu passei muito tempo  
Pra saber que a mulher  
Que eu amei, que amo, que amarei  
Será sempre a mulher  
Como é minha mãe

Como é, minha mãe?  
Como vão seus temores?  
Meu pai, como vai?  
Diga a ele que não se aborreça comigo  
Quando me vir beijar Outro homem qualquer  
Diga a ele que eu quando beijo um amigo  
Estou certo de ser Alguém como ele é  
Alguém com sua força  
Pra me proteger  
Alguém com seu carinho  
Pra me confortar  
Alguém com olhos  
E coração bem abertos  
Pra me compreender



“Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhares de pessoas”

“Para acabar com essa imagem padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa ter voz”

**(Lampião da Esquina**, Edição número zero, abril de 1978, Seção Opinião, p. 1).

*“Estamos todos em perigo”*

**(Pier Paolo Pasolini**, cineasta e intelectual italiano, em entrevista ao jornalista Furio Colombo, um dia antes de morrer brutalmente assassinado, no dia dois de novembro de 1975).

## RESUMO

CARVALHO, Marília Miranda Alves. *O Lampião da Esquina: expressão e voz dos homossexuais através das cartas ao jornal (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História Social, São Gonçalo, 2020.

A dissertação tem como objetivo analisar a seção de cartas de leitores do Lampião da Esquina, primeiro jornal de circulação nacional a tratar abertamente da questão da homossexualidade. Publicado entre os anos de 1978 e de 1981, o jornal procurou falar da homossexualidade de uma maneira positiva, contestando os estigmas recorrentes sobre o tema, que reforçavam o caráter patológico e “anormal” dos homossexuais e que condenavam todo e qualquer tipo de manifestação que não se enquadrasse no modelo patriarcal e heteronormativo de sociedade. Nesse sentido, defende-se a hipótese de que a seção de cartas de leitores do Lampião da Esquina, intitulada “Cartas na Mesa”, pode ser considerada como um canal de construção de uma rede de sociabilidade que procurou dar voz aos homossexuais, um dos grupos sociais que mais sofreram com a repressão e o silenciamento durante os anos da ditadura brasileira.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Ditadura. Imprensa alternativa. Lampião da Esquina.

## ABSTRACT

CARVALHO, Marília Miranda Alves. *O Lampião da Esquina: expression and voice of homosexuals through newspaper letters (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História Social, São Gonçalo, 2020.

The dissertation aims to analyze the section of letters from readers of *Lampião da Esquina*, the first national newspaper to openly address the issue of homosexuality. Published between 1978 and 1981, the journal sought to speak about homosexuality in a positive way, challenging the recurring stigmas on the subject, which reinforced the pathological and “abnormal” character of homosexuals and which condemned any and all types of manifestation that did not fit the patriarchal and heteronormative model of society. In this sense, the hypothesis is defended that the section of letters from readers of *Lampião da Esquina*, entitled “*Cartas na Mesa*”, can be considered as a channel for building a network of sociability that sought to give voice to homosexuals, one of social groups that suffered most from repression and silencing during the years of the Brazilian dictatorship.

**Keywords:** Homosexuality. Dictatorship. Alternative press. *Lampião da Esquina*.

## LISTA DE QUADROS E IMAGENS

**Quadro 1-** Jornais homossexuais que circularam no Brasil (1963-1988)..... 46

**Imagem 1-** Capa do Lâmpião: edição número quatro (agosto-setembro/1979)..... 72

**Imagem 2-** Capa do Lâmpião: edição número vinte e seis (julho/1980)..... 78

**Imagem 3-** Capa do Lâmpião: edição número trinta e sete (julho/1981)..... 85

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>ABI:</b>	Associação Brasileira de Imprensa
<b>ABIG:</b>	Associação Brasileira de Imprensa Gay
<b>AI-5:</b>	Ato Institucional nº 5
<b>CENIMAR:</b>	Centro de Informações da Marinha
<b>CIE:</b>	Centro de Informações do Exército
<b>CNV:</b>	Comissão Nacional da Verdade
<b>DCDP:</b>	Divisão de Censura de Diversões Públicas
<b>DOI-CODI:</b>	Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna
<b>DOPS:</b>	Departamento de Ordem Política Social
<b>DPF:</b>	Delegacia de Polícia Federal
<b>ESG:</b>	Escola Superior de Guerra
<b>GGB:</b>	Grupo Gay Bahia
<b>LGBTI+:</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Transexuais, Intersexuais e demais orientações sexuais, identidades e expressões de gênero
<b>PT:</b>	Partidos dos Trabalhadores
<b>SNI:</b>	Serviço Nacional de Informações
<b>SOMOS:</b>	Grupo de Afirmação Homossexual

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 1 – Ditadura, Homossexualidades e imprensa alternativa.....</b>	<b>24</b>
1.1- Homossexualidades, repressão e resistência: do golpe de 64 ao AI-5.....	25
1.2- Homossexualidades, repressão e resistência: dos “anos de chumbo” ao processo de redemocratização.....	29
1.3- Os “precursores” do Lâmpião da Esquina: a imprensa alternativa e os jornais voltados aos homossexuais durante a ditadura.....	32
<b>Capítulo 2 – “Saindo do Gueto”: o jornal Lâmpião da Esquina.....</b>	<b>48</b>
2.1- Um Lâmpião ilumina as esquinas escuras da ditadura.....	48
2.2- “Falando da discriminação, do medo, dos interditos e do silêncio”.....	53
2.3- A luz do Lâmpião se apaga.....	82
<b>Capítulo 3 – “As cartas estão na mesa”: expressão e voz dos homossexuais nas páginas do Lâmpião da Esquina.....</b>	<b>87</b>
3.1- A ditadura censura e reprime os homossexuais.....	87
3.2- As cartas estão na mesa.....	89
<b>Conclusão.....</b>	<b>115</b>
<b>Fontes primárias.....</b>	<b>118</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Publicado em dezembro de 2014, o relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV) <sup>1</sup> desempenhou um importante papel ao denunciar as violações contra os direitos humanos praticadas no Brasil ao longo da ditadura civil-militar (1964/1988). Contudo, outra contribuição da CNV merece ser destacada: a de ampliar a noção de “vítimas da ditadura”. A partir de então, passou-se a considerar como vítimas não apenas aqueles que sofreram perseguição direta do regime sob a forma de prisões arbitrárias, tortura, assassinatos e desaparecimentos – como homens e mulheres que se engajaram na luta armada contra a ditadura – mas também aqueles grupos vulnerabilizados pela sociedade e que durante os anos de autoritarismo também sofreram perseguições e violência, tais como os negros, povos indígenas, trabalhadores urbanos e rurais, além da população LGBTI+ <sup>2</sup>.

Particularmente em relação aos homossexuais, estas perseguições se deram de diferentes formas, tais como batidas policiais em locais e pontos de encontro de pessoas homoafetivas <sup>3</sup>; perseguição no serviço público contra servidores homossexuais <sup>4</sup>;

---

<sup>1</sup> A Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi criada em 2011, pela Lei nº 12.528, com o objetivo investigar as graves violações de direitos humanos ocorridas entre 1946 e 1988 no Brasil e executadas por agentes do Estado. BRASIL. *Lei 12.528*. “Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República”. Brasília, 18 de novembro de 2011.

<sup>2</sup> Segundo o *Manual de Comunicação LGBTI+*, publicado em 2018, recomenda-se, atualmente, a utilização do termo LGBTI+ para referenciar a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual. O sinal + é usado para abranger “outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero”. REIS, Toni (org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/Gay Latino, 2018, p. 7.

<sup>3</sup> Vinícius Cordão, em sua dissertação de mestrado, observa que “durante o período do regime militar eram habituais, nas grandes metrópoles, as rondas policiais nos espaços reconhecidos como de sociabilidade homossexual. Gays, lésbicas e travestis eram revistados e comumente presos por crime de vadiagem. A polícia, respaldada pela falta de direitos garantidos, utilizava diversas práticas de coerção, tanto simbólicas como físicas, para disciplinar os corpos que publicamente fugissem do padrão heterossexual. [...] Delegados cariocas tinham o costume de mandar prender gays afeminados quando era necessário fazer a limpeza dos banheiros da delegacia”. CORDÃO, Vinícius Ferreira Ribeiro. *Imprensa homossexual brasileira e construção de subjetividades (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015p. 66.

<sup>4</sup> Um dos casos mais emblemáticos de perseguição a homossexuais no serviço público está relacionado ao episódio de expulsão do Itamaraty de membros da carreira diplomática devido a sua orientação sexual. Segundo relatado pela CNV, “em 1969, 15 foram os diplomatas cassados, sendo que sete deles o foram sob a justificativa explícita de ‘prática de homossexualismo, incontinência pública escandalosa’”. Ainda segundo o documento, “o expurgo de 1969 também prejudicou várias carreiras em ascensão. O primeiro-secretário Raul José de Sá Barbosa, que servia na Embaixada do Brasil em Jacarta, recebeu um telegrama com a notícia de sua aposentadoria compulsória. Ele declarou, já recentemente, ao jornal *O Globo*: ‘Fui vítima de preconceito. Cortaram minha carreira, destruíram minha vida’”. BRASIL. *Comissão Nacional*



proibição de peças de teatro, músicas, filmes e livros <sup>5</sup> que tratassem de temáticas relacionadas às homossexualidades; além da censura à imprensa, sobretudo aos jornais e revistas voltados especificamente para o público *gay*.

Procurando estabelecer um diálogo acerca da relação entre ditadura, homossexualidades e resistência no Brasil, esta dissertação pretende analisar a seção “Cartas na Mesa”, do jornal *Lampião da Esquina*. Publicado entre 1978 e 1981, o jornal foi o primeiro periódico de circulação nacional a defender abertamente os direitos dos homossexuais, buscando tratar da homossexualidade de maneira positiva, contestando os estigmas recorrentemente atribuídos ao tema, que reforçavam o caráter patológico e “anormal” dos homossexuais.

É importante observar que a perseguição contra os direitos da população homossexual não teve o seu início com a ditadura civil-militar brasileira. Conforme é destacado no relatório final da CNV,

a discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) não surgiu durante a ditadura. Suas origens remontam a períodos muito anteriores da história brasileira. A homofobia esteve sempre embutida em diversas esferas e manifestações da cultura em nosso país: nos discursos médico-legais, que consideravam a homossexualidade uma doença; nos discursos religiosos, que condenavam o ato homossexual como pecado; em visões criminológicas conservadoras, que tratavam homossexuais como um perigo social; e em valores tradicionais que desqualificavam e estigmatizavam pessoas que não se comportavam de acordo com os padrões de gênero prevalentes, sendo vistas como anormais, instáveis e degeneradas, caracterizando a homossexualidade como um atentado contra a família <sup>6</sup>.

A discriminação e o preconceito eram, portanto, anteriores ao período da ditadura e, mesmo o processo de redemocratização não significou o fim destas perseguições. Um dos exemplos mais dramáticos desta situação é o de que o Brasil,

---

*da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 303-304.

<sup>5</sup> Segundo o relatório da CNV, “um dos casos mais graves e dramáticos de censura durante esse período que merece registro foi a campanha contra as obras de Cassandra Rios, uma escritora cuja ficção sobre a lesbianidade nada agradou os cães de guarda da ‘moral e dos bons costumes’. Com uma produção literária prolífica e milhões de livros vendidos, ela teve 36 de suas obras censuradas durante a ditadura. Dezesseis processos judiciais foram propostos contra o seu livro *Eudemônia*. As acusações iam sempre no sentido de que seus textos continham conteúdo imoral e aliciavam o leitor à homossexualidade. Os danos financeiros para ela e suas editoras eram enormes, pois as forças da repressão e censura retiravam as suas obras das livrarias e apreendiam os seus livros nas gráficas. [...] Pode-se afirmar que Cassandra Rios foi a artista mais censurada deste país durante a ditadura militar”. BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 304-305.

<sup>6</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 300.

atualmente, é o país com o maior índice de mortes de homossexuais, transexuais e travestis no mundo. Somente em 2019, de acordo com o relatório do Grupo Gay Bahia (GGB), que desde 1980 realiza este tipo de levantamento, foram registradas 297 mortes de pessoas LGBTI+ no país <sup>7</sup>. O relatório aponta, ainda, uma elevação radical dos números nas duas últimas décadas: de 130 homicídios em média em 2000, saltou para 260 em 2010, subindo para 398 nos últimos três anos (2017, 2018 e 2019).

Contudo, mesmo que a intolerância e a perseguição contra homossexuais no país não tenha se iniciado com a ditadura, deve-se destacar que estas foram reforçadas, especialmente após a edição do AI-5, por uma política e uma ideologia oficial que condenava todo e qualquer tipo de orientação sexual que não se enquadrasse no modelo patriarcal e heteronormativo de sociedade <sup>8</sup>. Ainda segundo o relatório final da CNV, “não houve uma política de Estado formalizada e tão coerente no sentido de exterminar os homossexuais, a exemplo de como existia uma campanha anunciada e dirigida para a eliminação da luta armada com repressão de outros setores da oposição ao longo dos anos da ditadura” <sup>9</sup>. Contudo,

[...] também é muito evidente que houve uma ideologia que justificava o golpe, o regime autoritário, a cassação de direitos democráticos e outras violências, a partir de uma razão de Estado e em nome de valores conservadores ligados à doutrina da segurança nacional. Essa ideologia continha claramente uma perspectiva homofóbica, que relacionava a homossexualidade às esquerdas e à subversão. Acentuou-se, portanto, assumida agora como visão de Estado, a representação do homossexual como nocivo, perigoso e contrário à família, à moral prevalente e aos “bons costumes”. Essa visão legitimava a violência direta contra as pessoas LGBT, as violações de seu direito ao trabalho, seu modo de viver e de socializar, a censura de ideias e das artes que ofereciam uma percepção mais aberta sobre a homossexualidade e a proibição de qualquer organização política desses setores <sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> “Relatório registra homicídios de 297 pessoas LGBTs no Brasil em 2019”. In: *O Globo*, 23 mar. 2020, p. 7.

<sup>8</sup> De acordo com Jacqueline Ribeiro Cabral, “heteronormatividade é um conceito usado para descrever situações em que orientações sexuais diferentes da heterossexual são ignoradas, marginalizadas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas, a partir da noção de que existem duas categorias distintas e complementares (homem e mulher) e que relações sexuais e maritais consideradas normais se dão entre pessoas de sexos diferentes, cada qual com determinadas funções naturais. [...] Os críticos da heteronormatividade afirmam que a mesma estigmatiza comportamentos, práticas e subjetividades desviantes, dificultando vários tipos de autoexpressão e minando o direito das pessoas a se identificarem com o gênero que quiserem, inclusive nenhum”. CABRAL, Jacqueline Ribeiro. Imorais e subversivos: censura a LGBTs durante a ditadura militar no Brasil. In: *Periodicus*, nº 4, vol. 1, nov. 2015 - abr. 2016, p. 128.

<sup>9</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 301.

<sup>10</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 301.

Característica de regimes autoritários, a discriminação, pode ser observada em diferentes contextos históricos, como, o da Alemanha na década de 1930, quando o regime nazista foi responsável pela perseguição e extermínio em massa de grupos socialmente oprimidos e estigmatizados, entre eles, os homossexuais.

A década de 1960 correspondeu a um período de intensa agitação social no mundo ocidental, com o movimento da contracultura e a “revolução sexual”, que influenciaram modificações comportamentais, inclusive, entre os grupos homossexuais. Nos EUA, como símbolo dessa ruptura, foram criadas revistas e jornais, como a *Vector* e o *Advocate*, cujos objetivos principais eram divulgar a luta política e social dos grupos homossexuais naquele país. Uma das mais importantes manifestações em defesa dos direitos homossexuais nos EUA diz respeito aos motins desencadeados após uma invasão da polícia, na manhã de 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, localizado em Nova York. As rebeliões de Stonewall foram uma série de manifestações violentas e espontâneas de homossexuais, consideradas como o evento mais importante que levou ao movimento de libertação *gay* e à luta pelos direitos homossexuais nos EUA ao final da década de 1960. Logo após Stonewall, várias organizações de direitos homossexuais foram fundadas nos EUA e em outras partes do mundo. Em 28 de junho de 1970, as primeiras marchas do orgulho *gay* aconteceram em várias cidades norte-americanas, como Nova York, Los Angeles, São Francisco e Chicago, em comemoração ao aniversário dos motins. Marchas semelhantes foram organizadas em outras cidades do mundo.

No Brasil, no contexto da forte repressão política e da censura imposta pela ditadura, surgiu, nas décadas de 1960 e 1970, a chamada “imprensa alternativa. Produzida como meio de oposição ao regime, a “imprensa alternativa” caracterizou-se por sua circulação regional, ou até mesmo local, e uma curta duração.

Dentre as variadas temáticas de que tratava a imprensa alternativa estava, a questão da homossexualidade. A circulação deste tipo de jornal era um grande desafio, diante da repressão e do preconceito social.

A associação entre homossexualidade e subversão foi um dos conceitos básicos a sustentar a ideologia do regime e servir como justificativa para os vários tipos de repressão a *gays*, lésbicas e travestis nos anos 1960 e 1970 no Brasil. Segundo o relatório da CNV,

as ideias que relacionavam a homossexualidade à subversão tanto influenciavam os participantes dos cursos da Escola Superior de Guerra, um centro ideológico fundamental para o regime militar, quanto informavam a linha política das agências de repressão, desde o Sistema Nacional de Informações (SNI), Destacamento Operações Internas (DOI) – Centro de Operações e Defesa Interna (CODI) e Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), passando também pelas divisões de censura de televisão, teatro, filmes e imprensa. No final dos anos 1960 e começo dos 1970, os ideólogos ampliaram o raciocínio sobre os perigos da homossexualidade e a associaram a um submundo de degenerados – “pederastas”, alcoólatras, prostitutas e outros desviantes e não conformistas – que representavam uma ameaça à segurança nacional <sup>11</sup>.

Além da ideologia que associava a homossexualidade à subversão, atentando contra a segurança nacional, havia aquela que entendia a homossexualidade como “imoral” e como “perversão”.

Mesmo enfrentando preconceito e perseguições, ainda assim diversas publicações de conteúdo homossexual surgiram nessa época. Entre estas publicações, destacavam-se impressos como *Gente Gay*, *Subúrbio à Noite*, *Eros*, *Aliança de Ativistas Homossexuais* e *O Snob*, este último, considerado o primeiro periódico homossexual do Brasil.

Editado por Agildo Guimarães, *O Snob* circulou no Rio de Janeiro entre julho de 1963 e junho de 1969. O jornal se diferenciava dos demais por assumir a fala homossexual, por meio de expressões, códigos e modos discursivos direcionados a esse grupo. Uma vez que o periódico era voltado ao público *gay*, foi considerado por muitos como “impróprio” e voltado para pessoas “pervertidas”. A sociedade da época, em sua maioria, não aceitava a questão da homossexualidade e um jornal direcionado para esse público era visto com grande preconceito. Isso se devia também pelo fato de *O Snob* possuir uma linguagem própria, com ironia, palavras e expressões de duplo sentido, um modo particular na utilização dos termos, usada principalmente pelo público homossexual. A publicação do periódico foi de grande importância não só para a luta de homossexuais por direitos e visibilidade, mas também para que outros periódicos similares pudessem ser criados. Com o pioneirismo de *O Snob*, outras publicações foram lançadas, entre elas aquela que é considerada a publicação fundadora do movimento homossexual no Brasil: o jornal *Lampião da Esquina*, que circulou entre fins da década de 1970 e início dos anos 1980.

---

<sup>11</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 302.

O *Lampião*, como já destacamos, foi o primeiro jornal a tratar abertamente a questão da homossexualidade a circular nacionalmente, diferentemente de outras publicações, de circulação local. O jornal foi pensado em fins de 1977, a partir da iniciativa de intelectuais e jornalistas do Rio de Janeiro e de São Paulo, que se reuniram com o propósito de discutir literatura *gay* latino-americana, a partir da visita ao Brasil de Winston Leyland, fundador da editora *Gay Sunshine Press* e do jornal *Gay Sunshine*. Finalmente, em abril de 1978, era lançada a primeira edição do periódico, que teve a distribuição restrita, diferentemente das edições seguintes, que foram comercializadas abertamente nas bancas de jornal. Segundo o relatório da CNV,

as ameaças recorrentes do Estado contra conteúdos jornalísticos que retratavam a homossexualidade positivamente ou de forma não pejorativa não tiveram o condão de impedir a fundação do jornal *Lampião da Esquina*, cujo número 0 (zero) foi lançado em abril de 1978 precisamente com o caso de Celso Curi na capa. Primeiro jornal que defendia abertamente os direitos dos homossexuais, o *Lampião* imediatamente incentivou a formação do primeiro grupo de ativistas no país, que adotou o nome SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual<sup>12</sup>.

Em agosto de 1978, o jornal foi alvo de um inquérito policial, que durou 12 meses. Os seus editores foram enquadrados na Lei de Imprensa, e poderiam receber até um ano de prisão por atentar contra a “moral e os bons costumes”. Conforme o relatório da CNV,

no dia 2 de abril de 1979, cinco editores compareceram à sede da Polícia Federal do Rio de Janeiro para serem indiciados criminalmente. No segundo semestre desse mesmo ano, os editores de São Paulo também foram indiciados criminalmente e, na mesma época, várias bancas de jornal em diferentes cidades do país foram vítimas de bombas de grupos direitistas que deixaram panfletos anônimos exigindo que os jornais alternativos ou revistas pornográficas, entre os quais o jornal *Lampião*, parassem de ser vendidos. O processo foi posteriormente arquivado por sentença do juiz da Vara Federal da Seção Judiciária Federal do Rio de Janeiro, porém a tentativa de silenciar uma voz nacional importante do incipiente movimento homossexual afetou o funcionamento do jornal e foi um dos fatores que levaram os editores a fecharem o periódico em 1981<sup>13</sup>.

O processo de transição democrática no Brasil foi marcado pela crescente busca por visibilidade e cidadania dos grupos homossexuais, entre fins da década de 1970 e início da década de 1980. Diversos movimentos sociais e organizações da sociedade civil desempenharam um papel fundamental na mudança de regime político. Nesse

---

<sup>12</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 306.

<sup>13</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 306.

sentido, na luta pelos direitos homossexuais, mas não apenas deles, ganhou destaque o jornal *Lampião da Esquina*, que ao longo de sua existência possibilitou um espaço de expressão e fala para a população LGBTI+, publicadas em sua seção de cartas <sup>14</sup>.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Ditadura, homossexualidades e imprensa alternativa no Brasil*, procura realizar uma contextualização histórica do período da ditadura civil-militar. Além disso, buscaremos analisar o contexto internacional da época, as motivações e iniciativas de criação de publicações voltadas para os leitores homossexuais e que tiveram uma circulação restrita no período.

O segundo capítulo da dissertação, sob o título “*Saindo do Gueto*”: o jornal *Lampião da Esquina* busca apresentar a estrutura e o conteúdo dos principais temas apresentados tratados pelo jornal. Podemos perceber que o jornal procura combater a imagem da homossexualidade e dos homossexuais como “doentes”, “anormais” e “perversos”. O jornal propunha à população homossexual “sair do gueto”, sendo um veículo pluralista aberto a diferentes pontos de vista, não apenas de homossexuais, mas também se alinhando ao plano de luta dos movimentos de mulheres e negros. Entre as temáticas tratadas no capítulo e abordadas pelo jornal ao longo de pouco mais de três anos de existência, estavam: a questão do preconceito contra o homossexual; a violência e perseguição sofrida por *gays*; a homossexualidade feminina; o papel das travestis; e as relações entre Igreja, religião católica e homossexualidades.

O terceiro capítulo, *As cartas estão na mesa: expressão e voz dos homossexuais nas páginas do jornal Lampião da Esquina*, por fim, consiste na análise da seção “Cartas na Mesa”. Nela, nota-se o diálogo dos leitores para com os editores e dos editores para com os leitores. As cartas expressam a voz do leitor homossexual, pois por meio delas, nota-se o desabafo, a euforia, o pedido de ajuda, a situação social do homossexual enquanto ser humano e principalmente, a exclusão social justificada pela homossexualidade. As cartas representam, além disso, um desabafo de vozes oprimidas, discriminadas e caladas pela repressão e pela sociedade. Para a análise das cartas foram selecionadas as mais relevantes de acordo com temas como elogios e críticas ao jornal, além da importância do jornal em relação aos preconceitos sofridos e relatados pelos leitores. Dessa forma, se construiu uma rede de sociabilidade, mas também de diálogo e

---

<sup>14</sup> Embora o tema da homossexualidade masculina tivesse um espaço de maior destaque nas páginas do *Lampião da Esquina*, o jornal, ao longo dos seus mais de três anos de existência, também daria espaço em suas matérias para discussões em torno do movimento feminista, do movimento negros e, em menor grau, do movimento indígena.

de interação com os leitores. Uma vez que as cartas funcionaram como instrumento de reivindicação de direitos, comunicação entre os homossexuais e também entre os leitores do *Lampião da Esquina* é possível ressaltar sua importância não só para o jornal, como também para a comunidade homossexual como um todo.

## CAPÍTULO 1

### DITADURA, HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA ALTERNATIVA

Ao analisar a complexidade da relação entre história, ditadura e homossexualidades no Brasil, James Green e Renan Quinalha reconhecem que, apesar do esforço analítico e da “profusão de reflexões nos últimos anos sobre o tema”, ainda existe uma “ausência de produção acadêmica mais profunda que se mostre capaz de analisar, com o devido cuidado, as questões relacionadas às sexualidades dissidentes e suas interações com as mudanças que marcaram o regime de 1964”<sup>15</sup>. Nesse sentido, os autores percebem que os trabalhos que tomam a questão da sexualidade como objeto de análise, geralmente ignoram a “sua relativa autonomia dos processos políticos mais gerais” ou discute-o “como se estivesse completamente desconectado da história do período”<sup>16</sup>.

O objetivo do primeiro capítulo desta dissertação, ao problematizar a relação entre ditadura, as homossexualidades e a chamada “imprensa alternativa”, é o de discutir o contexto histórico no qual surgiu o *Lampião da Esquina*, primeiro jornal de circulação nacional ao tratar abertamente da questão da homossexualidade no país. Para isso, com base na periodização proposta por Green e Quinalha, analisaremos as diferentes fases da ditadura e suas implicações para a vida dos homossexuais, desde o golpe de 1964 até os anos finais da década de 1970 e o início do processo de redemocratização. Além disso, também apresentaremos os jornais alternativos que também tratava da homoafetividade e que podem ser considerados como “precursores” do *Lampião*. Ainda que marcados pela efemeridade de suas publicações, estes jornais foram pioneiros na publicação de temas relacionados à homossexualidade e que, posteriormente, possibilitariam ao *Lampião da Esquina* alcançar leitores em todo o país.

Nesse sentido, é importante o balizamento histórico do ano de 1964 como um momento de importantes transformações políticas e sociais no país, a partir do golpe

---

<sup>15</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. Introdução. In: GREEN, James e QUINALHA, Renan. (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014, p. 18-19.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 19.



que levou à derrubada do governo de João Goulart e os efeitos da ditadura no cotidiano das pessoas homossexuais.

### 1.1- Homossexualidades, repressão e resistência: do golpe de 1964 ao AI-5

Ao investigar as relações entre a ditadura e homossexualidades sob a ótica das transformações que marcaram o regime instituído em 1964, James Green e Renan Quinalha observam o período entre 1964 e 1967 como corresponde a uma primeira fase da ditadura <sup>17</sup>.

Esse momento foi marcado por mudanças significativas na sociabilidade urbana de pessoas homossexuais. Conforme destacam os autores, em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, com o surgimento de espaços públicos direcionados principalmente aos homossexuais, houve uma maior visibilidade destas pessoas nos grandes centros urbanos, bem como uma maior tolerância em relação às homossexualidades nos meios de produção cultural e intelectual <sup>18</sup>. Segundo James Green, “a subcultura gay e lésbica das grandes cidades foi pouco afetada pelo golpe militar. [...] Bares recentemente abertos que serviam a uma clientela gay e lésbica mantiveram seu espaço para socialização” <sup>19</sup>.

Contudo, ao mesmo tempo em que se assistia a uma maior visibilidade dos grupos homossexuais, esse período também seria marcado pelo discurso conservador e moralista que justificaria o golpe de 1964. O regime autoritário revogou os direitos civis, intensificando a repressão e o controle sobre sindicatos de trabalhadores, bem como restringiu as liberdades públicas. A Constituição de 1967 ampliou os poderes do presidente, estabeleceu eleições indiretas, restringiu o direito de greve e ampliou as ações da justiça militar. Além disso, foram instituídos no país, em 1967, o Código Brasileiro de Telecomunicações e a Lei da Imprensa <sup>20</sup>, e, em 1969, a Lei de Segurança Nacional <sup>21</sup>, que definia os crimes que atentassem contra a “segurança nacional” <sup>22</sup>. De

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>19</sup> GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, vol. 15, 2000, p. 280-281.

<sup>20</sup> BRASIL. *Lei nº 5.250*, “Regula a liberdade de manifestação do pensamento e da informação”. Brasília, de 9 de fevereiro de 1967.

<sup>21</sup> BRASIL. *Decreto-Lei nº 314*. “Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências”. Brasília, 13 de março de 1967.

<sup>22</sup> De acordo com Carlos Fico, “pode-se falar, sem exagero, de uma paranoia que se manifestava, constantemente, como delírio persecutório, gerador de uma suspeição universal. Nos dossiês da comunidade de informações, insuspeitas personalidades liberais, ou mesmo conservadoras, foram

acordo com o relatório final da CNV, todas “ofereceram instrumentos formais e legais para controlar o acesso à informação e as possibilidades de moldar o conteúdo de programação dentro dos estreitos parâmetros ideológicos do regime”<sup>23</sup>.

De acordo com Daniel Aarão Reis Filho, “em seus últimos meses de governo, Castelo Branco efetuou ações estratégicas no sentido de institucionalizar a ditadura, dotando-a de um estado de direito autoritário que pudesse, porém, prescindir do recurso continuado a atos e exceção”<sup>24</sup>. Nesse sentido, James Green e Renan Quinalha observam que os parâmetros de moralidade constituíam o alicerce do discurso acionado pelo regime militar para reprimir a liberdade de expressão da sexualidade de pessoas homossexuais<sup>25</sup>. Os autores verificam que as homossexualidades representavam, para as ideologias que sustentavam a ditadura, uma ameaça aos valores tradicionais e morais da família brasileira, sustentados pelos padrões heteronormativos.

Segundo destacado no relatório final da CNV, a *Revista Militar Brasileira*, apoiadora e entusiasta do golpe, publicou uma série de artigos sobre o “perigo da homossexualidade” e sua relação com o “declínio moral” da sociedade brasileira. Em 1968, por exemplo, o general Moacir Araújo Lopes escreveu um texto no qual associava a “aceitação do homossexualismo” à “vulgarização, entre a mocidade, do uso de entorpecentes e de anticoncepcionais, o enaltecimento do adultério e a aceitação pública da troca de esposas por uma noite”<sup>26</sup>. Araújo Lopes também publicou um artigo na revista *Defesa Nacional* acusando a “subversiva filosofia” do intelectual francês Herbert Marcuse de promover o “homossexualismo” em conjunto com “exibicionismo, *fellatio* e erotismo anal”. As publicações de Marcuse, na visão do general, seriam parte de um plano de “ações no campo moral e político que [...] conduzirão seguramente ao caos, se antes não levassem ao paraíso comunista”<sup>27</sup>.

Da mesma forma, Humberto Ruy de Azevedo Simões, assistente da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), entendia que a publicidade sobre a

---

acusadas de comunismo. [...] Uma pichação poderia conter ameaças à ‘segurança nacional’”. FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 180.

<sup>23</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 305.

<sup>24</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 63.

<sup>25</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. Introdução... Op. cit., 2014, p. 21.

<sup>26</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 302.

<sup>27</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 302.

homossexualidade era “um incentivo muito forte à prática do homossexualismo, sempre lastreado em nome de pessoas que conseguiram celebridade, fama e destaque junto à sociedade, devido suas atividades profissionais, apesar de serem homossexuais”<sup>28</sup>.

O relatório final da CNV também destaca que

um analista da Escola Superior de Guerra comentou que, na “época contemporânea”, a sociedade está ameaçada com “a busca do prazer imediato, o hedonismo coletivo (...), a desagregação familiar (...), a permissividade moral quase sem limites (...), a exacerbação da sexualidade e o quase incentivo ao homossexualismo”. A ideia do incentivo à homossexualidade, especialmente na época da distensão, quando do surgimento de novos movimentos sociais no Brasil, ficou consolidada como uma das ameaças principais caso houvesse uma volta à democracia e refletia como a visão oficial sobre a homossexualidade estava completamente associada com comunismo e subversão<sup>29</sup>.

Benjamin Cowan, ao analisar documentos oficiais do Sistema Nacional de Informações (SNI) e da Escola Superior de Guerra (ESG), observou que os ideólogos da repressão do regime militar recorreram a uma visão, presente desde o movimento integralista dos anos 1930, que concebia a homossexualidade, sobretudo a masculina, como uma subversão e que ameaçava a segurança nacional. Esses ideólogos compreendiam a homossexualidade masculina “como uma prática degenerativa, furtiva e de efeminados, que [...] variavelmente associaram com subversão comunista e vulnerabilidade política”<sup>30</sup>.

James Green observa que uma verdadeira “caça as bruxas” e um pânico moral foi instituído em torno dos sujeitos que não se enquadravam nos padrões da heteronormatividade. Assim, segundo Cowan,

o perigo, então, não só a feminilidade pública, mas a ideia de que as várias encarnações da homossexualidade pública, das bichas e dos cabeleireiros na televisão até a nova imprensa gay, identificada como tal, aliciariam as pessoas à prática da homossexualidade ou – pior ainda – tornarem-se homossexuais auto identificados e denominados<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 303.

<sup>29</sup> BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014, p. 302-303.

<sup>30</sup> COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James e QUINALHA, James (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014, p. 32.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 37.

O ano de 1968, conforme a periodização proposta por James Green e Renan Quinalha, corresponde a uma segunda fase das relações entre homossexualidades e ditadura no Brasil <sup>32</sup>.

É necessário destacar que a década de 1960 representou um período de importantes transformações no comportamento da sociedade ocidental. A contestação das instituições de poder, a liberalização sexual, as mudanças nos códigos de vestuário, a descoberta das drogas, o surgimento da pílula anticoncepcional, entre outras mudanças, modificaram as atitudes e mentes dos jovens daquela geração. Conforme observou o sociólogo Renato Ortiz, esse período pode ser considerado como “um momento de liberalização dos costumes, com o consumo de drogas, a liberdade sexual, a emancipação feminina que não eram epifenômenos que pudessem ser administrados por uma determinada concepção de mundo conservadora” <sup>33</sup>.

No Brasil, o ano de 1968 também seria marcado por uma efervescente mobilização política, cultural e social com a luta contra a intensificação da ditadura e a violência dos aparatos de repressão <sup>34</sup>.

Para a historiadora Angélica Müller, o ano de 1968 representou o “início da problematização da identidade masculina, um período de redefinição para os papéis desempenhados pelas mulheres e de gestação do feminismo e do movimento *gay* no país” <sup>35</sup>. Tratava-se, portanto, de um período marcado pelas mudanças sociais e culturais que caracterizavam a “revolução sexual”, proporcionando a ampliação de espaços para a sociabilização homossexual. Mudanças sociais e culturais que eram entendidas, segundo a visão dos setores da direita, como uma ameaça aos “valores morais” da tradicional família brasileira.

Contudo, o decreto do AI-5, em dezembro daquele ano, desarticulava todos os movimentos de resistência que contestavam o uso da censura e da violência direta do Estado, bem como qualquer possibilidade institucionalizada de uma organização coletiva das pessoas LGBTI+.

---

<sup>32</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. Introdução. Op. cit., 2014, p. 21.

<sup>33</sup> ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 122-123.

<sup>34</sup> RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, vol. 3, p. 135-159.

<sup>35</sup> MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos "anos 1968". In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. (org.). *História dos Homens no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013, p. 300.

O Ato Institucional nº5, entre outras medidas, suspendia os direitos políticos e civis; o direito a *habeas corpus*, possibilitando prisões sem ordem judicial; a intervenção nos estados e municípios; a intensificação da censura e da tortura; além da determinação de fechamento do Congresso por tempo indefinido. No entanto, alguns meses depois do decreto do AI-5, o então presidente Costa e Silva sofreria um derrame, tendo, por isso, que se afastar do governo. No entanto, seu vice, o civil Pedro Aleixo, foi impedido de assumir o comando do país. Com isso, em outubro de 1969, o Congresso foi reaberto somente para aprovar a indicação à presidência do general Emílio Garrastazu Médici, que governou o país entre 1969 e 1974.

## **1.2- Homossexualidades, repressão e resistência: dos “anos de chumbo” ao processo de redemocratização**

De acordo com Peter Fry e Edward MacRae, “[...] não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que ideias e práticas a ele associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades”<sup>36</sup>. Nesse sentido, é preciso compreender o contexto histórico marcado pela repressão e perseguição e pelo conservadorismo imposto pela ditadura, na qual a luta dos homossexuais por direitos e visibilidade está inserida. Nesse sentido, Simões e Facchini argumentam que,

o desabrochar de um movimento homossexual no Brasil se deu no final da década de 1970, com o surgimento de grupos voltados explicitamente à militância política, formados por pessoas que se identificavam como homossexuais (usando diferentes termos para tanto) e buscavam promover e difundir novas formas de representação da homossexualidade, contrapostas às conotações de sem-vergonhice, pecado, doença e degeneração. Considerando tais características – de aglutinar pessoas dispostas a declarar a homossexualidade em público e que se apresentavam como parte de uma minoria oprimida em busca de alianças políticas para reverter essa situação de preconceito e discriminação<sup>37</sup>.

No Brasil, de acordo com James Green e Renan Quinalha, os chamados “anos de chumbo”, entre 1969 e 1973, marcariam a terceira etapa do regime militar. Este período foi marcado, de um lado, pela intensificação da repressão e do terrorismo de Estado,

---

<sup>36</sup> FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 10.

<sup>37</sup> FACCHINI, Regina e SIMÕES, Júlio Assis. *Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 13.

com a desarticulação de grupos da esquerda armada; por outro lado, pelo crescimento acelerado da economia brasileira durante o chamado “milagre econômico”<sup>38</sup>.

Neste período, nos grandes centros urbanos, houve uma expansão significativa do poder de consumo, sobretudo dos setores médios da sociedade, o que, por sua vez, também proporcionou uma ampliação dos espaços de sociabilidade para pessoas com condutas homossexuais. Contudo, deve-se ressaltar que estes novos espaços permaneciam sob forte vigilância e o controle do Estado. Deste modo, as práticas repressivas, sob a forma, por exemplo, de batidas policiais a espaços freqüentados por homossexuais, colocavam limites a esta forma de sociabilidade<sup>39</sup>.

Reforçadas pelo discurso moralista da ditadura, as homossexualidades eram entendidas e tratadas como uma doença, necessitando, segundo o Serviço de Assistência Médica e Social do ministério da Saúde, de exames psiquiátricos e proctológicos. Segundo a ideologia do governo militar, era necessário que o homossexual fosse tratado, corrigido ou eliminado. De acordo com Carlos Fico,

esses preconceitos, evidentemente, não surgiram com a ditadura militar. Ela apenas forneceu aos moralistas e conservadores, então no poder, os meios para agirem. O que há de peculiar durante o regime militar, sobretudo após o AI-5, é que tais preconceitos foram utilizados pelos órgãos de informações para alimentar seus dossiês por meio da combinação entre 'desvio moral' e 'subversão' e, também, tendo em vista a técnica de inculpação que majoritariamente utilizavam<sup>40</sup>.

A partir do ano de 1974, observava-se o início de um processo de abertura do regime militar no país, ainda que de forma “lenta, segura e gradual”. Nesse período, observou-se uma reorganização dos setores de oposição à ditadura. Segundo Edward MacRae,

No final da década de 70, o Brasil começava a respirar ares mais otimistas. Para muitos, estávamos no limiar de novos tempos, mais justos e mais humanos. Grandes transformações se anunciavam como indicação do encerramento da vigência de uma ditadura férrea e sanguinária, e a sociedade civil ressurgia politicamente com importantes manifestações de protestos de trabalhadores, empresários, intelectuais e estudantes<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> SÁ EARP, Flávio e PRADO, Luís Carlos. O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967- 1973). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília. (orgs.), *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 4, 2003.

<sup>39</sup> OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James e QUINALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014, p. 149-176.

<sup>40</sup> FICO, Carlos. Espionagem, polícia política... Op. cit., p. 169.

<sup>41</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: Ed. UFBA, 2018, p. 93.

Em 1977, as mobilizações de estudantes se espalham pelo país, criando um imaginário contestador do regime autoritário. Além dessas mobilizações da juventude estudantil, o Brasil testemunhou, em maio de 1978, as greves realizadas pelos metalúrgicos na região do ABC paulista, dando início a uma vigorosa demonstração de força do chamando “novo sindicalismo” no país. De acordo com Sebastião Velasco e Cruz e Carlos Estevão Martins, “com a greve do ABC e o movimento que ele precipita, abre-se um espaço enorme no campo das ideias e no imaginário político”<sup>42</sup>. Dois anos depois das históricas greves do ABC, era fundado, em 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1979, após uma ampla mobilização nacional, o general João Baptista Figueiredo sancionou a chamada Lei da Anistia. Inicialmente, a anistia não contemplava aqueles que haviam participado dos “crimes de sangue”, estendendo-a, posteriormente, a todos os prisioneiros e exilados políticos<sup>43</sup>. Ao promover a anistia dos tradicionais opositores da ditadura, essa lei também serviu para absolver os atos de violência e arbitrariedade promovidos pelos órgãos e agentes oficiais de repressão do Estado brasileiro, responsáveis pela tortura, assassinato e desaparecimento de centenas de pessoas<sup>44</sup>.

Outro importante movimento político ocorrido neste período foi o movimento das Diretas Já, de defesa do retorno de eleições diretas para a presidência da República. Tendo início em maio de 1983, o movimento suprapartidário ganhou dimensões políticas e sociais mais amplas, resultando, nos primeiros meses de 1984, em uma série de comícios e atos de rua que mobilizaram milhões de brasileiros na campanha pela sucessão do governo do general Figueiredo, último presidente do regime militar.

Também entre a segunda metade da década de 1970 e o início dos anos 80, que ocorre uma abertura para os movimentos e as produções socioculturais, a exemplo da criação, em 1978, do jornal *Lampião da Esquina*, considerado uma referência fundamental para o movimento homossexual brasileiro. Contudo, antes do *Lampião da Esquina* alcançar leitores em todo o Brasil, outros jornais voltados para o público gay podem ser considerados os “precursores” da imprensa homossexual.

---

<sup>42</sup> CRUZ, Sebastião Velasco e MARTINS, Carlos Estevão. De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da abertura. In: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares e SORJ, Bernardo (orgs.). *Sociedade e Política no Brasil pós 64*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 59.

<sup>43</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 94.

<sup>44</sup> Oficialmente, a Comissão Nacional da Verdade confirmou, em seu relatório final, 434 mortes e desaparecimentos de vítimas da ditadura militar no país. Entre essas pessoas, 210 são desaparecidas. Contudo, especula-se que este número pode ser ainda maior.

### 1.3- Os “precursores” do Lampião da Esquina: a “imprensa alternativa” e os jornais voltados aos homossexuais durante a ditadura

No cenário internacional, sobretudo nos EUA, as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pelo surgimento de importantes jornais e revistas voltadas para a discussão em torno da homossexualidade. Os primeiros periódicos impressos de forma industrial e distribuídos nacionalmente vão surgir, primeiramente, na Califórnia <sup>45</sup>. Em 1953 foi fundada a revista *One*. Segundo Jorge Caê Rodrigues,

*One* torna-se o marco principal da imprensa gay nos Estados Unidos e a referência para um estudo sobre imprensa gay no ocidente. Os ensaios pessoais dominavam a linha editorial da revista. Mensalmente a revista aparecia trazendo um editorial, descrições de projetos de pesquisa pertinente à comunidade gay e lésbica (apesar de a revista ser essencialmente masculina), lista de livros recentemente publicados, artigos sobre a homossexualidade e cartas do leitor. A revista proporcionava aos leitores uma visão positiva do mundo gay <sup>46</sup>.

Pouco depois, em 1955 foi criada a *Mattachine Review* e, no ano seguinte, a *The Ladder*. Na década de 1960, dois periódicos se destacaram pela abordagem da temática da homossexualidade em suas páginas: a revista *Vector* e o jornal *Advocate*.

A revista *Vector* foi fundada na cidade de San Francisco, em dezembro de 1964, pela Society for Individuals Rights, uma organização que lutava pelos direitos dos homossexuais. Caê Rodrigues explica que o periódico se destacava das outras publicações por adotar “um formato mais confortável de ler e manusear: o tamanho do papel-carta” <sup>47</sup>. Além disso, segundo o autor, a revista foi responsável pela expansão do “conceito de militância gay”, uma vez que “para a revista, qualquer evento abertamente envolvendo a comunidade homossexual é uma ação social. Em outras palavras, a dança, a ida ao teatro ou ao boliche, os bares, os passeios nos parques públicos servem como declaração política” <sup>48</sup>. Da mesma forma, a *Vector* seria a primeira revista a mostrar “a comunidade gay divertindo-se, seja por meio de fotos de eventos sociais [...], ou de matérias enfocando a vida cotidiana dos gays” <sup>49</sup>. A *Vector* também seria uma das primeiras a publicar em suas páginas anúncios de estabelecimentos, como bares e

---

<sup>45</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2010, p. 28.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 34.



saunas, dirigidos ao público homossexual. A partir de 1969, as publicações da revista começariam uma campanha, ainda que discreta, para que os homossexuais assumissem a sua condição, em que “os gays deveriam dizer para seu amigo, para sua família, para os colegas de trabalho, enfim, para quem pudesse, que eram homossexuais”, dando maior “visibilidade à comunidade gay”<sup>50</sup>. Caê Rodrigues também destaca que “outro aspecto importante da revista é que a partir de 1969 ela passa a estampar fotos de nu frontal masculino, elemento que se tornará uma característica da maioria dos periódicos da imprensa gay americana a partir dos anos 1970”<sup>51</sup>.

O jornal *Advocate* foi lançado na cidade de Los Angeles, em setembro de 1967. Originalmente se chamava *The Los Angeles Advocate*, sendo o primeiro jornal gay dos EUA. Em maio de 1970 passaria a se chamar apenas *Advocate*. Apesar de se autodenominar uma revista, apresentava o formato de um jornal. Somente em 1974 é que a *Advocate* ganharia o formato de revista e, um ano depois, passa a ter publicação bissemanal. Originalmente, o jornal publicava apenas reportagens jornalísticas, não tendo em seu conteúdo material de ficção. Segundo Jorge Caê Rodrigues,

embora a grande arma do *Advocate* fosse divulgar as conquistas do movimento gay, ou denunciar as injustiças cometidas contra os homossexuais, ele tinha colunas pessoais, editorial, crítica de filmes e livros, e um calendário de atividades sociais na cidade. O periódico desde o início foi implacável na sua posição de defender os direitos dos gays<sup>52</sup>.

Em 1974, o periódico foi comprado por David B. Goodstein, milionário homossexual “que resolve investir sua fortuna na imprensa gay”. Conforme aponta Caê Rodrigues,

a compra trouxe mudanças gráficas e ideológicas para o jornal. Primeiro ele deixa de ser um jornal para se tornar uma revista, com um projeto gráfico bem mais moderno e audacioso. E passa a ser o porta-voz de uma nova geração de gays que já não se preocupa em esconder sua orientação sexual. Pelo contrário, os gays dos anos 1970 exibem seus corpos e desejos por dezenas de bares, boate e saunas que se proliferam pelas cidades dos Estados Unidos. Com o subtítulo de ‘Touching Your Lifestyle’, o *Advocate* torna-se uma revista de entretenimento e cultura, feita para este público pós - Stonewall<sup>53</sup>.

---

<sup>50</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 36.

As mudanças também se deram na parte gráfica. A revista passou “a ter um layout mais dramático” com fotos de página inteira. Além disso, assim como na revista *Vector*, segundo Caê Rodrigues, “a nudez masculina passa a ser o maior o maior interesse dos leitores, depois de muitas lutas contra as leis que proibiam a publicação e as remessas por correio de periódicos com nudez frontal”<sup>54</sup>.

Outro importante episódio na luta dos homossexuais por direitos e visibilidade refere-se às chamadas rebeliões de *Stonewall*. Jorge Caê Rodrigues explica que esse episódio

[...] ocorreu em um bar, Stonewall, muito frequentado por gays, lésbicas e travestis de Nova Iorque, Estados Unidos, em 28 de julho de 1969. Insatisfeitos com as duras policiais que ocorriam frequentemente no estabelecimento, seus usuários, em uma manifestação espontânea, resolveram enfrentá-los. As manifestações duraram uma semana e no ano seguinte organizaram a primeira parada do orgulho LGBT. A partir de então, aumentou no mundo o número de grupos que se identificavam por homossexuais<sup>55</sup>.

As revoltas de *Stonewall* foram, portanto, um marco divisor na luta pelos direitos da população homossexual<sup>56</sup>. Jorge Caê Rodrigues, ao explicar a importância histórica que representou o episódio ocorrido no bar nova-iorquino em 1969, afirma que

este incidente acaba por se tornar um marco histórico, conhecido como o início da luta dos *gays* pela cidadania plena. É claro que já houvera outros indivíduos que lutaram por uma vida fora dos guetos, mas estou aqui me referindo à manifestação de uma nova postura perante a sociedade, de acordo com a qual é possível viver sem constrangimentos e com mais dignidade; esta atitude pode ser vista nas inúmeras manifestações públicas que aconteceram pós - Stonewall<sup>57</sup>.

As rebeliões de *Stonewall* serviram de inspiração para outros movimentos e manifestações em defesa da diversidade sexual pelo mundo. James Green observa que “as notícias do surgimento do movimento de libertação gay em 69, após a rebelião de Stonewall em Nova York, chegaram à América Latina no começo dos anos 70, e incentivaram a formação de grupos na Argentina, México e Porto Rico”<sup>58</sup>. O autor

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>56</sup> Segundo Jorge Caê Rodrigues, “o legado mais importante da ‘Rebelião de Stonewall’ foi ela ter se transformado de um simples momento de emoção à flor da pele em um movimento de racionalização, de sistematização da luta, de inauguração e prolongamento de ações políticas que deixarão marcas profundas nos corpos e mentes de gays e lésbicas”. Ibidem, p. 49.

<sup>57</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 36.

<sup>58</sup> GREEN, James. *Mais amor e...* Op. cit., 2000, p. 281.

aponta, contudo, que no Brasil, a violência política e a repressão da ditadura, impossibilitaram a formação de um movimento *gay* no país.

A censura e o controle da imprensa foram algumas das características mais marcantes do autoritarismo imposto a partir do golpe de 1964. De acordo com James Green e Renan Quinalha, os jornais e revistas, “ao mesmo tempo em que foram alvos privilegiados das políticas de repressão e de controle, acabaram se constituindo como atores fundamentais para a redemocratização brasileira”<sup>59</sup>. Conforme observa Vinicius Coelho,

[...] grupos políticos com interesses comuns elaboravam prelos e buscavam legitimar seus ideais. O jornal se mostrava uma ferramenta importante, pois, seu intuito era fazer com que os indivíduos compactuassem com interesses da categoria estampados nas páginas dos impressos<sup>60</sup>.

Dentro do cenário de forte repressão política e censura imposta aos meios de comunicação pela ditadura ganhou destaque no país a circulação, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, um tipo de imprensa denominada “imprensa alternativa”<sup>61</sup>. Segundo Edward MacRae,

uma das transformações importantes que ocorriam na época dava-se na imprensa, onde, desde a instalação do regime militar, um severo controle oficial era exercido sobre tudo o que se publicava. Para escapar dos rigores da censura e da autocensura, vigentes especialmente na grande imprensa, alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais, de tiragem irregular, usando técnicas quase artesanais de impressão. Nascia, assim, a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”<sup>62</sup>

Entre 1964 e 1980, de acordo com Marcus Assis Lima, “nasceram e morreram cerca de 150 periódicos, que circulavam na periferia do subsistema editorial”<sup>63</sup>. Para Carlos Ferreira, a imprensa alternativa “foi uma segmentação jornalística de caráter

---

<sup>59</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. Introdução. Op. cit., 2014, p. 11.

<sup>60</sup> COELHO, Vinicius. *Lampião da Esquina: porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014, p. 14.

<sup>61</sup> É importante destacar que a “imprensa alternativa” não surgiu com a ditadura militar. Suas origens se confundem com a própria história da imprensa no Brasil e remontam ao século XIX. De acordo com Flávio Aguiar, “a própria imprensa brasileira começou com um alternativo, o Correio Braziliense, fundado por Hipólito Jose da Costa em 1808, em Londres, entre outras coisas para lutar pela independência do nosso então futuro país, [...]. Durante o Império houve vários alternativos. [...]. Na Primeira República também houve alternativos, [...]”. AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 234.

<sup>62</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade...* Op. cit., 2018, p. 141.

<sup>63</sup> LIMA, Marcus Antônio Assis. De alternativa à grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da mídia alternativa: história e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009, p. 235.

político, que transgredia a ideia mercadológica adotada pelos grandes veículos de comunicação do país”<sup>64</sup>. Da mesma forma, Millôr Fernandes observa que a imprensa alternativa “sempre esteve à margem do processo editorial do mercado”<sup>65</sup>.

De acordo com Bernardo Kucinski,

a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham, e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística, sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia; outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo. À medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos<sup>66</sup>.

Em geral, as revistas e os jornais alternativos possuíam três características principais. A primeira delas refere-se à efemeridade de suas publicações. De curta existência, estes impressos eram editados e, pouco tempo depois, deixavam de existir. Segundo Flávio Aguiar, “os alternativos são o exemplo de uma característica da vida cultural brasileira: a continuidade na descontinuidade. Isto é, os jornais e revistas surgem, duram relativamente pouco tempo, uns mais, outros menos [...]”<sup>67</sup>.

Outra importante característica da “imprensa alternativa” estava relacionada ao conteúdo contra-hegemônico de seu discurso, operando às margens da atuação dos veículos de comunicação de massa. Especialmente durante a ditadura, os impressos alternativos se apresentam como um meio de comunicação que se opunha aos valores sociais dominantes, lutando contra a “grande imprensa” e seu discurso hegemônico.

Por fim, um terceiro traço comum à maioria dos impressos alternativos era a produção artesanal de suas edições (manuscrita ou, em alguns casos, datilografada) e a limitação de sua capacidade de circulação. Em geral, revistas e jornais alternativos

---

<sup>64</sup> FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. In: *Revista Alterjor*, vol. 1, nº 1, 2012, p. 3.

<sup>65</sup> FERNANDES, Millôr. *Imprensa Alternativa & Literatura: os anos de resistência*. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular. Rio de Janeiro: RioArte, 1987, p. 9.

<sup>66</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 16.

<sup>67</sup> AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa...* Op. cit., 2008, p. 235.

circulavam localmente, distribuídos de mão em mão, com grandes dificuldades de distribuição de seus exemplares <sup>68</sup>.

Mesmo tendo sua origem ainda no século XIX, é durante a ditadura que revistas e jornais alternativos ganham uma maior projeção. De acordo com Flávio Aguiar, a conjugação de fatores como “produtores insatisfeitos com suas condições de trabalho, meios técnicos em transformação, massa de leitores insatisfeitos com o que liam – foi o caldo de cultura favorável para a proliferação da imprensa alternativa [...]” <sup>69</sup>. Júlio Assis Simões e Regina Facchini, por sua vez, observam que o período da ditadura é, também,

[...] paradoxalmente, um tempo de grande efervescência artística e de contestação cultural no país. Com a grande imprensa manietada pela censura, surgem jornais alternativos, fora das grandes empresas de mídia, em formato de tablóide, que funcionam como veículo de crítica política e cultural <sup>70</sup>.

Em geral, as publicações da “imprensa alternativa” possuíam como objetivo comum a crítica aos valores sociais dominantes e hegemônicos, sobretudo a denúncia das ações dos militares. Dentro deste tipo de imprensa, alguns jornais e revista se destacaram por tratarem do tema da homossexualidade. Além da estigmatização dos homossexuais pela sociedade, a produção e a circulação destes periódicos representavam – em um momento de censura e controle dos canais de comunicação pela ditadura – um enorme desafio, não apenas para os seus editores como também para seus próprios leitores. Conforme aponta Jorge Caê Rodrigues,

a imprensa gay no Brasil, como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve de procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis <sup>71</sup>.

---

<sup>68</sup> De acordo com Rita de Cássia Colaço Rodrigues, esses jornais “eram feitos de forma artesanal, mas muito criativa. Não dispunham de uma estrutura comercial, sendo confeccionados em xérox, mimeógrafo ou mesmo numa simples folha datilografada que circulava de mão em mão”. RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Uma conversa informal sobre homossexualismo*. Rio de Janeiro: Art. Gráfica e Editora, 1984, p. 59.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>70</sup> SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 74.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 43-44.

O encontro deste espaço coletivo encontrado pelos homossexuais na imprensa alternativa também é destacado por Vinícius Coelho, ao observar que

os periódicos LGBTs no Brasil surgem a partir da necessidade de problematizar questão sobre a (HOMO)sssexualidade, dar voz a uma parcela da sociedade, combater um sistema que os tornavam invisíveis, construir um refúgio coletivo e, sobretudo, sair da marginalidade. Esse ‘refúgio coletivo’ torna-se também um espaço de sociabilidade, trocas de experiências e angústias. A coletividade homossexual no período militar no Brasil, sem dúvida, foi relevante para o surgimento de periódicos, grupos, todos em defesa dos direitos dos gays <sup>72</sup>.

Em geral, grande parte do conteúdo destes periódicos homossexuais “falava de amenidades e acontecimentos mundanos, embora também houvesse indicações culturais, reportagens, classificados, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos de jornais e revistas de grande imprensa” <sup>73</sup>. A distribuição, segundo Edward MacRae,

era geralmente feita de mão em mão, nos lugares de encontro dos homossexuais: boates, bares e restaurantes, por exemplo. Embora sua circulação fosse geralmente minúscula, esses zamiztats da homossexualidade ocasionalmente atraíam as atenções da repressão policial. Anuar Farah, por exemplo, uma vez foi chamado para comparecer ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro para prestar declarações sobre o seu *Le Femme*, mas a polícia não achou necessário levar o assunto adiante <sup>74</sup>.

Em geral, os autores dos jornais alternativos voltados para o público homossexual assinavam seus textos utilizando-se de pseudônimos femininos. Como aponta Peter Fry, isto se devia, possivelmente, a duas razões: o medo de que sua vida profissional e familiar sofresse prejuízo em função da revelação de sua identidade e o fato de que, na época, a maioria dos homens que se consideravam homossexuais ainda aderiam ao sistema tradicional na qual as “bichas” eram associadas ao papel de gênero feminino <sup>75</sup>.

Entre a década de 1960 e meados da década de 1980, circularam no Rio de Janeiro mais de vinte títulos: *O Snob* (1963), editado por Agildo Magalhães, *Gente Gay* (1977), *Okzinho* (1983), da Turma OK, além do *Lampião da Esquina* (1978). Outros impressos homossexuais que se tem registro foram: *Subúrbio à Noite*, *Aliança de*

---

<sup>72</sup> COELHO, Vinícius. *Lampião da...* Op. cit., 2014, p. 49.

<sup>73</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade...* Op. cit., 2018, p. 137-138.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>75</sup> FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter (org.) *Para inglês ver: identidade política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87.

*Ativistas Homossexuais, Eros, La Saison, O Centauro, Boletim Informativo da Caixinha, O Vic, O Grupo, Darling, Gay Press Magazine, 20 de Abril, O Centro e O Galo, Mundo Gay, Entender, Galeria Alegria, Pleigui, Gayvota, Triângulo Rosa e Jornal Jotobá.* Em Niterói havia *Os Felinos* (1967), *Le Femme* (1968), *O Estábulo, Opinião, O Mito*; em Campos dos Goytacazes, circulou o periódico *La Sophistique* (1966); e, na Baixada Fluminense, foi editado o jornal homossexual *Boca Negra* (1981).

*O Snob*, editado entre 1963 e 1969, no Rio de Janeiro, é considerado por Flávia Peret como o primeiro impresso assumidamente homossexual a circular no país<sup>76</sup>. Porém, como aponta Vinícius Cordão em sua dissertação de mestrado, “ao que parece, o jornalismo homossexual teria se iniciado alguns anos antes”. De acordo com o autor, “a Turma Ok havia lançado, em 1961, o jornal o *Taradinho* que se fundiria com o *Glamour*, dando origem ao jornal *Terceira Força*. [...] No *Snob* há referências aos seus predecessores”<sup>77</sup>. Ribeiro Cordão menciona, ainda, a existência de um “outro possível marco de origem”, que seria a referência feita pelo jornal *Le Femme* à publicação *La Vedetta*, que teria sido criado na cidade Campos dos Goytacazes, ainda em 1958. Contudo, o autor afirma não encontrar “nenhuma menção a esse jornal no restante da imprensa, enquanto os jornais da Turma OK são mencionados em diversas ocasiões pelo *Snob* e *Okzinho*”. Nesse sentido, para Vinícius Cordão, “os jornais semanais lançados pela Turma OK seriam, assim, a gênese do projeto de criação de uma imprensa homossexual brasileira”<sup>78</sup>.

Jorge Caê Rodrigues, por sua vez, destaca a importância de *O Snob* para o desenvolvimento da imprensa homossexual no país. Segundo o autor, a partir de sua publicação, “há uma produção mais alargada para esse público”<sup>79</sup>.

*O Snob* foi o primeiro de vários periódicos homossexuais lançados por Agildo Guimarães. Segundo observam Ana Kelma Cunha Gallas e Yakowenko Guerra de Oliveira,

Ao criar *O Snob*, Agildo pretendia dar voz aos milhares de homossexuais que se encontravam na clandestinidade no país. O impresso, de estética bastante rudimentar, era distribuído de mão em mão no Rio de Janeiro. Uma das

---

<sup>76</sup> PERÉT, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 19.

<sup>77</sup> CORDÃO, Vinícius Ferreira Ribeiro. *Imprensa homossexual...* Op. cit., 2015, p. 57.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>79</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 42.

características dessa publicação era o direcionamento à florescente cultural gay brasileira que começava a ser estabelecer nos grandes centros urbanos<sup>80</sup>.

*O Snob* era, especialmente, consumido nos bares e cafés da Cinelândia e Copacabana<sup>81</sup>. Segundo Flávia Perét, “com o tempo, *O Snob* tornou-se conhecido dentro da comunidade *gay* carioca. Transformou-se numa mini revista, com capa, ilustrações coloridas, pequenos anúncios e mais de trinta páginas”<sup>82</sup>. Vinícius Cordão, por sua vez, aponta que “a publicação, com o passar dos anos, ganhou força, forma e perenidade, se tornando o periódico mais duradouro lançado nos anos sessenta: durou cinco anos”<sup>83</sup>.

Ao longo de sua existência, *O Snob* publicou mais de 100 números, em que se incluem duas edições extras e uma especial<sup>84</sup>. Segundo James Green, “o sucesso deste boletim mimeografado, com colunas de fofocas e figuras de homens vestidos de mulher nas capas inspirou a publicação de outras 30 revistas no Rio e no resto do país, e a formação da Associação Brasileira da Imprensa Gay, que durou de 67 a 68”<sup>85</sup>.

Júlio Assis Simões e Regina Facchini observam que,

*O Snob* se apresentava como ‘um jornal para gente bem’ e ‘que é do bom gosto’. [...] que as pessoas que giravam em torno da produção de jornal organizavam sua visão da homossexualidade a partir da oposição entre ‘bonecas’ e ‘bofes’, [...] sendo a ‘boneca’ representada idealmente como uma *femme fatale* ou uma *vamp* de Hollywood, com vários amantes e nenhum compromisso. [...] A boneca idealizada aqui não era a que se submetia ao ‘bofe’, mas que usava os atributos da feminilidade em seu favor, como se pode ver na bem-humorada lista com ‘Os Dez Mandamentos da Bicha’<sup>86</sup>.

Os “Dez Mandamentos da Bicha”, escrito por Agildo Guimarães, foi baseado na imprensa homossexual produzida nos EUA. De um modo irreverente, os mandamentos continham algumas “sugestões” de atitudes que os homossexuais do período deveriam ter, um “modo de agir homossexual”, sempre, com o bom humor característico do autor. São eles:

---

<sup>80</sup> GALLAS, Ana Kelma Cunha e OLIVEIRA, Yakowenko Guerra de. Publicações Destinadas aos Homossexuais no Brasil: *O Snob* (1963-1969) e *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Fortaleza, 2012, p. 4.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>82</sup> PERÉT, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2001, p. 19.

<sup>83</sup> CORDÃO, Vinícius. *Imprensa homossexual...* Op. cit., 2015, p. 58.

<sup>84</sup> COSTA, Rogério da Silva Martins. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960). In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, vol. 2, nº 2, jul.-dez. de 2010, p. 63.

<sup>85</sup> GREEN, James. *Mais amor e...* Op. cit., 2015, p. 281.

<sup>86</sup> FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. *Do movimento...* Op. cit., 2009, p. 69.



- 1- Amar todos os homens.
- 2- Nunca ficar com um só.
- 3- Beijar todos os bofes.
- 4- Evitar falar no futuro.
- 5- Quanto mais intimidade na cama melhor.
- 6- Fingir sempre que ama um só.
- 7- Nunca esquecer os bofes casados.
- 8- Evitar falar em dinheiro.
- 9- Não querer as mariconas.
- 10- Casar só por uma hora <sup>87</sup>

*O Snob* contava, ainda, com vários colaboradores que, em sua maioria, assinavam com pseudônimos, como Robinetti, Gigi Brayant, Pantera Cor-de-Rosa e Elke Stensoro <sup>88</sup>. A não identificação dos próprios nomes possivelmente expressava o medo e a insegurança, diante da discriminação e da repressão imposta pela ditadura. Seus conteúdos, como a coluna de fofocas, os concursos de contos e poesias, as matérias sobre moda e beleza, além do já citado “Dez Mandamentos da Bicha”, representavam a insubordinação frente ao modelo de sociedade heteronormativo e à moral católica.

Em junho de 1969, Agildo Guimarães e seus colaboradores decidiram interromper a publicação do jornal. Seus editores temiam ser confundidos com grupos clandestinos de esquerda e sofrerem perseguição por parte dos órgãos de repressão estatal <sup>89</sup>. Segundo Agildo Guimarães,

paramos com os jornais, porque, à medida que distribuíamos, a polícia também nos agarrava, pensando que eram panfletos. Depois viram que não eram... Mas, para não ter problemas maiores, demos um tempo e depois voltamos a circular <sup>90</sup>.

Vinicius Cordão aponta que dois colaboradores de *O Snob* ficaram presos por 22 dias no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) por estarem vendendo o jornal. Segundo o autor, “esse episódio foi decisivo no processo de desmobilização da cena homossexual, em especial no que se refere à produção jornalística” <sup>91</sup>.

James Green, por sua vez, observa que “a dissolução de *O Snob* em 1969 foi apenas mais um entre os inúmeros exemplos de precaução e até de paranoia que

<sup>87</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 24.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>89</sup> GREEN, James. *Mais amor e...* Op. cit., 2015, p. 281.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>91</sup> CORDÃO, Vinicius. *Imprensa homossexual...* Op. cit., 2017, p. 66

dominaram os dissidentes do governo militar ou os integrantes de setores marginais da sociedade”<sup>92</sup>.

A circulação de *O Snob* foi interrompida e mesmo com a desmobilização da produção jornalística homossexual, outros periódicos foram lançados durante o período da ditadura.

Em dezembro de 1976, algumas pessoas que faziam *O Snob* lançaram o impresso *Gente Gay*<sup>93</sup>. Segundo Jorge Caê Rodrigues, “feito de forma artesanal – o jornal era reproduzido por xérox – *Gente Gay* teve uma boa repercussão, chegando a ser impresso de forma industrial em dois números”<sup>94</sup>. O jornal também tinha como editor responsável Agildo Guimarães, que já havia criado *O Snob* e que depois também seria responsável pelo *Okzinho*, além de contar com a colaboração de Bianca Marie, José Rodrigues, José Roberto, De Paula, Jackie Magalona, Larry e Angelo de Marco<sup>95</sup>.

De acordo com Vinícius Cordão, o *Gente Gay* apresentava “melhorias no aspecto gráfico, mas mantinha o conteúdo do *Snob*, privilegiando, porém uma abordagem mais informativa” e tinha, como descrito pelo próprio jornal, o objetivo de “fazer acima de tudo, jornalismo informativo, comunicativo, abarcando sobretudo toda aldeia homossexual”<sup>96</sup>. De acordo com o autor, outra importante inovação trazida pelo *Gente Gay* foi “o início do hábito de assinar os textos ou se referir a personagens sem a utilização do pseudônimo” o que poderia “significar uma nova forma de lidar com a homossexualidade que estava começando a emergir”<sup>97</sup>.

Outro importante periódico homossexual de destaque que começou a circular durante a ditadura foi o jornal *Okzinho*, de 1983. Embora sua edição tenha sido posterior ao *Lampião da Esquina*, sua história está relacionada à *Turma Ok*. Segundo destaca Vinícius Cordão,

o *Okzinho* não foi o primeiro jornal lançado pela *Turma Ok*. O grupo havia produzido outros periódicos de circulação interna como *O Taradinho*, fundado por Antônio Peres e Itamar Dias Soares, que tinha nuances pornográficas. O conteúdo de teor erótico gerava dissenso entre parte dos sócios, o que levou a Léo Acyr Teixeira e Nyhlmar Amazonas lançarem *O*

---

<sup>92</sup> GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 409.

<sup>93</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 59.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>95</sup> CORDÃO, Vinícius. *Imprensa homossexual...* Op. cit., 2015, p. 68.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 68.

*Charme*, que por vez se fundiria com *O Truchê*, de Lisandro de Matos Peixoto, dando origem ao jornal *Glamour*<sup>98</sup>.

A Turma Ok foi fundada em 1962, no Rio de Janeiro, reunindo homossexuais que, ainda hoje, organizam eventos e atividades culturais, promovendo a socialização entre os seus participantes<sup>99</sup>. Um ano antes, o grupo já organizava reuniões semanais no apartamento de Antônio Peres, um dos membros fundadores do grupo, no bairro do Flamengo, na zona sul do Rio de Janeiro<sup>100</sup>.

Além de Antônio Peres, entre os fundadores da Turma Ok, estavam nomes como os de Maria Amélia, Nyhlmar Amazonas Coelho, Itamar Dias Soares, Lisandro de Matos Peixoto, os cantores Osny José e Carlos Chagas, além de Marlene Filardi, Leo Acyr Teixeira, Renê Patino, Djalma Alves de Souza e Francisco de Assis<sup>101</sup>. Uma das importâncias históricas da Turma Ok estava no fato de que a iniciativa de fundar o grupo representava uma ruptura com o machismo e o preconceito da sociedade da época, incentivando muitos homossexuais a se assumirem enquanto tal e a se sentirem acolhidos em um espaço em que existia a chamada “camaradagem”.

Ao longo da ditadura, o grupo teve uma trajetória marcada pela descontinuidade de suas atividades, devido, principalmente, ao recrudescimento do regime e ao aumento da escalada da repressão. De acordo com o site do grupo, “de 1961 a 1969, a Turma OK funcionou regularmente, as reuniões continuavam nos apartamento”<sup>102</sup>.

Com o endurecimento do regime a partir do AI-5, as atividades da Turma OK são encerradas. Os encontros só voltariam a acontecer regularmente a partir de 1980, com o processo de abertura do regime militar.

Vinicius Cordão destaca que, com a reestruturação do grupo, José Luiz Ferreira Bahiana, conhecido como Paizinho, passa a assumir “um papel central na tarefa de

---

<sup>98</sup> CORDÃO, Vinicius. As capas do Okzinho e o modelo hierárquico de homossexualidade. In: *XI Encontro Nacional de História da Mídia*, 2017, p. 5.

<sup>99</sup> Segundo Vinicius Cordão, “durante os anos de 1963 e 1964, existiam ao menos nove Turmas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro, sendo elas a Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma da Mafalda, Turma de Botafogo e o Grupo Snob. Essas redes de socialização funcionavam como agremiações que realizavam reuniões nos apartamentos de seus membros e discutiam sobre filmes, peças, literatura, além de realizar jogos, como o ‘jogo da verdade’ e ‘salada mista’, e performances ao som das grandes estrelas do rádio nacional e internacional. Com a consolidação de suas atividades e o crescimento exponencial de seus membros, as Turmas começaram a publicar pequenos jornais que, inicialmente, serviam como mecanismo de divulgação dos eventos. As publicações passam a ter centralidade nas dinâmicas sociais, servindo como o principal meio de circulação das notícias referentes aos acontecimentos do universo dos homens que mantinham relações com outros homens”. CORDÃO, Vinicius. As capas do... Op. Cit., 2017, p. 4.

<sup>100</sup> TURMA OK. Sítio: [www.turmaok.com.br](http://www.turmaok.com.br). Acesso em: 10/12/2019.

<sup>101</sup> TURMA OK. Sítio: [www.turmaok.com.br](http://www.turmaok.com.br). Acesso em: 10/12/2019.

<sup>102</sup> TURMA OK. Sítio: [www.turmaok.com.br](http://www.turmaok.com.br). Acesso em: 10/12/2019.

reunir antigos sócios e novos membros para a Turma em reuniões que passam a ocorrer em sua casa”<sup>103</sup>. Com reorganização da Turma OK, antigos membros, como Agildo Guimarães, retornaram ao grupo.

Editor de *O Snob*, um dos primeiros jornais homossexuais publicados no país, e fundador, juntamente com Anuar Farah, da Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG)<sup>104</sup>, Agildo Guimarães foi o responsável por criar o *Okzinho*, jornal pensado para ser o veículo de divulgação dos acontecimentos internos da agremiação<sup>105</sup>.

As capas do *Okzinho*, em geral, eram representadas por homens com indumentárias e posturas identificadas socialmente com elementos simbólicos pertencentes ao universo feminino. Muitos dos próprios membros da Turma Ok também eram chamados por nomes femininos. Agildo Guimarães, por exemplo, era Gilka Dantas. De acordo com Vinícius Cordão, “os codinomes auxiliavam esses personagens a manter o anonimato perante uma sociedade opressora, evitando possíveis retaliações, ao mesmo tempo, em que criava uma *persona* típica do ambiente criado nas Turmas”<sup>106</sup>.

Fora no Rio de Janeiro, foi em Salvador e em São Paulo que a imprensa homossexual se mostrou de forma mais vigorosa.

Em Salvador, Waldeiton di Paula, conhecido pelo seu trabalho como transformista e um dos mais ativos jornalistas homossexuais na cidade, editou entre outros impressos, *Fatos e Fofocas*, quinzenal que circulou entre 1963 e 1967 e que consistiu em um único exemplar manuscrito “que circulava de mão em mão até voltar ao seu posto de origem”<sup>107</sup>. De acordo com Edward MacRae, *Fato e Fofocas* era “feito à mão (as ‘fotos’ eram desenhos, com a tiragem de um exemplar único)”<sup>108</sup>. Nestes desenhos, segundo o autor, “os membros do grupo eram transformados em mulheres ‘finíssimas’ retratadas descendo de aviões intercontinentais, participando de coquetéis refinadíssimos ou simplesmente posando para a “câmera” de Di Paula”<sup>109</sup>. De acordo com Peter Fry, em um artigo de 1978 sobre a história da imprensa homossexual na Bahia publicada no *Lampião da Esquina*, em um contexto de forte repressão contra os

---

<sup>103</sup> CORDÃO, Vinícius. *Imprensa Homossexual...* Op. cit., 2017, p. 55.

<sup>104</sup> A ABIG, dirigida por Agildo Guimarães e Anuar Farah, tinha sede no Rio de Janeiro e funcionou entre 1962 e 1964, quando foi fechada pelo regime militar.

<sup>105</sup> Existe uma mudança na grafia do nome do jornal no decorrer de sua história. Até a edição de abril de 1987 ele era chamado exclusivamente de *Okzinho*. Posteriormente, começa a circular novas edições que trazem a palavra *Okeizinho* para nomear o impresso.

<sup>106</sup> CORDÃO, Vinícius. *Imprensa Homossexual...* Op. cit., 2017, p. 57.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>108</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., p. 140.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 140.

homossexuais, Waldeiton Di Paula foi capaz de produzir “um elemento de ligação e união, além da informação”<sup>110</sup>.

Waldeiton Di Paula também seria responsável pela publicação dos impressos: *Zéfiro*, editado em 1967, datilografado; *Baby*, de 1968, também datilografado, “com 50 exemplares reproduzidos por cópias reprográficas”<sup>111</sup>; e *Little Darling*, de 1970, com uma tiragem expressiva de 100 exemplares, que se diferenciava dos demais impressos por apresentar, “além de fofocas da comunidade homossexual baiana, crítica de cinema e teatro e acontecimentos homossexuais fora da Bahia”<sup>112</sup>. A partir de 1978, *Little Darling* passa a se chamar *Ello*.

Outros jornais homossexuais também circularam na Bahia nesse período: *O Gay* e *Gay Society*, ambos editados por Jackie de Maga; *O Tiraninho*, editado em 1968 por Orlando Andrade; e o *Boletim G. G. B.*, do grupo Dialogay.

Também circularam em outras cidades e capitais do Norte e Nordeste os seguintes jornais: *Gay Zeppelin* (Belém - PA); *Gatho* (Olinda - PE); *Nós Também* (João Pessoa - PB); e *Boletim Informativo* (Aracajú - SE).

Em 1976, em São Paulo, a *Última Hora*, jornal de grande circulação, começou a publicar, diariamente, uma coluna social de caráter informativo, social e burlesco chamada “Coluna do Meio”, do jornalista Celso Curi. Nela, Curi utilizava-se brincava com personagens por ele criados, contava piada e noticiava acontecimentos sociais. Além disso, publicava um “Correio Elegante”<sup>113</sup>. Marcus Lima observa que “uma particularidade a tornava um fato inusitado na imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais”<sup>114</sup>. Segundo o autor,

De 30 a 40 cartas chegavam à redação, de todas as partes do país. Algumas para o “Correio Elegante”, outras de solidariedade, leitores enviaram opiniões gerais, às vezes agradeciam o espaço conquistado. Outras cartas traziam admoestações ou partiam para a agressão indireta. A Coluna do Meio acabou recuando no processo alcançado, tendo em vista a pressão de grupos econômicos, leitores e, ainda, um processo penal que o jornalista teve de enfrentar por atentado ao pudor. Durou até novembro do ano seguinte, quando foi extinto pela própria direção do jornal<sup>115</sup>.

---

<sup>110</sup> FRY, Peter. “História da imprensa baiana”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 4 (agosto-setembro/ 1978), p. 4

<sup>111</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., p. 140.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p.140.

<sup>113</sup> Conforme Vinícius Coelho, através do Correio Elegante, Curi “recebia cartas de várias regiões relatando as experiências de ser homossexual”. COELHO, Vinícius. *Lampião da Esquina...* Op. cit., 2014, p. 43.

<sup>114</sup> LIMA, Marcus Antônio Assis. *Da alternativa à...* Op. cit., 2009 p. 237.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 237.

Também em São Paulo surgiram diversos jornais e revistas alternativas voltadas para o público homossexual, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980. Entre eles, destacavam-se: *Entender* (1977); *Jornal do Gay* (1978); *Gay News Informativo* (1979); *Suruba* (1979); *Jornal For Gays* (1980); *Leva e Trás* (1980); *O Corpo* (1980); *Gay News: jornal homossexual de informação & prazer* (1980); *ChanacomChana* (1981); *Informativo Associação GALF* (1987), *Anjo* (1988) e *Boletim Informativo LAMBDA* (1988). Na cidade de Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo, também circulou, entre 1980 e 1984, o *Journal Gay International*.

**Quadro 1- Jornais homossexuais que circularam no Brasil (1963-1988)**

<b>Estado</b>	<b>Título</b>	<b>Editor</b>	<b>Ano</b>
RJ	<i>O Snob</i>	Gilka Dantas (Agildo Guimarães)	1963-1969
RJ	<i>Boletim Informativo da Caixinha</i>	Turma da Caixinha	1976
RJ	<i>Gente Gay</i>	Agido Guimarães	1977
RJ	<i>Mundo Gay</i>	Antonio Massaro Kirihara	1977
RJ	<i>Entender</i>	Frederico Jorge Dantas	1977
RJ	<i>Lampião da Esquina</i>	Agnaldo Silva	1978
RJ	<i>Galeria Alegria</i>	Glauco Matoso	1979
RJ	<i>Pleiguei: jornal do homo</i>	Agnaldo Silva	1982
RJ	<i>Gayvota</i>	–	1982
RJ	<i>Okzinho</i>	Turma OK	1983-1987
RJ	<i>Triângulo Rosa</i>	Grupo Triângulo Rosa	1986-1988
RJ	<i>Jornal Atobá</i>	ATOBA – Movimento de Emancipação Homossexual	1988
RJ	<i>O Galo</i>	–	–
RJ/NIT	<i>Le Femme</i>	Bianca Marie	1968-1969
RJ/NIT	<i>O Estábulo</i>	Dalia Lavi	–
RJ/NIT	<i>Os Felinos</i>	Gato Preto	1967-1968
RJ/NIT	<i>Opinião</i>	Gigi Berger	–
RJ/NIT	<i>O Mito</i>	Antonio Kallas	–
RJ/CAM	<i>Le Sophistique</i>	Adriana Gueiros	1966
RJ/BF	<i>Boca Negra</i>	Fáisca & Pandora	1981

RJ e SP	<i>Facção Homossexual</i>	Convergência Socialista	1981
BA	<i>Fatos e Fofocas</i>	Waldeiton Di Paula	1963-1967
BA	<i>Zéfiro</i>	Waldeiton Di Paula	1967
BA	<i>Gay Society</i>	Jackie Manga	1967
BA	<i>O Tiraninho</i>	Orlando Andrade	1968
BA	<i>Baby</i>	Waldeiton Di Paula	1968
BA	<i>Little Darling</i>	Waldeiton Di Paula	1970-1978
BA	<i>Ello</i>	Waldeiton Di Paula	1978
BA	<i>O Gay</i>	Jackie Manga	–
PE/OLI	<i>Gathó</i>	Gathó – Grupo de Atuação Homossexual	1980
PB	<i>Nós Também</i>	Grupos Nós Também	1981
SE	<i>Boletim Informativo Grupo Dialogay</i>	Grupo Dialogay	1982-1983
PA	<i>Gay Zeppelin</i>	–	–
SP	<i>Entender</i>	J. R. M.	1977
SP	<i>Jornal do Gay</i>	Antonio Massaro Kirihara (Círculo Corydon)	1978-1980
SP	<i>Gay News Informativo</i>	Henry Tudor Bookshop e David Wallace Brown	1979
SP	<i>Suruba</i>	Grupo Somos - SP	1979-1980
SP	<i>Jornal For Gays</i>	Walfrido	1980
SP	<i>Leva a Trás</i>	Grupo Somos - SP	1980
SP	<i>O Corpo</i>	Grupos Somos - SP	1980-1984
SP	<i>Gay News: jornal homossexual de informação &amp; prazer</i>	Antonio Massaro Kirihara (Círculo Corydon)	1980
SP	<i>ChanacomChana</i>	GALF – Grupo de Ação Lésbica Feminista	1981-1987
SP	<i>Informativo Associação GALF</i>	GALF – Grupo de Ação Lésbica Feminista	1987
SP	<i>Anjo</i>	Anjo's Club – Mirko Novich Editor	1988
SP	<i>Boletim Informativo LAMBDA</i>	Grupo LAMBDA – Movimento pela Livre Orientação Sexual	1988
SP/GRU	<i>Journal Gay International</i>	Liga Elenista	1980-1984

Legendas: RJ/NIT – Niterói; RJ/CAM – Campos dos Goytacazes; RJ/BF – Baixada Fluminense; PE/OLI – Olinda; SP/GRU – Guarulhos.

Fontes: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Uma conversa informal...* Op. cit., p. 61; CORDÃO, Vinícius. *Imprensa Homossexual...* Op. cit., 2017, p. 51-56; *Jornal Lampião da Esquina* (várias edições).

## CAPÍTULO 2

### “SAINDO DO GUETO”: O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA

Em sua primeira edição, publicada em abril de 1978, os editores do jornal *Lampião da Esquina*, no editorial “Saindo do Gueto”, justificavam a publicação do impresso: “é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele”. Segundo seus editores, era preciso, ainda, “destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição”<sup>116</sup>.

O segundo capítulo desta dissertação tem como proposta apresentar as principais características do *Lampião da Esquina*, primeiro jornal de circulação nacional a tratar abertamente da questão homossexual no Brasil. Publicado entre 1978 e 1981, o impresso é considerado como um marco no movimento de luta por direitos das pessoas LGBT no país.

#### 2.1- Um Lampião ilumina as esquinas escuras da ditadura

Uma das principais formas de resistência dos grupos homossexuais diante da repressão imposta pelo regime militar foi através da chamada “imprensa alternativa”. Inúmeros periódicos foram lançados e logo após algumas edições, tiveram o seu fim, conforme apresentado no capítulo anterior. O *Lampião na Esquina*, no entanto, destacou-se não apenas pelo seu tempo de circulação relativamente longo se comparado com a maioria dos outros jornais e revistas homossexuais, sendo editado entre 1978 e 1981, como também por ser o primeiro jornal que tratava abertamente da questão da homossexualidade de circulação nacional<sup>117</sup>.

A ideia de criação do *Lampião* está relacionada à visita ao Brasil, em fins de 1977, de Winston Leyland, editor norte-americano e fundador da *Gay Sunshine Press*, a

---

<sup>116</sup> O CONSELHO EDITORIAL. “Saindo do Gueto”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 2.

<sup>117</sup> Segundo Jorge Caê Rodrigues, o surgimento do *Lampião da Esquina* faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre a sociedade brasileira. O *Lampião* foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescidos durante a ditadura RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 50.



mais antiga editora LGBTI+ dos EUA, criada em 1975, e da revista *Gay Sunshine*. Leyland veio ao país em busca de escritores e jornalistas brasileiros que pudessem colaborar para a publicação de uma antologia de literatura gay latino-americana. Segundo Edward MacRae,

o jornalista João Antonio Mascarenhas reuniu então um grupo de jornalistas para entrevistar Leyland para o Pasquim. Estes ficaram tão empolgados com a matéria que começaram a discutir a possibilidade de se lançar uma publicação que tratasse de forma séria a homossexualidade, destacando o seu contexto social. Realizaram-se várias reuniões e o grupo foi ampliado, para incluir alguns intelectuais que não haviam participado da reportagem para o Pasquim. As discussões serviram para revelar a existência de grandes diferenças de opinião entre os participantes, mas depois de algum tempo, estes resolveram deixar a teoria e passar à prática, produzindo o número zero, que saiu em abril de 1978<sup>118</sup>.

A presença de Leyland foi, então, o elemento catalisador para a criação do *Lampião*. O periódico, que tinha sua redação no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, contava em seu conselho editorial com nomes importantes, entre intelectuais, escritores e jornalistas do Rio de Janeiro e de São Paulo: Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Adão Acosta, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. O jornal ainda contava com vários outros colaboradores.

Aguinaldo Silva, jornalista, dramaturgo, escritor, roteirista, cineasta e escritor de novelas televisivas, possui uma longa trajetória na “imprensa alternativa”. Colaborou com o impresso *Opinião* desde seus primeiros números, e também no *Movimento*. Desde o golpe de 1964, Aguinaldo Silva enfrentou problemas com a repressão tendo sido forçado a abandonar Recife naquele ano, por trabalhar na *Última Hora*, jornal que se opôs ao golpe. Passou mais de um mês preso e incomunicável em uma cela do presídio da Ilha das Flores, onde fora mandado pelo Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), por ter escrito um prefácio para o diário de Che Guevara.

Antônio Chrysóstomo era jornalista e crítico musical, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu diversos shows. Sua vida ficou marcada pelo chamado “caso Chrysóstomo”, em que foi acusado de estupro de sua filha adotiva, na época, com quatro anos de idade<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 143.

<sup>119</sup> Em 1979, Antônio Chrysóstomo adotou como filha, Cláudia, uma menina de três anos de idade que viva nas ruas próximas à redação do jornal. Um ano depois da adoção, ele foi denunciado por vizinhas do prédio e pela empregada por ter maltratado e estuproado a menina. Pouco depois, a menina foi retirada de

Clóvis Marques é jornalista e tradutor. Também foi redator, subeditor e articulista da editoria internacional do *Jornal do Brasil* durante 20 anos. Trabalhou em várias outras publicações do Rio de Janeiro e, na década de 1990, passou a exercer, como crítico e pesquisador, sua paixão pela música clássica.

Darcy Penteado foi artista plástico, desenhista, gravador, figurinista, cenógrafo, escritor, jornalista, autor teatral e um dos pioneiros na militância pelos direitos do movimento LGBTI+ no Brasil. Um dos momentos mais importantes de sua defesa contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais, foi quando escreveu uma carta endereçada à família Mesquita, proprietária de *O Estado de São Paulo*, criticando duramente uma reportagem do jornal sobre a prostituição de travestis em São Paulo.

Adão Costa era jornalista, pintor, terapeuta ocupacional e tradutor.

Francisco Bittencourt era jornalista, poeta e crítico de arte, tendo publicado dois livros de poemas. Colaborou com inúmeros jornais, além de ter sido membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção Brasil).

Gasparino Damata era jornalista e escritor, tendo, ainda, atuado na área da diplomacia. Organizou duas antologias – *Histórias do Amor Maldito* e *Poemas do Amor Maldito* – que tinham a homossexualidade como tema, além de *Os Solteiros*, livros de contos sobre a temática homoerótica, e as obras *Antologia da Lapa* e *A Sombra do Mar*.

Jean Claude Bernardet nasceu na Bélgica, naturalizando-se brasileiro em 1964. É cineasta, escritor, além de crítico de cinema, tendo começado a escrever críticas para o jornal *O Estado de São Paulo*. Considerado como um dos mais importantes teóricos do Cinema Novo, Bernardet foi dos principais interlocutores de Glauber Rocha. Além do *Lampião*, colaborou com a publicação de outros periódicos da chamada “imprensa

---

sua custódia levada para a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FEBEM), onde passou a viver. O juiz pediu que Cláudia fosse examinada e os médicos legistas constataram integridade do hímen da criança. Ainda assim, teve sua prisão preventiva decretada, sendo foi indiciado em um processo criminal. Chrysóstomo ficou três anos preso, condenado por atentado ao pudor, por maus-tratos a menor e por periculosidade social. Em 1983, depois de cumprir parte da pena, ele foi julgado em segunda instância e considerado inocente. Desde então, passou a viver em São Paulo, tendo um destino de vida desconhecido. Segundo Maria Izabel Valença Barros, Nivia Valença Barros e Rita de Cássia Santos Freitas, ao longo do processo, “o bem estar da criança não foi levado em consideração, no momento em que foi cessada a paternidade socioefativa, enquanto o fictício cumprimento da lei se fez valer, não sendo analisados os aspectos subjetivos envolvidos para esta aplicação legal, visto que o julgamento que prevaleceu foi moral, devido à orientação sexual de Antônio Chrysóstomo. Em suma, verifica-se nesse caso que o fato dele ser homossexual, foi o fator deflagrador de todo o ocorrido, desde a denúncia, mas principalmente, nas falas das autoridades ouvidas e de toda a equipe técnica”. BARROS, Maria Izabel Valença; BARROS, Nivia Valença; FREITAS, Rita de Cássia Santos. Adoção por casais homoparentais e suas possibilidades jurídicas. In: *VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*, Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2018, p. 2.

alternativa”, como o jornal *Opinião* – sendo um de seus colaboradores mais ativos – e do *Movimento*, tendo sido um de seus fundadores. Bernardet foi, ainda, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e um dos criadores do curso de cinema da Universidade de Brasília (UnB). Além de sua importância como teórico, é também autor de livros de ficção, com quatro obras publicadas. Participou, ainda, de vários filmes, como roteirista e assistente de direção. Na década de 1990, dirigiu dois ensaios poéticos de média-metragem: *São Paulo, Sinfonia e Cacofonia* (1994) e *Sobre Anos 60* (1999).

João Antônio Mascarenhas foi advogado, jornalista, tradutor e importante ativista na luta pelos direitos das pessoas homossexuais no Brasil.

João Silvério Trevisan é jornalista, escritor, dramaturgo, tradutor, cineasta com longa trajetória de ativismo em torno dos direitos da população LGBTI+. Escreveu o livro de contos *Testamento de Jônatas Deixado a Davi*, que publicou em sua volta ao Brasil em 1976. Em 1978, militando no movimento *gay*, organizou o grupo SOMOS e fundou o jornal *Lampião da Esquina*. Em 1982, atendendo à demanda da editora britânica *Gay Men's Press*, começou uma intensa pesquisa para escrever uma história da homossexualidade no Brasil. Em 1986, *Devassos no Paraíso* seria lançado simultaneamente na Inglaterra e no Brasil.

Peter Fry é antropólogo e professor universitário. Nascido em Liverpool, após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres. Em 1983, deu aulas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro. De 1985 a 1993 trabalhou no Zimbábue e em Moçambique. Ao retornar ao Brasil, lecionou antropologia na UFRJ até 2009, quando se aposentou. Entre as suas obras publicadas, destacam-se: *O Que é Homossexualidade* (1982), em parceria com Edward MacRae, *Moçambique Ensaios* (2001) e *A Persistência da Raça* (2005).

Para financiar a publicação, novos dos onze idealizadores do jornal, segundo Edward MacRae,

se cotizaram para criar uma editora de capital fixo. Resolveram também tentar arrecadar dinheiro através de uma carta endereçada a 12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil. A receptividade que encontraram foi bastante boa e o dinheiro arrecadado serviu para financiar os dois primeiros números do jornal. Este, de formato tabloide, tinha vinte páginas e, começando com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares, logo passou para 15 mil <sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 143.

De acordo com Flávia Péret, “o *Lampião* foi o primeiro jornal *gay* de circulação nacional. Ao contrário das publicações da década de 1960, distribuídas de maneira clandestina e quase sempre gratuitamente, era vendido em bancas de jornal de várias cidades do país”<sup>121</sup>. Segundo Edward MacRae, “o jornal [...] teve grande sucesso e, graças ao profissionalismo de seus editores, em grande parte experientes jornalistas, conseguiu-se uma ampla distribuição”<sup>122</sup>. O jornal ofereceria a possibilidade de assinatura anual para os leitores, inclusive, para o exterior<sup>123</sup>.

O *Lampião*, contudo, não se destacou apenas pela sua ampla distribuição e circulação em todo o país. O jornal também cedia espaço para o diálogo com os seus leitores, publicando as cartas enviadas para o jornal na seção “Cartas na Mesa”, que analisaremos, com mais profundidade, no terceiro capítulo.

Os editores do *Lampião da Esquina* tinham como objetivo romper as barreiras da segregação e do preconceito, inclusive de setores da própria esquerda que, por vezes, discriminavam militantes homossexuais<sup>124</sup>. Além disso, segundo Júlio Assis Simões e Regina Facchini,

o jornal procurava oferecer um tratamento que combatesse a imagem dos homossexuais como criaturas destroçadas por causa de seu desejo, incapazes de realização pessoal e com tendências a rejeitar a própria sexualidade. Mas não fazia isso de modo a concentrar-se exclusivamente nos homossexuais e, sim, apresentando-se como uma entre várias minorias oprimidas que tinham direito a voz. O jornal se propunha a ‘sair do gueto’ e ser um veículo pluralista aberto a diferentes pontos de vista sobre diferentes questões minoritárias.<sup>125</sup>

O contexto de abertura política do regime, as manifestações de homofobia constantes em intervenções e batidas policiais, a visita ao país do editor norte-americano Winston Leyland, o processo movido contra o jornalista Celso Curi, acusado de “atentado ao pudor”, e, sobretudo, a necessidade de um canal de comunicação mais

---

<sup>121</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 51.

<sup>122</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 26.

<sup>123</sup> Os valores variaram, ao longo dos anos, devido aos efeitos da inflação. Na edição nº 04 (agosto-setembro/1978), por exemplo, a assinatura anual custava Cr\$ 180,00 e a assinatura para o exterior custava US\$ 15. Na edição nº 21 (fevereiro/1980), esses valores eram de Cr\$ 250,00 e de US\$ 15, respectivamente. Na edição nº 26 (julho/1980), os valores passariam para Cr\$ 360,00 e US\$ 25,00.

<sup>124</sup> De acordo com Jorge Caê Rodrigues, “o *Lampião da Esquina* faz resistência, enfrenta a moral conservadora da esquerda e o pragmatismo da direita. Poucos jornais da imprensa nanica refletiam as mudanças comportamentais pelas quais o mundo e o Brasil estavam passando. A preocupação maior era discutir os caminhos que a política brasileira viria a tomar [...]”. RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 51.

<sup>125</sup> SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 86.

direto para discussões relativas aos interesses da comunidade *gay*, foram algumas das motivações que incentivaram o desenvolvimento do jornal.

## 2.2- “Falando da discriminação, do medo, dos interditos e do silêncio”

O *Lampião da Esquina* surgiu a partir de encontros entre intelectuais, artistas e jornalistas assumidamente homossexuais, que se reuniram, a partir da vinda de Winston Leyland ao Brasil, e tiveram a ideia de elaborar um coletivo para criar um jornal voltado ao público *gay*. De acordo com Flávia Péret, “em um desses encontros, organizado pelo advogado João Antônio Mascarenhas na casa do artista plástico Darcy Penteado, em São Paulo, surgiu a ideia de lançar no Brasil uma publicação que tratasse diretamente da homossexualidade”<sup>126</sup>. O *Lampião* abordava temas polêmicos, traziam reportagens reveladoras e entrevistas com diversos famosos, não necessariamente homossexuais, com o intuito de dialogar com os mais diversos estilos. Por isso, enfrentou barreiras, rompeu limites e superou preconceitos.

O *Lampião da Esquina* foi lançado em abril de 1978. Em sua primeira edição, a de número zero, chamava-se apenas *Lampião*<sup>127</sup>. Sua circulação foi restrita, sendo distribuído apenas para pessoas selecionadas pelos seus editores. As edições seguintes, contudo, seriam vendidas abertamente em bancas de jornal. Segundo Julio de Assis Simões e Regina Facchini,

no formato tablóide característico da imprensa da época, com dezesseis páginas e periodicidade mensal, *Lampião* teve a sua primeira edição experimental, de circulação restrita, em abril de 1978. Nela destacavam-se o citado editorial “Saindo do Gueto”, a apresentação dos onze membros do conselho editorial, um ensaio memorialístico de Darcy Penteado sobre uma possível arte erótico-homossexual brasileira e uma reportagem de João Silvério Trevisan sobre o processo judicial enfrentado por Celso Curi por causa da ‘Coluna do Meio’<sup>128</sup>.

O jornal foi editado até junho de 1981, registrando um total de 38 edições, incluindo a “edição experimental – número zero”. Além disso, foram publicadas mais

---

<sup>126</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2001, p. 46.

<sup>127</sup> Segundo Vinícius Coelho, “a edição número zero é lançada apenas com o nome de *Lampião*, mas como havia um jornal com esse nome os editores tiveram que alterar devido a questões burocráticas. Este periódico, o zero, não foi vendido, foi uma edição experimental e distribuídas a pessoas selecionadas pelos editores do jornal”. COELHO, Vinícius. *Lampião da...* Op. cit., 2014, p. 50.

<sup>128</sup> SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do...* Op. cit., 2008, p. 83.

três edições especiais: edição-extra nº 01 (dezembro/1979); edição-extra 02 (sem data) e edição-extra nº 03 (1980).

Sobre o nome escolhido para o jornal, Flávia Péret afirma que “além de fazer referência direta ao cangaceiro, conhecido por sua coragem e valentia, aludia à ideia de iluminar a cabeça das pessoas para novas concepções e comportamentos. O jornal diferenciava-se da imprensa *gay* que o precedeu pelo enfoque político que dava ao tema da homossexualidade”<sup>129</sup>.

James Green, por sua vez, explica, “o jornal foi batizado de Lampião da Esquina, um título sugestivo da vida *gay*, mas que aludia também à figura do rei do cangaço”<sup>130</sup>. Assim, a palavra “Lampião” fazia uma referência direta a Virgulino Ferreira da Silva que, “mesmo sendo rude quanto ao comportamento, era também vaidoso com a aparência”<sup>131</sup>. O próprio Aguinaldo Silva, em entrevista à época do lançamento do jornal, explicou as origens do nome dado ao impresso:

O nome do jornal? Há uma lista imensa, mas o que me agrada é Lampião. (...) Primeiro, porque subverte de saída a coisa machista: um jornal de bicha com nome de cangaceiro? Segundo, pela ideia de luz, caminho, etc. E, terceiro, pelo fato de ter sido Lampião um personagem até hoje não suficientemente explicado: olha aí outro que não saiu das sombras<sup>132</sup>.

Conforme apontam Muriel Amaral e Claudio Bertolli, a expressão “da esquina”, que seria acrescentada ao nome do jornal,

[...] faz correspondência ao oferecimento de luz à esquina, um local popularmente conhecido pela marginalidade e como sendo uma referência de prostituição, clandestinidade. Assim, o jornal seria uma forma de iluminar esses espaços e retirar os homossexuais do limbo social a que são submetidos por uma questão de poder<sup>133</sup>.

Em grande parte de suas edições, o *Lampião da Esquina* era composto pelas seguintes seções: “Opinião”, que corresponderia ao editorial do jornal; “Ensaio”, com contribuições reflexivas sobre um determinado assunto; “Esquina”, com artigos, textos e notas diversas; “Reportagens”, com informações de cunho jornalístico; “Tendência”, com assuntos sobre a área cultural; e “Cartas na Mesa”, seção de correspondência entre

---

<sup>129</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2001, p. 49.

<sup>130</sup> GREEN, James. *Além do Carnaval...* Op. cit., 2019, p. 440.

<sup>131</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime desse rapaz?”: resistência e discurso no jornal Lampião da Esquina. In: *Estudos em Comunicação*, nº 18, mai. de 2015, p. 60.

<sup>132</sup> SILVA, Aguinaldo. “Entrevista”. In: *Isto É*, nº 53, 1977, p. 14.

<sup>133</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 60-61.

os leitores e os editores do jornal. A partir da edição nº 05 (outubro/1978), o *Lampião* apresentava a coluna “Bixórdia”, segundo Muriel Amaral e Claudio Bertolli, “emblemática do ponto de vista discursivo por ser polêmica e ousada ao abordar alguns comportamentos homoeróticos”<sup>134</sup>. Ainda de acordo com os autores,

[...] outro ponto pertinente sobre o jornal é quanto ao planejamento visual. As linhas grossas e a quase ausência de cores nas edições fazem que *Lampião* tenha uma identidade visual rústica e pesada. A maior preocupação do jornal era com a composição do discurso verbal, relevando os aspectos imagéticos e gráficos. Mesmo havendo a existência de fotografias coloridas nos jornais, esse recurso não foi utilizado em nenhum dos números, todas as fotografias eram em preto-branco<sup>135</sup>.

Do ponto de vista político, a linha editorial do *Lampião* era orientada por uma visão libertária dos homossexuais e de outros grupos socialmente oprimidos<sup>136</sup>. A linguagem debochada e de uso popular, com termos como “viado”, “bicha”, “boneca” e “sapatão”, era usada de forma intencional pelos editores do jornal como forma de “desmistificar as representações das homossexualidades, trazendo à tona práticas discursivas dos homossexuais, quebrando a representação de indivíduos nocivos à sociedade”<sup>137</sup>. O próprio Aguinaldo Silva, em uma das matérias publicadas no jornal, afirma que

O uso de tais palavras em *Lampião*, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para, em seguida, desmistificá-las. Veja bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviam como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o **nosso** mundo e o dos **outros**. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras<sup>138</sup> (grifos do jornal).

A ironia na linguagem não era usada apenas nas qualificações das homossexualidades. Em várias matérias, entrevistas, artigos e reportagens veiculadas pelo *Lampião*, o deboche e a irreverência se tornaram elementos importantes para a consolidação do jornal junto aos seus leitores<sup>139</sup>.

---

<sup>134</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>136</sup> De acordo com Muriel Amaral e Claudio Bertolli, “o jornal se tornou veículo de representação de outras minorias como os negros, ambientalistas, populações indígenas, detentos, militando também em defesa do uso de maconha”. AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 61.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>138</sup> SILVA, Aguinaldo. “As palavras: para que temê-las?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 03 (julho-agosto/1978), p. 5.

<sup>139</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 61.

Em um momento em que as homossexualidades sofriam resistência pela aceitação por desafiarem os códigos de poder e os “valores morais” da sociedade burguesa, o jornal sempre buscou discutir a questão das homossexualidades no espaço social, buscando o reconhecimento dos homossexuais enquanto “seres humanos” e pessoas “normais”<sup>140</sup>. Em sua edição nº 02 (junho-julho/1978), por exemplo, o *Lampião* publicou um artigo de Darcy Penteado, no qual afirmava que “ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não é só difícil, mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações”<sup>141</sup>.

Este posicionamento, de resgatar os homossexuais da marginalidade e da invisibilidade social, lutando contra o preconceito e a estigmatização, é tratado pelo *Lampião*, no já citado editorial “Saindo do Gueto”, da edição número zero:

Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas<sup>142</sup>.

De maneira velada ou mesmo explícita, fazia-se campanha pelo “assumir-se”<sup>143</sup>. Na edição nº 02 (junho-julho/1978), o jornal publicou um artigo de João Antonio Mascarenhas, apontando as razões para se adotar tal comportamento<sup>144</sup>. Segundo Mascarenhas, o “assumir-se” significaria “o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la”. Em seguida, enumera alguns dos motivos que justificariam essa atitude, entre eles: a desobrigação “de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos

---

<sup>140</sup> Ibidem, p. 61

<sup>141</sup> PENTEADO, Darcy. “Homossexualismo: que coisa é essa?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 02 (junho-julho/1978), p. 2.

<sup>142</sup> O CONSELHO EDITORIAL. “Saindo do Gueto”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 2.

<sup>143</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 149.

<sup>144</sup> MASCARENHAS, João Antonio. “Assumir-se? Por quê?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 2 (junho-julho/1978), p. 2.



descobertos”; a dispensa “da hipocrisia, de participar do jogo dos outros, do eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-naõ-vê”; o impedimento “da chantagem de parte dos indivíduos com quem mantivemos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiros de serviço, enfim, de todo o círculo de criaturas com quem convivemos, até mesmo do círculo familiar”; a não mais necessidade “de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é punível na legislação brasileira e procuram submeter-nos a todos os vexames sob ameaça de uma acusação qualquer”; a possibilidade de “dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de se assumirem, mas receosos de fazê-lo”; além de “maior auto-respeito, pela ausência de sentimento de culpa”, “melhor relacionamento com nossos parentes e amigos, pela maior franqueza” e “possibilidade de plena realização pessoal e profissional”<sup>145</sup>. Nesse sentido, para Mascarenhas, “o assumir-se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão”<sup>146</sup>.

Já em sua primeira edição, aparece no jornal uma das mais importantes matérias publicadas no *Lampião da Esquina* sobre a discriminação e perseguição sofrida por homossexuais em espaços sociais, devido a sua orientação sexual. Tratava-se da reportagem sobre a demissão de Celso Curi, do jornal *Última Hora*<sup>147</sup>, e do processo de “atentado ao pudor” movido contra o jornalista, do qual, posteriormente seria absolvido.

Colunista do *Última Hora*, jornal de grande circulação de São Paulo, Celso Curi havia sido demitido em novembro de 1977, sob o argumento de “contenção de

---

<sup>145</sup> MASCARENHAS, João Antonio. “Assumir-se? Por quê?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 2 (junho-julho/1978), p. 2.

<sup>146</sup> MASCARENHAS, João Antonio. “Assumir-se? Por quê?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 2 (junho-julho/1978), p. 2.

<sup>147</sup> A *Última Hora* foi fundada, no Rio de Janeiro, pelo jornalista Samuel Wainer. Ligado ao varguismo, em 1953, Wainer foi acusado de favorecimento por receber empréstimos irregulares junto ao Banco do Brasil. Além disso, setores conservadores e tradicionais opositores de Vargas, como o jornalista Carlos Lacerda, da *Tribuna da Imprensa*, acusaram Wainer de ter nascido na Bessarabia e que, por isso, não poderia ser dono de um jornal no país, uma vez que a Constituição de 1946 proibia o controle de meios de comunicação por estrangeiros. Esta acusação, contudo, nunca foi comprovada. A *Última Hora* foi um dos poucos jornais de grande circulação no país a defender João Goulart e se opor ao golpe de 1964, tendo suas sedes, no Rio de Janeiro e em Recife, invadidas e vandalizadas. Com a confirmação do golpe, Samuel Wainer teve seus direitos políticos cassados e se exilou na Europa. A direção do jornal passou então ao advogado Heriberto de Miranda. O jornal adotou uma linha de não comprometimento político, sendo mesmo forçado a fazer inúmeras concessões para sobreviver. Em 1971, vendeu o jornal para um grupo empresarial liderado por Maurício Nunes de Alencar, que já havia arrendado o jornal *Correio da Manhã*. Alencar mantinha vínculos com a Companhia Metropolitana, considerada uma das maiores empreiteiras do país. LEAL, Carlos Eduardo. “Última Hora” (verbete). In: ABREU, Alzira Alves de; et. al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

despesas”, uma vez que o jornal passava por crise financeira e precisava reduzir o pessoal da redação. Contudo, segundo o *Lampião*, “a demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo”<sup>148</sup>. No jornal, Curi escrevia a “Coluna do Meio”. Publicada diariamente, a coluna era “um espaço destinado a assuntos sobre comportamentos e festas do universo gay de São Paulo”<sup>149</sup>. Por causa da coluna, Curi foi processado, com base no Art. 17 da Lei de Imprensa, por “ofender a moral e os bons costumes”.

Sobre o processo movido contra Curi, O *Lampião da Esquina* apurou que, em carta ao diretor-geral da Polícia Federal, em Brasília, o superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusava a “Coluna do Meio” de “*promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente*”<sup>150</sup> (grifos do jornal). O jornal também publicou partes da comunicação do processo pelo promotor do caso ao juiz da 14ª Vara Criminal. Segundo o promotor, o denunciado ofendeu, “*de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes*” na coluna do Meio, “*cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, de fendendo-se abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correio Elegante*”<sup>151</sup> (grifos do jornal). Algumas textos publicados na “Coluna do Meio” também foram selecionados pela promotoria como pelas de acusação, entre eles, estavam “notícias sobre homossexuais da Inglaterra e Estados Unidos” e a “transcrição de uma entrevista do sol dado americano Nel B. Thomas, pedindo liberdade de amor para os homossexuais e bissexuais do exército”. Também foram utilizados para a sua acusação alguns termos publicados por Curi na sua coluna no *Última Hora*, entre eles, “herói gay”, “enxutos da Baixada”, “terrível perseguição”, “Cidade Ma-ra-vi-lhooo-sa”, e comentários, como: “*E na América do Sul, até quando o homossexualismo vai ser considerado pecado por uns, e doença por*

---

<sup>148</sup> TREVISAN, João Silvério. *Lampião*. “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 6.

<sup>149</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Cláudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 62.

<sup>150</sup> TREVISAN, João Silvério. *Lampião*. “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 6.

<sup>151</sup> TREVISAN, João Silvério. *Lampião*. “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 6.

outros?” e “ANORMAL É QUEM COMO MACARRÃO COM ARROZ E ACHA SUPIMPA”<sup>152</sup> (grifos e destaques do jornal).

No texto, *Lampião da Esquina*, que assumiria a defesa de Celso Curi, também publicou uma declaração do jornalista que, na época da publicação da reportagem (abril/1978), ainda aguardava o final do processo: “*Por causa do Correio Elegante, fui visto como cafetina de pessoas que não podem aparecer à luz do dia. Pois é! Homossexual só pode andar atrás de poste, se escondendo...*”<sup>153</sup> (grifos do jornal).

Após o final do processo, que durou mais de um ano, Celso Curi seria absolvido das acusações que havia sofrido ao tratar da questão da homossexualidade em sua “Coluna do Meio”. A absolvição de Curi foi vista pelo *Lampião da Esquina* como uma vitória na luta pelos direitos e pela aceitação social dos grupos homossexuais<sup>154</sup>. De acordo com Edward MacRae,

o jornal, que em seu número zero publicara extensa matéria sobre o processo contra Curi, se juntou ao *Somos* para divulgar um panfleto anunciando que esse havia sido o primeiro caso de denúncia à homossexualidade na Justiça Brasileira e que a sentença de absolvição seria um precedente benéfico para outras publicações submetidas a inquéritos por razões similares<sup>155</sup>.

O documento terminava com a declaração de que essa absolvição redobrava “as forças de luta de todos os que defendem o livre arbítrio, a liberdade de imprensa e as liberdades democráticas neste país”<sup>156</sup>. As reivindicações dos homossexuais seriam, assim, incorporadas às pautas de luta dos movimentos sociais por ampliação dos direitos civis e pela defesa do processo de redemocratização do país.

As arbitrariedades e repressão policial praticada contra os homossexuais também foram assunto de matérias publicadas pelo jornal. Um dos episódios mais marcantes foram as batidas policiais realizadas na região central de São Paulo, sob o comando do delegado José Wilson Richetti, que “invadiam e abordavam pessoas em espaço de

---

<sup>152</sup> TREVISAN, João Silvério. *Lampião*. “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 6.

<sup>153</sup> TREVISAN, João Silvério. *Lampião*. “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 6.

<sup>154</sup> Em sua edição nº 11 (abril/1979), o *Lampião da Esquina* publicava, com grande entusiasmo, “uma grande notícia para bonecos e bonecas de todo o Brasil: no dia 12 de março, o jornalista Celso Curi foi absolvido no processo ao qual respondia, perante a Justiça de São Paulo, por infração ao artigo 17 da Lei de imprensa – ‘ofender à moral e os bons costumes’; segundo a denúncia do Promotor. Celso estaria ‘promovendo encontros entre seres anormais’ através da Coluna do Meio, publicada diariamente no jornal Última Hora/S P e hoje extinta”. TREVISAN, José Silvério. “Justiça inocenta Celso Curi”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 11 (abril/1979), p. 3.

<sup>155</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 228-229.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 229.

socialização de homossexuais”, com o propósito de “prisão desses indivíduos, a despeito de não terem qualquer comportamento que ferisse a ordem pública”<sup>157</sup>. Na edição nº 26 (julho/1980) foi publicado uma longa reportagem, assinada por João Silvério Trevisan, sobre as operações comandadas pelo delegado Richetti para reprimir travestis, homossexuais e prostitutas do centro de São Paulo:

Em abril, um jornal de grande penetração nas áreas conservadoras inicia uma campanha contra os travestis, sugerindo que a policia tome atitudes mais enérgicas, em função do caso de um antiquário supostamente assassinado por um travesti. Logo depois, o delegado da Zona Sul (onde ocorreu o crime) Paulo Boncristiano e o Coronel da Polícia Militar Sidney Palácios tornam público um plano para combater travestis e homossexuais. Tal plano pretende juntar as forças da policia militar e civil (verdadeira façanha, considerando-se as rivalidades entre ambas) para, entre outras coisas, tirar os travestis dos bairros residenciais, reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado presídio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais. No fim de maio, é transferido para a Terceira Seccional (Centro) um delegado que se vangloria de ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos. Nome do personagem: José Wilson Richetti. Ele chega para levar o plano até as últimas conseqüências, através das Operações Limpeza e Rondão. Com uma bem montada equipe interpolicial, sai pela cidade disposto a limpar não apenas as zonas residenciais mas sobretudo o centro da cidade, atacando as Bocas do Lixo, a Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, áreas frequentadas por prostitutas, travestis, michas, lésbicas e bichas em geral. Portando-se como um herói, ele convida um fotógrafo para documentar a operação, e alega apoio total de seus superiores, o secretário de segurança desembargador Otávio Gonzaga Jr. e o chefe do Departamento de Polícia da Grande São Paulo, delegado Rubens Liberatori (acusado de deflagrar a famosa Operação Camanducaia que, em outubro de 1974, retirou menores infratores de São Paulo para soltá-los nus no interior de Minas). Aliás, um policial deixou claro a um repórter que as operações de limpeza estariam se enraizando também a mando do general Milton Tavares, comandante do Segundo Exército<sup>158</sup>.

A Operação Rondão, que visava “limpar as áreas residenciais da cidade retirando prostitutas, homossexuais e desocupados” já teria detido cerca de 4.000 pessoas, nos seus quinze primeiros dias de operação, conforme notícia de uma matéria publicada no jornal, em sua edição nº 26 (julho/1980), sobre o delegado Deraldo Padilha de Oliveira, conhecido por adotar as mesmas medidas arbitrárias e violentas contra prostitutas e homossexuais nas ruas do Rio de Janeiro<sup>159</sup>.

---

<sup>157</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 70.

<sup>158</sup> TREVISAN, João Silvério. “São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 18.

<sup>159</sup> MOREIRA, Antonio Carlos. “Delegado Padilha: perfil de um delegado exibicionista”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 19.

Na edição nº 31 (dezembro/1980), novamente o *Lampião da Esquina* informava sobre as ações repressivas por parte da polícia comandadas em São Paulo por Richelli. Segundo o jornal,

o delegado Wilson Richetti e os famigerados homens da sua “operação Rondão” que andavam de quarentena em São Paulo, encontraram um meio de comemorar a proclamação da República: dia 15 de novembro, saíram às ruas da capital paulista em busca de homossexuais. Só que, dessa vez, não eram as bichas os alvos procurados, mas sim, as mulheres: os policiais invadiram os bares Cachação, Ferros e Bexiguinha, e as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira profissional assinada, foram todas detidas, debaixo do seguinte argumento: “É tudo sapatão”. Segundo panfleto distribuído posteriormente pelos grupos Terra Maria, Ação Lésbica - Feminista e Eros, na 4ª delegacia, para onde as detidas foram levadas, “foi constatado que os policiais recebiam dinheiro para libertarem as pessoas, sendo que aquelas que não possuíam. Lá permaneciam”. Em seu panfleto, aqueles três grupos paulistas denunciaram: Estamos novamente às voltas com a ação violento da polícia, ação essa que outra vez ficará impune no que diz respeito as autoridades <sup>160</sup>.

É interessante destacar o repúdio do jornal às práticas repressivas por parte da polícia para a manutenção da “ordem” e o uso da violência para a erradicação da homossexualidade masculina e feminina do espaço social <sup>161</sup>. Nesse sentido, o *Lampião da Esquina* desempenharia um papel importante na luta dos grupos homossexuais em São Paulo contra as operações do delegado Wilson Richetti, que pretendiam retirar gays e travestis de seus pontos de encontro nas ruas da região central da cidade.

Os assassinatos contra homossexuais também foram temas recorrentes de matérias e artigos publicados nas páginas do jornal. A edição nº 03 (junho/1980), trazia em sua capa a manchete “A volta do Esquadrão Mata-Bicha: três crimes abalam a comunidade guei”. Entre os casos noticiados pelo jornal estava o assassinato de dois irmãos na cidade de Porto Alegre:

Um **michê**, ex-soldado do Exército, chamado Jairo Teixeira Rodrigues, de 19 anos, teria assassinado na madrugada de 30 de abril, em Porto Alegre, o homossexual Luis Luzardo Corrêa, de 58 anos, e seu irmão Luidoro Luzardo Corrêa, de 60 anos. Com uma rapidez pouco habitual em semelhantes casos, a polícia (2ª DP) gaúcha demorou apenas cerca de 48 horas, para descobrir e prender o presumível assassino. Por coincidência, as vítimas eram sobrinhos do Embaixador Batuta Luzardo (grifo do jornal).

---

<sup>160</sup> ESQUINA. “Richetti volta às ruas”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 31 (dezembro/1980), p. 16.

<sup>161</sup> AMARAL, Muriel e BERTOLLI, Claudio. “Qual é o crime... Op. cit., 2015, p. 70.

Em confissão, Jairo declarou sua intenção de roubar; apanhando em flagrante, matara os dois irmãos com requintes de sadismo, castrara o Luis e tentara incendiar a casa <sup>162</sup>.

Segundo o *Lampião*, Jairo freqüentava a casa de Luís, também conhecido pelo nome artístico de “Luísa Felpuda”, “para transar com clientes homossexuais, aos quais cobrava alto” <sup>163</sup>. De acordo com a matéria, na noite de 29 de abril,

quando [...] chegou para trabalhar, teria levado uma cantada de Luis. Aceitando, fez seu preço e transaram.

Mais tarde aproveitando uma ida de Luis ao banheiro, Jairo teria começado o saque: anel, relógio, dinheiro. Foi flagrado. Abateu os dois irmãos com golpes de uma enxada, castrou o quase-cliente, fez a casa pegar fogo, fugiu <sup>164</sup>.

Duas questões sobre o duplo assassinato a partir da reportagem devem ser destacadas. A primeira refere-se à “rapidez pouco habitual”, segundo o *Lampião da Esquina*, das investigações da polícia para descobrir a identidade do assassino em apenas dois dias. E isso é atribuído, pelo jornal, ao fato de que os irmãos assassinados eram sobrinhos de um embaixador, revelando que a posição social das vítimas foi um fator determinante para a prisão de Jairo, contrastando com inúmeros outros casos de homossexuais e travestis assassinados pelo país, cujas mortes não foram solucionadas. A segunda questão refere-se à brutalidade com que as vítimas foram mortas, com golpes de enxada, e castradas.

Contudo, outras duas questões envolvendo o crime nos chamam a atenção. A primeira delas foi a tentativa de Nei Soares de Oliveira, advogado de Jairo, de atribuir a responsabilidade pelos crimes à homossexualidade e ao modo de vida de Luís Luzardo Corrêa. Segundo o advogado, “Jairo é mais uma das vítimas da vida depravada de ‘Luísa Felpuda’, que mantinha um bordel de vícios e corrupção, arruinando a vida sexual de centenas de jovens, levando-os à depravação” <sup>165</sup>. Ainda segundo Nei Soares de Oliveira, em um

---

<sup>162</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

<sup>163</sup> De acordo com o jornal, “a casa funcionava como **rendez-vous** de bichas, que pagavam oitenta cruzeiros por quarto, para uma trepada mais segura e discreta. Entre os frequentadores habituais, estavam conhecidos nomes de empresários gaúchos, políticos locais, turistas do Prata” (grifos do jornal). CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

<sup>164</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

<sup>165</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

caso desta natureza, será preciso saber quem era a vítima e quem é o autor. De um lado, a vítima se constituía uma sacerdotisa que iniciava seus servidores na prática de aberrações sexuais. E não se pense que o homossexual é um elemento delicado e avesso à violência. Ele pode aparentar docilidade, mas é violento. Basta citar a quantidade incrível de ocorrências envolvendo travestis, que se munem de facas, giletes, navalhas e são violentos até na hora da prisão <sup>166</sup>.

Assim, para o *Lampião*, “misturando tudo, o doutor Nei passou a pregar, de fato, uma caça às bichas” <sup>167</sup>. A segunda questão refere-se, segundo o jornal, ao “tio envergonhado” de Luís, Manuel Bento Luzardo, de 52 anos, que “apenas alguns dias depois do crime, apareceu [...] reclamando a **fortuna deixada pelo sobrinho**”. De acordo com o *Lampião*, Manuel Luzardo, “justificando seu tardio aparecimento, afirmou que **todos condenavam o comportamento da bicha e por luso não ligaram para a notícia de seu assassinado**” (grifos do jornal). A vergonha de Manuel Bento Luzardo, ao afirmar que “quase nunca o via” e “nem o visitava”, podendo “pouco falar sobre ele” e que “não aprovava” o “modo de vida” de Luís é exemplificador da estigmatização e do preconceito sofrido pelos os homossexuais <sup>168</sup>.

O segundo caso de violência cometida contra homossexuais relatado pelo jornal em sua edição nº 03 (julho/1980) foi o do assassinato do pianista Evar Lemoine Silva, o “Bamba”, de 40 anos de idade. O músico foi morto na manhã do dia 6 de maio, em seu apartamento, no bairro de Boa Viagem, em Recife. Segundo a reportagem, “além de uma pancada forte na cabeça, o corpo estava cravado de facas, garfos e chaves de fenda, em verdadeira orgia de sadismo”. A suspeita, segundo o jornal, recaía sobre um namorado que havia se sentido traído pela vítima. Sobre o crime, o *Lampião da Esquina* publicou uma carta do leitor identificado como “Jota Elle”, em que atribuía a morte de “Bamba” ao “sistema criativamente machista, **onde bicha tem mais é que morrer...**” <sup>169</sup> (grifo do jornal). O jornal ainda demonstrava a sua esperança de “que, desta vez, o

---

<sup>166</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

<sup>167</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 5.

<sup>168</sup> CARNERIO, João. “A morte de ‘Luísa Felpuda’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (julho/1980), p. 4.

<sup>169</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 5.

crime não fique impune, como geralmente acontece quando a vítima é um homossexual”<sup>170</sup>.

Tal como o assassinato de Luís Luzardo Corrêa, a morte de “Bamba” também seria marcada por uma violência brutal cometida contra o corpo da vítima e, como muitos dos assassinatos de homossexuais, temia-se pela sua impunidade. Contudo, outra semelhança aproxima os casos de Recife e Porto Alegre. Assim como contra Luís, “Bamba” também seria, segundo o *Lampião*, “vítima de uma virulenta campanha anti-homossexual, uma proposta de **caça às bichas**, tal qual está já acontecendo em Porto Alegre”<sup>171</sup> (grifos do jornal). Seis dias depois da morte de “Bamba”, o jornal *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 12 de maio, sob a manchete “No homossexualismo a paixão libera a violência sádica”, publicou uma matéria do jornalista Marcos Túlio, em que afirmava ser “o homossexualismo um crime sexual, parte de vigência psíquica oriunda de distúrbios, estando dessa maneira, propícios em casos de homicídios ocorrem de maneira mais violenta e mesmo perversa”<sup>172</sup>. Também ao comentar sobre o assassinato de “Bamba”, o major Manoel Pimenta, Relações Públicas da Polícia Militar de Pernambuco, afirmava ser a homossexualidade “uma anomalia”, fazendo com que os homossexuais vivessem “na fronteira da loucura”, resultando, “daí a razão dos crimes dessa natureza serem praticados com tamanha brutalidade”. De acordo com o major, “quando ocorre o homicídio, o indivíduo exterioriza todos os seus recalques e frustrações com que vinha convivendo e, naquele momento, levado por uma verdadeira crise de loucura, retorna à época do homem da caverna e, impulsionado por uma totalidade de sentimentos bestiais, pratica uma série de brutalidades”<sup>173</sup>.

Mais uma vez, segundo o *Lampião*, procurava-se definir os homossexuais como “seres distorcidos e pervertidos, portadores de distúrbios psíquicos, de vivência social obrigatoriamente pervertida, criminosos sexuais e violentos”. Ainda de acordo com o jornal, tal associação seria “cientificamente falsa”, denotando “uma desonestidade e uma má fé”, sendo merecedora de “um belo processo por calúnia e difamação, a ser assumido pelos homossexuais pernambucanos, ou outros, com exigência de reparação

---

<sup>170</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 5.

<sup>171</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 6.

<sup>172</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 6.

<sup>173</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 6.



de danos”<sup>174</sup>. Assim, segundo o *Lampião da Esquina*, os assassinatos cometidos contra homossexuais – como foram os casos de Luís Luzardo Corrêa e de “Bamba” – seriam socialmente justificados pela sua orientação sexual.

As matérias sobre agressões físicas contra homossexuais também eram constantes nas páginas do jornal. A edição nº 20 (janeiro/1980) noticiava, por exemplo, que “rapazes de classe média, na zona sul do Rio de Janeiro, que, organizados em bando, vêm invadindo com uma frequência cada vez maior os locais frequentados por homossexuais para ‘castigá-los’”. A mesma matéria citava, ainda, um caso de agressão ocorrido na Gueifeira Palace, também no Rio, quando “um bando de soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro de homens e surraram indistintamente todos os que lá estavam”<sup>175</sup>.

Ainda sobre a questão da violência cometida contra homossexuais, o *Lampião da Esquina* reproduziu, em sua edição-extra nº 02 (sem data) e, novamente, em sua edição nº 13 (junho/1979), o artigo “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”<sup>176</sup>, publicado originalmente em 1972<sup>177</sup>.

O texto relata a perseguição aos homossexuais pelo regime stalinista na década de 1930, enterrando, “a um só golpe, todas as conquistas sexuais libertárias da Revolução de Outubro”. Nessa época, escritores e lideranças políticas soviéticas, com Kalinin, “iniciaram uma violentíssima campanha propagandística contra os homossexuais, juntando-os a todo tipo de criminosos sexuais: os bandidos, os traidores, os espões, os contra-revolucionários e agentes do imperialismo”. Também nos anos 30, com a ascensão do regime nazista na Alemanha, a criminalização da homossexualidade e a perseguição aos homossexuais cresciam de maneira assustadora. Segundo o artigo republicado pelo *Lampião*, o Art. 175 do Código Penal Alemão (que punia os atos de natureza homossexual) foi introduzido na legislação penal do país em 1871, a partir do processo de unificação liderado por Otto von Bismarck. Contudo, esse dispositivo legal “nunca provocou muitos problemas até o momento em que os nazistas conquistaram o poder e decidiram usá-lo como arma política e de vingança pessoal”. Em 1933, na

---

<sup>174</sup> CARNERIO, João. “Recife: ‘Bamba’ assassinado”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 25 (junho/1980), p. 6.

<sup>175</sup> SILVA, Aguinaldo. “Um esquadrão mata-bicha?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 20, p. 3.

<sup>176</sup> ENSAIO. “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição-extra nº 02 (sem data), p. 3.

<sup>177</sup> Segundo o *Lampião da Esquina*, o “artigo foi publicado pela primeira vez em 1972, no Boletim do Cidams, nº 3. Posteriormente, várias revistas e jornais do mundo inteiro reproduziram-no, sobretudo na Itália, Suíça, França e Argentina”.

Alemanha, foram condenadas 835 pessoas a partir da aplicação do Art. 175 do Código Penal pelo regime nazista. Em 1934, imediatamente após o caso Roehm <sup>178</sup>, esse número subiu para 948. A partir de então, esses números crescem assustadoramente: 5.321 pessoas são condenadas em 1936; e 24.450 pessoas são enviadas, em 1939, para os campos de concentração, acusadas de atos homossexuais <sup>179</sup>.

De acordo o texto, publicado pela primeira vez em 1972 e que o *Lampião da Esquina* reproduziu em sua edição-extra nº 02 (sem data), “passados 26 anos do final da guerra e da aberrara dos campos de concentração [...] ainda não se estabeleceu o número exato de vítimas”. Ainda segundo o artigo,

não existem muitos documentos sobre tema, especialmente pela compreensível aversão dos homossexuais em tornar pública uma perseguição que a sociedade ainda pretende justificar e perpetuar: além disso, muitos historiadores manifestaram indiferença ante o tema, por associarem os homossexuais com delinquentes "comuns", e reservaram rodo seu interesse para os presos políticos (2 milhões de vítimas), ou para os judeus (os mais duramente atingidos: 6 milhões de mortos). Outros motivos dessa ausência de dados: o método usado pelos responsáveis dos campos de concentração para esconder seus crimes e, talvez mais importante do que todos os outros, o fato de que só sobreviveram muito poucos condenados, que poderiam contar os acontecimentos com mais precisão <sup>180</sup>.

Nos campos de concentração, os homossexuais sofriam os mais variados tipos de violência física. Como é apontado no texto,

conforme relato de uma testemunha no livro de Wolfgang Harthausen **O grande tabu**, somente no período de sua permanência em Sachsenhausen, foram eliminados a sangue frio de 300 a 400 homossexuais, mortos em conseqüência dos trabalhos forçados ou porque chegavam com os ossos dos braços e pernas quebrados. Apenas mio campo número cinco de Neusustrum, um terço dos prisioneiros era composto de homossexuais. Num processo

---

<sup>178</sup> O caso Roehm refere-se ao oficial nazista alemão Ernst Roehm (ou Röhm), homossexual assumido e fundador da SA, milícia paramilitar que passara de 300 mil homens, em 1932, para mais de três milhões em 1933. Constituindo-se em uma ameaça para Hitler dentro do Partido nazista devido ao seu poder sobre a SA, Roehm foi indiciado no Art. 175 do Código Penal Alemão e fuzilado no dia 2 de julho de 1934. Mesmo que sua morte esteja ligada à disputa de poder dentro do Partido, devido ao seu poder sobre a SA, o fuzilamento de Roehm com base na legislação que punia homossexuais, é um indicativo da perseguição a estas pessoas na Alemanha nazista.

<sup>179</sup> Segundo o artigo publicado republicado pelo *Lampião*, “depois de julgados e condenados, os violadores do Artigo 175 passavam para as mãos da Gestapo (a polícia secreta do Estado) e eram enviados aos campos de concentração: Auschwitz, Dachau, Neuengame, Ravensbruek, Sachsenhausen, Natsweiler, Bergen-Belsen. Fuehisbuettel, Fosenberg e outros mais: ai eram freqüentemente castrados e mandados para os trabalhos mais repugnantes e mais pesados que acabavam acelerando seu fim: ou então tornavam-se bode-expiatório dos demais companheiros de prisão, que os maltratavam e violentavam”. ENSAIO. “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição-extra nº 02 (sem data), p. 3.

<sup>180</sup> ENSAIO. “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição-extra nº 02 (sem data), p. 3.

contra um guarda acusado de outros cem homicídios, foi constatado que esse homem era especialista em lançar potentes jatos de água gelada contra o preso, até levá-lo à morte. Conta-se aí que suas vítimas preferidas eram os judeus e os homossexuais <sup>181</sup> (grifos do jornal).

A violência simbólica também vitimava os homossexuais. Nos campos de concentração, “os homossexuais eram marcados com um triângulo rosa sobre a manga ou sobre o peito”, para demarcar, de forma explícita, a sua orientação sexual, distinguindo-os “dos presos políticos (triângulo vermelho), dos ladrões (verde), das testemunhas de Jeová (violeta), dos ciganos (marrom), dos judeus (amarelo) e dos criminosos (preto)” <sup>182</sup>.

O jornal também abordou temas relacionados à luta das mulheres pela igualdade de gênero. Durante seus pouco mais de três anos de existência, o *Lampião da Esquina* publicou matérias relacionadas ao feminismo, inclusive com chamadas na capa. O jornal discutia questões relacionadas ao aborto e ao estupro (edição extra nº 02 e edição 20), houve uma ampla cobertura do 1º e do 2º Congresso da Mulher Paulista (edições nº 11 e nº 23, respectivamente) e do 1º Congresso da Mulher Fluminense (edição nº 26), além da edição nº 24, dedicado ao 1º Encontro de Grupos Homossexuais, que tinha na capa uma enorme foto de uma mulher militante lésbica.

O Encontro Nacional de Mulheres, realizado em 1979, também ganhou destaque no jornal. De acordo com o *Lampião*, as divergências e os conflitos de ideias deixavam claro a existência de “um estado de grande confusão teórica e prática dentro do movimento feminista brasileiro” <sup>183</sup>. Contudo, concluía o jornal, “nem por isso esse movimento é menos importante; e ele está bem vivo e se debatendo na desesperada tentativa de adquirir uma dinâmica própria”.

Contando com a participação de 347 mulheres, sendo que, deste total, 73% tinha nível superior e 43% tinham filhos, o Encontro Nacional de Mulheres pelo voto aprovou as seguintes reivindicações: 1) criação de creches em fábricas, bairros e comunidades; 2) igualdade salarial quando a mulher desempenhar a mesma função que o homem; 3) luta pelo estabelecimento da democracia; 4) igualdade de oportunidades de trabalho em relação aos homens. Segundo a matéria do jornal,

---

<sup>181</sup> ENSAIO. “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição-extra nº 02 (sem data), p. 3.

<sup>182</sup> ENSAIO. “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição-extra nº 02 (sem data), p. 3.

<sup>183</sup> BITTENCOURT, Francisco. “No Rio e em São Paulo, mulheres em assembleia contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 11 (abril/1979), p. 10.

no encerramento dos trabalhos, domingo à noite, na votação das moções de apoio ou repúdio, a platéia entrou em ebulição pela primeira vez. Deu gosto ver as mulheres gritando, cada uma para seu lado, sem que a mesa pudesse contê-las. A moção de repúdio à devastação da Amazônia e ao Projeto Jari foi a que levantou mais celeuma, tinha ou não tinha a ver com feminismo? Uma mulher, a quem a mesa pediu silêncio, começou a gritar que tinha sido cassada. Quando falou, ninguém entendeu. No fim, a moção passou com votos até dos homens e das crianças presentes, todos de braços erguidos, exercitando a libertadora prática da democracia. Foi aprovada por unanimidade uma moção de repúdio à grande imprensa, que se recusou a cobrir o evento<sup>184</sup>.

João Silvério Trevisan, que acompanhou o evento e escreveu para o jornal a matéria “Quando o machismo fica no porão”, fez a seguinte reflexão:

posso dizer que essa experiência do Congresso me proporcionou, ainda uma vez, constatar como nós homens precisamos aprender mais sobre o afeto, a sensibilidade, a graça e a sensualidade, virtudes tornadas menores e relegadas ao purgatório por serem consideradas "femininas", em nossas sociedades. Ausentes daquele grupo, essas seriam, entretanto premissas fundamentais para discutir o autoritarismo, que considero uma doença típica do machismo instituído. O mesmo machismo que nos vem sendo inoculado desde o berço e se cristalizou, a cada vez que nos diziam: "menino não chora: isso é coisa de mulher"<sup>185</sup>.

Edward MacRae também destaca que muitos artigos sobre o tema, em grande parte, “foram escritos por mulheres, pois, Lampião, adotando os valores correntes da contracultura, pretendia dar a voz aos setores oprimidos da sociedade e às suas lutas políticas”<sup>186</sup>. Assim, colaboraram com o jornal intelectuais como Mariza Correa, Lelia Gonzales, Inês Castilho, Maria Luiza Heilborn, Susan Besse, Maria Adelaide Amaral, Mírian Paglia e Cynthia Sarti. Além disso, foram publicadas entrevistas com mulheres como Martha Suplicy (edição nº 17), Leczy Brandão (edição extra nº 01 e edição nº 06), Cassandra Rios (edição nº 05), Norma Bengell (edição nº 3), Darlene Glória (edição extra nº 01) e Zezé Mota (edição nº 19), entre outras. Contudo, apesar das mulheres ocuparem espaço de destaque no *Lampião da Esquina*, a única mulher que participou de forma mais ativa foi a poetisa e militante feminista Lelia Mícolis, que acabou deixando o jornal por desentendimentos com os editores, perto do final de sua existência<sup>187</sup>.

---

<sup>184</sup> BITTENCOURT, Francisco. “No Rio e em São Paulo, mulheres em assembleia contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 11 (abril/1979), p. 10.

<sup>185</sup> TREVISAN, João Silvério. “Quando o machismo fica no porão”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 11 (abril/1979), p. 11.

<sup>186</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 146.

<sup>187</sup> *Ibidem*, p. 146.

Mesmo assim, conforme destaca Edward MacRae, “apesar de não ter mulheres no seu conselho editorial, é necessário enfatizar que o jornal sempre se mostrou disposto a apoiar as lutas do movimento feminista, especialmente àquelas contra a esquerda stalinista ou instituições preconceituosas”<sup>188</sup>.

Outro tema recorrente nas páginas do *Lampião da Esquina* relacionada às mulheres era a questão da homossexualidade feminina. O assunto do lesbianismo foi bastante destacado no jornal, embora muito menos do que a homossexualidade masculina, “sendo o *Lampião* um dos grandes promotores da militância das mulheres homossexuais”. O jornal publicou matérias com chamadas na capa, discutindo a discriminação sofrida pela cantora negra Lecy Brandão na escola de samba Mangureira (edição nº 20) e o caso de uma mulher homossexual que foi acusada de matar a sua amante (edição nº 13).

A edição número 12 (maio/1979) do *Lampião*, deu grande destaque ao “amor entre as mulheres”, expressão usada em sua chamada de capa. De acordo com o jornal, “pela primeira vez na história deste país, um grupo de mulheres se reúne para falar e escrever acerca de sua homossexualidade”<sup>189</sup>. Segundo a matéria, assinado pelo Grupo SOMOS<sup>190</sup>, “até onde pudemos constatar, vimos que, se existe alguma coisa de comum às homossexuais, alguma coisa indiscutivelmente presente a todo tempo, essa coisa é a repressão”. Essa repressão se transformaria, muitas vezes, “em auto-repressão, em auto-negação, em culpa”<sup>191</sup>. Segundo a reportagem:

Sabemos e conhecemos a existência da repressão. E não falamos apenas daquela do camburão, do cassetete, da bomba de gás. Falamos daquela que está presente nas nossas relações na família, no emprego, com os amigos, na escola. Falamos da repressão que, pelos mais variados mecanismos - meios

---

<sup>188</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>189</sup> “Nós também estamos aí”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 12 (maio/1979), p. 7.

<sup>190</sup> O SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual foi fundado em São Paulo, em 1978, sendo considerado o primeiro grupo de afirmação homossexual do Brasil. Segundo relato do próprio grupo e publicada no *Lampião da Esquina*, o SOMOS surgiu “a partir de uma idéia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação (boates, bares, saunas, cinema e calçadas) procurava-se com isso um conhecimento público que fosse menos aleatório e a discussão de nossa sexualidade, de maneira franca e digna. Desde a primeira reunião sentimos que isso era inédito, urgente e fascinante, ao mesmo tempo. Nesse período, procuramos alcançar uma identidade enquanto grupo social e recuperar a consciência individual, a partir da homossexualidade comum a todos. Durante essa primeira fase, nós nos reuníamos semanalmente, em média 15 pessoas, mas nem sempre as mesmas: discutíamos a partir das vivências de cada um e, a partir dos depoimentos pessoais, tentávamos encontrar um fator comum que definisse uma linha de ação e um objetivo para o grupo”. “Grupo SOMOS: uma experiência”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 12 (maio/1979), p. 2.

<sup>191</sup> REPORTAGEM. “Nós também estamos aí”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 12 (maio/1979), p. 8.

de comunicação, educação, religião, etc. - nos diz o que somos ou devemos ser, querer, desejar, na tentativa de nos amoldar. Diz o que é natural, normal, certo, justo e bom para nós mulheres.

Nos diz, ainda, quais são os valores que devem reger nossa conduta, o nosso comportamento, os nossos desejos. Nos diz, enfim, que,, para o bem da ordem, é necessário calar, sufocar, sob pena de...

A repressão perpassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mulher, ser homossexual é muito, né? <sup>192</sup>

Procurando ilustrar a dificuldade das mulheres em comparação aos homens para expressar a sua sexualidade, *Lampião* publicou relatos de duas mulheres, M., 26 anos, secretária e estudante (USP), e T., 22 anos, trabalhadora na área de comunicação e estudante (USP e PUC). Ambas falaram sobre “como a repressão pode atuar na vida das mulheres homossexuais” <sup>193</sup>.

Outro caso tornado público nas páginas do *Lampião da Esquina* foi o de Ninuccia Bianchi, homossexual e acusada de matar a sua companheira, Vânia da Silva Batista, empurrando-a da janela do prédio onde as duas moravam no bairro de Jacarepaguá. O episódio havia sido inicialmente tratado como suicídio, contudo, com a descoberta de cartas amorosas entre as duas, o delegado responsável pelo caso imediatamente mudou o rumo da investigação e passou a apontar Ninuccia como responsável pela morte de Vânia.

Segundo o *Lampião da Esquina*, o IV Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, responsável pelo caso, teria

concluído o sumário de culpa do chamado "processo de Nino, o italianinho". Nino é Ninuccia Bianchi, uma secretária de 29 anos: e quem acompanhou com atenção as duas sessões no tribunal, pôde perceber claramente que todo um clima está sendo montado, a partir da ação do promotor Gil Castelo Branco e do advogado (de acusação) João Carlos Mallet, para que, ao final do processo, ela seja condenada. Se não for por homicídio – já que, no processo, não existe a menor evidência de que ela tenha empurrado sua companheira Vânia da Silva Batista do prédio em que moravam –, pelo menos por sua condição de lésbica, e pelo fato de ela ter deixado bem claro, a todos os que conviveram com elas, durante o tempo em que moravam juntas, o amor que sentia pela outra <sup>194</sup>.

Nas falas do promotor e do advogado de acusação apareceriam “com estarrecedora frequência”, palavras como “pervertida”, “anormal”, “doente”, além de

---

<sup>192</sup> REPORTAGEM. “Nós também estamos aí”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 12 (maio/1979), p. 7.

<sup>193</sup> REPORTAGEM. “Então, por que tanta repressão?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 12 (maio/1979), p. 9.

<sup>194</sup> SILVA, Agnaldo. “Ninuccia e acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 13 (junho/1979), p. 8.

expressões como “festinhas de embalo”, desqualificando Ninuccia pela sua orientação sexual e, não necessariamente, pelo seu envolvimento no suposto crime. Nesse sentido o *Lampião da Esquina* criticaria duramente o posicionamento dos acusadores de Ninuccia, pois segundo o jornal,

é preciso que, de alguma maneira, se deixe bem claro - ao juiz e ao Grande Júri - que não se pode considerar uma pessoa suspeita de homicídio só por causa de sua preferência sexual. Ninuccia pode ser até culpada - embora, como diz com tranqüilidade seu advogado, Georgiano Mulier, nada existe que a incrimine; o que não se pode é condená-la a partir da única **prova** que a Justiça tem contra ela: o fato de que ela é lésbica <sup>195</sup> (grifo do jornal).

Ninuccia Bianchi acabaria sendo, ao final do processo, considerada inocente pelo júri, por cinco votos a dois, da morte de sua ex-companheira <sup>196</sup>. Segundo o jornal, “nenhuma prova havia nos autos que justificasse sua indicição, a não ser o fato da sua opção sexual constatada com a descoberta de cartas amorosas entre as duas” <sup>197</sup>. Após ter “enfrentado todas as humilhações que a grande imprensa deu ao seu caso e todas as deturpações a que foi condenada a ouvir por uma promotora ávida em apenas devassar intimidades de sua vida particular, e não em esclarecer a verdades dos fatos”, a vida de Ninuccia Bianchi seria marcada por uma série de dificuldades e preconceitos, sobretudo, devido a sua orientação sexual. Segundo o *Lampião*,

seu drama não termina com o feliz final jurídico: ela continua desempregada, com dificuldades em arranjar trabalho, porque, MESMO ABSOLVIDA, sua ‘fama de homossexual’ continua a persegui-la. A estigmatização, agora, não é por um crime, mas, pior ainda, por um preconceito. (Quando virá a verdadeira absolvição social, de fato, de Ninuccia?) <sup>198</sup>

O jornal também dedicaria atenção, em suas páginas, para as travestis. A edição nº 4 (agosto-setembro/1978) trouxe, estampada em sua capa, a manchete: “*Travestis! (quem atira a primeira pedra?)*” (**Imagem 1**).

---

<sup>195</sup> SILVA, Agnaldo. “Ninuccia e acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 13 (junho/1979), p. 8.

<sup>196</sup> MICCOLLIS, Leila. “Ninuccia Bianchi, depois da absolvição”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 27 (agosto/1980), p. 6.

<sup>197</sup> MICCOLLIS, Leila. “Ninuccia Bianchi, depois da absolvição”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 27 (agosto/1980), p. 6.

<sup>198</sup> MICCOLLIS, Leila. “Ninuccia Bianchi, depois da absolvição”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 27 (agosto/1980), p. 6.

Imagem 1- Capa do *Lampião*: edição número quatro (agosto-setembro/1978)



Fonte: *Lampião*, Rio de Janeiro, edição nº 4 (agosto-setembro/1978), p. 1.

Na parte interna do jornal, um artigo de João Antônio Mascarenhas respondia a uma crítica direcionada ao jornal de que os editores desprezavam “as bichas pintosas e os travestis”<sup>199</sup>. No julgamento de Mascarenhas, não se devia “dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer”, afigurando-se como “imprescindível que as minorias oprimidas revelem eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos”. Sendo assim, para o editor do *Lampião*, “eles até merecem a minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, [...] por forçarem os que não querem ver e admitir a existência do homossexualismo”. Contudo, segundo Mascarenhas, se por estes motivos “tanto as bichas pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto – sempre no meu entender – erradas”. Assim, de acordo com a visão de João Antônio Mascarenhas,

<sup>199</sup> MASCARENHAS, João Antônio. “Sobre tigres de papel”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 04 (agosto-setembro/1978), p. 9.



Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher-objeto-sexual, a mulher cidadã-de-segunda-classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado - por deixar de aceitar sua - orientação sexual com maturidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), achasse a fornecer argumentos aos machistas, que se, negam a admiti-lo como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional.

Além disso, a bucha pintosa, é agressiva, agressividade que - diga-se de passagem - se compreende, pelas pressões que ela sofre, mas que não se justifica, em meu ponto de vista. Afinal, a velha história; dois erros não fazem um acerto.

O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precisa dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anematizado. O estigmatizado curva-se ante o opressor e passa a julgar-se obrigado a usar a marca que o ferreteador escolheu para ele.

O travesti então, leva essa atitude ao paroxismo, chegando a submeter se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade. Sua ambição máxima consiste em transfigurar-se na mulher vamp, no sofisticado objeto sexual tão comercializado por Hollywood nas décadas de 30 a 50.

As posições de Mascarenhas à época expressavam um debate sobre as diferentes orientações sexuais e identidades de gênero <sup>200</sup> que hoje ganham cada vez coesão nas pautas do movimento LGBTI+. Nesse sentido, qualquer tipo de crítica ao posicionamento do editor do *Lampião da Esquina*, a despeito de seu posicionamento hoje, possivelmente, visto como “conservador” dentro do movimento LGBTI+, pode incorrer em um certo anacronismo. O próprio artigo masculino para se referir às travestis (“o travesti”), é um, entre diversos exemplos (“escolha sexual”, “preferência sexual”, “opção sexual”, etc.), de termos que hoje não devem mais ser utilizados ao se referirem às pessoas LGBTI+.

A edição nº 22 (março/1980) também trazia na capa a chamada “Travesti: este ilustre desconhecido”. A matéria na parte interna do jornal, escrita por Darcy Penteadó, tinha o longo título, “*Travesti: este desconhecido: a função cria órgão, ou na natureza*”.

---

<sup>200</sup> De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, “a orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas”. Da mesma forma, “identidade de gênero é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos”. REIS, Toni (org.). *Manual de...* Op. cit., 2018, p. 21 e p. 25.

*nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma*”<sup>201</sup>. Ao apresentar “o travesti” como “uma novo ser da categoria humana”, surgida naqueles tempos, Penteado procurava explicar para o leitor do *Lampião* as diferenças entre “travestis” e “transexuais”.

Segundo Penteado, “hoje, travesti ficou sendo aquele (ou aquela bem mais raramente) que use roupas do sexo oposto e que elabora o próprio corpo com atitudes, posturas, maquiagem, hormônios e cirurgias plásticas a fim de assemelhar-se ao sexo imitado - o que ironicamente, no caso atual de certos travestis masculinos, supera em feminilidade o modelo adotado”. Já o “o transexual masculino tem o corpo com caracteres masculinos, órgãos sexuais masculinos completos [...], porém comportamento mental feminino, o que provoca constante atrito entre a mente e o corpo antagônicos - um tormento que resulta na rejeição e na repulsa do próprio órgão sexual masculino”. Ao se perguntar sobre a diferença entre “transexual” e “travesti”, Penteado afirmava ser,

cuca, principalmente cuca! ... O travesti (sempre nos termos de hoje, não esquecer), sente como todos nós a necessidade de chamar a atenção sobre a sua pessoa, mas a sua conformação masculina, devido aos padrões estabelecidos, nem sempre é a mais favorável para tal fim e ele se ajusta ao outro padrão, transformando-se. Não conheço nenhum travesti que, quando travestido, seja tímido: nesse momento, como é óbvio, ele está imbuído dessa sua forma de realização senão não se travestiria. As implantações de seio, quadris ou pombos do rosto, em silicone, são a complementação gloriosa e plena dessa mística de beleza adotada como padrão.

Assim, a figura da travesti com “operações castradoras mas que, pelo menos exteriormente, lhes dê a aparência sexual feminina”, com “alma de vedetes ou de mulheres mundanas”, era apresentado por Penteado aos leitores do jornal como “um ser humano que poderemos chamar de novo porque nunca antes adquiriu características semelhantes”. Assim o jornalista se questiona,

Assexuado? Ao contrário: bissexuado. Ambíguo? Longe disso, porque possui caracteres bem definidas, só que fora dos padrões convencionais, do "deja vue". Um protótipo, isto sim, de uma época em que ambíguos e discutíveis são os conceitos de liberdade e permissividade.

Darcy Penteado continua, na edição seguinte do jornal, o debate em torno da questão acerca das travestis<sup>202</sup>. De acordo com Penteado, “a conscientização e

---

<sup>201</sup> PENTEADO, Darcy. “Travesti: este desconhecido: a função cria órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 22 (março/1980), p. 12-13.

consequente reivindicação dos direitos da mulher “estaria lentamente “modificando a estrutura patriarcal” que daria “ao macho a preponderância no sistema social”. Esse processo de emancipação feminina levaria à formação de duas “facções”.

A primeira delas seria formada pelo que se poderia “considerar como integrante de uma sociedade ideal, em que o ser humano, não importando o sexo civil mas a sua preferência sexual, encontrará a sua forma de viver coletivamente, na ligação com outro (ou outros), para juntos desfrutarem os prazeres dos próprios corpos, liberados dos interesses de procriação e da consequente manutenção da espécie”.

A segunda, seria “composta de reacionários sexuais, dotados de mentalidade nostálgica e acadêmica: os herdeiros culturais da sociedade machista atual”. Para esta segunda “facção”, restariam poucas alternativas. Primeiramente, porque “o conceito de pecado, do sexo proibido [...] incentivado pela cultura judaico-cristã”, estaria se exaurindo. Em segundo lugar, “porque a mulher-objeto (forma humana receptora do falo e do esperma, aquela que tem sido apenas um veículo do prazer masculino, ou ainda a procriação por obrigação), será substituída pela mulher conscientizada do seu prazer do uso do próprio corpo”.

Assim, na visão de Penteado, seriam as travestis, “nessa sociedade futura”, aquelas que iriam “satisfazer sexualmente o macho tradicionalista”. Porque segundo o editor do *Lampião*, as travestis “não reivindicam mais do que isto: ser mulher-objeto”. Portanto,

[...] nesse mundo futuro, felizmente despojado da nossa escala de valores morais (prepotente mas também servil, falsa, inepta, dependente, preconceituosa, penitente, recheada de complexos de culpa, etc., etc.), as pessoas curtirão em plenitude a própria sexualidade, fazendo dela a base para a sua individualidade e, conseqüentemente, a estrutura para a sua formação social e política. Porém..., surgirá dentro dela (sociedade do futuro) um quadro bizarro: uma facção tradicionalista procurando **ainda** alimentar os valores machistas de antanho. Serão os saudosistas sexuais da mulher objeto e que, por força das circunstâncias, irão servir-se para tal fim... dos travestis (grifo do jornal).

Penteado conclui que

assim sendo, o travesti-prostituto que hoje é objeto de escárnio da sociedade tradicional, aquele que provoca rubores entre os bem acomodados, que é saco de pancada de polícia, lavador de latrina de xadrez, a Geni em quem os bofes jogam bosta (depois de a comerem ou de terem sido comidos por ela), estarão

---

<sup>202</sup> PENTEADO, Darcy. “Travesti: este desconhecido: o papel do travesti na emancipação feminina”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 23 (abril/1980), p. 3.

pura o futuro como um resquício da feminilidade falocrática quase desaparecida, mas ainda cultivada por um grupo de nostálgicos sexuais.

A edição nº 32 (janeiro/1981) seria aquela que daria maior destaque para as travestis, com uma capa dedicada exclusivamente ao tema e com a manchete: “*Brasil, campeão mundial de travestis*”. A capa, que trazia a imagem de onze travestis vestidas com a camisa do time de futebol Vasco da Gama e segurando uma bola, ainda anunciava “cinco páginas sobre as bichas biônicas, e mais uma entrevista com Rogéria, o Zico desta seleção”, em uma alusão ao jogador do Flamengo e da seleção brasileira.

Uma das reportagens tratava da perseguição e violência sofrida pelas travestis do centro de São Paulo <sup>203</sup>. Uma das formas mais comuns era as batidas policiais, especialmente aquelas comandadas pelo delegado Richetti <sup>204</sup>. Segundo a matéria do jornal, principalmente depois do início da Operação Rondão, em maio de 1980, “os travestis paulistas começaram a abandonar o centro da cidade, seguindo para os bairros ou avenidas da Zona Sul”, gerando descontentamento de moradores dessa região.

Além da repressão policial, a matéria informa que “os travestis tiveram de sofrer, em novembro, o resultado dos caprichos de um desequilibrado que portava uma espingarda [...], carregada de chumbo e sal grosso, com a qual alvejava os travestis da Zona Sul da cidade”. Tratava-se de um homem identificado como Carlos Pinezzi, de 28 anos, que “durante três semanas disseminou o medo e o ódio entre os travestis”. Segundo a reportagem, o atirador

Aproximava-se fingindo interesse, dava um rápido sinal de luz com seu carro e, quando o travesti vinha se oferecer, disparava a espingarda, geralmente apontada para o traseiro ou as pernas da vítima, e soltava gostosas gargalhadas enquanto esta fugia. Ele, pelo menos, colheu o que semeou: foi atacado por dois travestis, no dia 7 de novembro, e agredido a gilete e cacos de vidro, sendo hospitalizado com um corte profundo na testa.

O atirador foi reconhecido por duas travestis no Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC), no dia 27 de novembro. Segundo informaram as

---

<sup>203</sup> AUGUSTO, Paulo e FUKUSHIMA, Francisco. “Na Paulicéia, com olhos de lince e pernas de avestruz”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 32 (janeiro/1981), p. 5.

<sup>204</sup> Sobre as violentas ações policiais comandadas pelo delegado Richetti, a reportagem publicou o relato de uma travesti, Aretusa, de 17 anos, que trabalhava nas ruas do centro de São Paulo: “os **homens** não dão trégua. Outro dia, na carreira, eles atiraram na gente e acertaram no salto da minha sandália. Lá no distrito, tanto no 1º, 2º, 3º ou 5º, eles tomam tudo. A Cleide, para sair, teve de entregar Cr\$ 8 mil. E olha que ainda levou gás lacrimogêneo na cara. Esse Richetti, então, é um viado. Uma bichona enrustida, que nos persegue por puro prazer” (grifo do jornal). AUGUSTO, Paulo e FUKUSHIMA, Francisco. “Na Paulicéia, com olhos de lince e pernas de avestruz”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 32 (janeiro/1981), p. 5.

travestis à imprensa, “Pinezzi permaneceu sempre ao lado dos policiais, rindo muito e conversando”. Orientado pelo advogado, afirmou que jamais sentiu ódio de homossexuais, porém, quando indagado se sairia com uma travesti, respondeu que “sim” e, em seguida, completou: “para acertar um tiro de espingarda na cara dele”.

A reportagem conclui que,

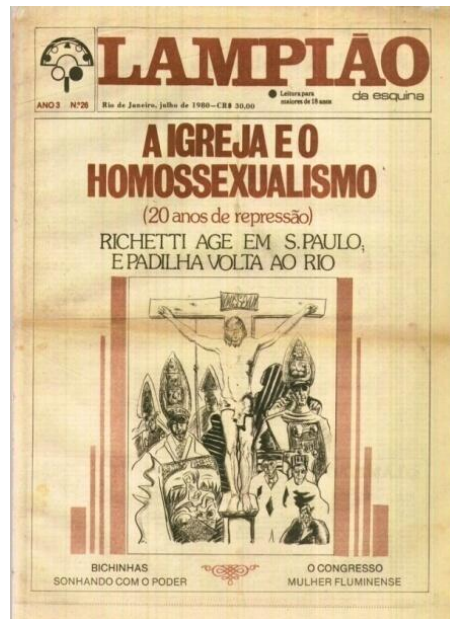
para sobreviver, portanto, na noite paulistana, o travesti deve ter duas qualidades primordiais: olhos de lince e pernas de avestruz. E mais ainda, permanecer em estado de vigília, pois os camburões transformaram a área onde atuam numa selva perigosa e traiçoeira. As barcas se encontram à espreita dessa caça, cujo destino pode ser, principalmente, o 3º distrito policial (Terceira Seccional - Centro), cuja direção se encontra ocupada pelo delegado Jose Wilson Richetti.

Outro tema abordado com frequência pelo *Lampião da Esquina* era o da relação entre Igreja, religião e homossexualidade. O jornal dedicou uma de suas edições a esta questão, republicando, da revista canadense *Le Berdache*, o dossiê “A Igreja e o Homossexualismo”<sup>205</sup>. Chama-nos particularmente atenção a imagem de capa desta edição, com a reprodução da imagem de Jesus Cristo crucificado, desenhada à mão. Nela, podemos observar a imagem de um Cristo com a cabeça abaixada e com os cabeços escondendo seu rosto, com se estivesse abatido e sentindo vergonha, Acima, pregada na cruz, um pedaço de madeira escrito “Homossexum”, no lugar de “I.N.R.I.”. Ao seu redor, imagens do que parecem ser membros do clero, com os rostos escurecidos (**Imagem 2**).

---

<sup>205</sup> Segundo é informado pelo *Lampião da Esquina*, “o dossiê ‘A Igreja e o Homossexualismo’, foi publicado originalmente na revista canadense **Le Berdache** nº 4 (outubro de 1979), da Associação para os Direitos da Comunidade Guei de Quebec. **Lampião** deseja agradecer aos editores de **Le Berdache** (palavra que significa bicha na língua dos índios canadenses) pela licença de publicação do documento” (grifos do jornal). REPORTAGEM, “A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão”. In: *Lampião da Esquina*, nº 26 (julho/1980), p. 3.

## Imagem 2- Capa do Lampião: edição número vinte e seis (julho/1980)



Fonte: *Lampião*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/ 1980), p. 1.

Uma das reportagens assinada Guy Ménard por e intitulada “*A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão*”, aponta que “as campanhas anti-homossexuais [...], desencadeadas em nome da moral cristã” e de “uma nova condenação do homossexualismo pelo Vaticano” acabam por demonstrar que “a religião, e especialmente a tradição cristã, continua sendo um poderoso obstáculo para o movimento de libertação homossexual”. No texto, Ménard recupera a publicação, do Vaticano de 1975, de uma “Declaração sobre algumas questões de ética sexual”, na qual, segundo ele, “reafirmava claramente uma posição muito severa em relação ao homossexualismo”<sup>206</sup>.

Segundo Ménard,

[...] muitas lésbicas e bichas não se espantarão com isso. Afinal, a religião não foi sempre um dos principais fatores de opressão de que são vitimas há séculos os homossexuais no Ocidente judaico-cristão? No máximo, essa Igreja que antes mandava os homossexuais para o fogo do inferno (passando

<sup>206</sup> De acordo com este documento do Vaticano, citado por Ménard, “[...] a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos desprovidos de sua regra essencial e indispensável, [...] as relações homossexuais são condenadas pela Santa Escritura como depravações graves [...]”. Assim, prossegue o texto, “os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados e [...] não podem em nenhum caso receber aprovação”.

pelo da fogueira...), ter-se-ia "civilizado" um pouco: ontem, ela abandonava os homossexuais "irrecuperáveis" ao "braço secular" dos torturadores e carrascos. Hoje, ela se contenta em os colocar nas mãos de psiquiatras ("desde que eles não eduquem nossos filhos, não se reúnam em nossas salas e não se pretendam normais...").

Assim, para Ménard, ainda que “milhões de homens e mulheres homossexuais” tenham abandonado qualquer tipo de referência religiosa, “a cultura judaico-cristã continua sendo uma **herança** de que ninguém se desembaraça com uma simples mudança de atitude. Ainda presente tanto na cultura como no inconsciente coletivo da nossa sociedade, tal realidade interessa, conseqüentemente, ao mundo homossexual e ao movimento guei” (grifo do jornal).

Contudo, ainda que muitos tenham se afastado da religião, outros “milhares” de “lésbicas e homossexuais”, segundo Ménard, ainda mantêm a sua fé e, assim, “essa questão é ainda mais imediatamente vital”.

Muitos entre eles permanecem de fato mais divididos, no mais profundo deles mesmos, entre seu desejo homossexual e aquilo que acreditam ser as exigências de sua fé. Torna-se particularmente importante, para esses homens e mulheres, uma tornada de consciência quanto a que um número cada vez maior de cristãos gueis, hoje, recusa-se se deixar prender nesse gênero de dilema, acreditando que a única maneira para eles de serem autenticamente cristãos é a de aceitar e viver o mais humanamente possível seu desejo homossexual.

Ainda seria publicada nesta edição do jornal, a “declaração de princípios” do movimento Dignity. Nascido nos EUA, em 1969, o Dignity “se define como um grupo internacional de católicos homossexuais, homens e mulheres, e de outras pessoas que simpatizam com o mundo guei”. Segundo o Lampião, “constatando que os católicos gueis recebiam muito pouco de sua igreja quanto aos serviços e à acolhida a que tinham direito, essas pessoas resolveram constituir um grupo com o qual os homossexuais pudessem se identificar e pelo qual poderiam fazer ouvir sua voz diante da Igreja”.

Outras duas reportagens que tratam da relação entre Igreja e homossexualidades também se destacam nesta edição. A primeira delas era a de Paul Quellet, intitulada “*Uma Experiência com cristãos gueis*”, em que faz um relato de sua experiência ao conhecer um homossexual quando trabalhava na pastoral de uma paróquia de Quebec, Canadá, no ano de 1971<sup>207</sup>. Segundo Quellet,

---

<sup>207</sup> QUELLET, Paul. “Uma Experiência com cristãos gueis”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 4.

ele me explicou o que era a sua vida e dificuldades em relação à família, o trabalho, à Igreja, e suas esperanças de uma vida melhor. Ficou então decidido, de comum acordo, reunir alguns homossexuais para se ver o que podia ser feito diante de tal situação. O projeto respondia certamente a uma necessidade, já que após alguns meses nascia um primeiro grupo: o Centro Humanitário de Ajuda e Liberação. No início, o grupo selecionou três objetivos: 1) ajudar os homossexuais a se aceitarem; 2) organizar atividades de informação e de encontros com outras pessoas; 3) difundir informações para lutar contra os preconceitos da sociedade.

A segunda reportagem procurava discutir a questão de como a Bíblia se situou em relação às homossexualidades<sup>208</sup>. Segundo a matéria, “abordar tais relações requer certamente algumas precauções: a Bíblia, de fato, é um livro antigo, complexo, que evidentemente não se pode ler como um manual de história ou como um tratado de ciências naturais”. Além do mais, segundo a reportagem,

Além do mais, a ciência e a consciência moderna nos permitem de reler hoje a Bíblia com "olhos novos" e com os melhores "ferramentas" do conhecimento e da interpretação. Chegou-se assim, por exemplo, a distinguir muito melhor o "núcleo" da mensagem bíblica da "forma" na qual a mensagem se expressa, sendo que essa "forma" está estreitamente ligada a uma cultura muito diferente da nossa

Os editores do *Lampião da Esquina* também sofreram com a censura e a repressão do regime militar por causa do jornal tratar da questão das homossexualidades.

Em agosto de 1978, os editores do jornal haviam sido informados que o Departamento de Polícia Federal (DPF), do Rio de Janeiro, havia aberto um inquérito enquadrando a publicação e os seus responsáveis no Art. 17 da Lei de Imprensa, que tratava de “ofensas à moral e ao pudor público”, o mesmo artigo que havia sido usado contra o jornalista Celso Curi, responsável pela “Coluna do Meio” no jornal *Última Hora*<sup>209</sup>.

Em abril de 1979, os membros do conselho editorial do jornal, residentes no Rio de Janeiro, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques e Adão Acosta foram intimados a se apresentarem na DPF, para serem

---

<sup>208</sup> REPORTAGEM. “A Bíblia e o Homossexualismo”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 5.

<sup>209</sup> Segundo Edward MacRae, “este item da lei já fora usado contra o jornalista Celso Curi, responsável pela coluna gay do jornal paulista *Última Hora* e contra um poeta de Brasília, Nicolas Behr, mas ambos conseguiram absolvição. Ainda pendiam inquéritos contra a revista *Interview*, que publicou entrevistas consideradas atentatórias à moral e bons costumes, com Ney Matogrosso, Bety Faria e Yonita Salles Pinto; e com *Isto É*, que também havia dedicado várias de suas páginas, além de sua capa, a um longo artigo sobre homossexualidade. Dizia-se que o inquérito teria o respaldo do próprio Ministro da Justiça de então, Armando Falcão”. MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 228.



fotografados e terem suas impressões digitais tomadas, além de prestarem depoimentos. Poucos meses depois, o mesmo aconteceria com os editores de São Paulo, Darcy Pentead, João Silvério Trevisan, Jean-Claude Bernardet e Peter Fry<sup>210</sup>.

Três meses depois, em julho de 1979, outra intimação foi enviada ao *Lampião da Esquina*. Desta vez, era exigida a apresentação dos livros de contabilidade do jornal no DOPS do Rio de Janeiro. De acordo com Edward MacRae, “o advogado da ABI, Luís Celso Soares de Araújo, que estava representando o *Lampião*, considerou a solicitação ilegal, arbitrária e sem nenhuma relação ao inquérito em andamento”<sup>211</sup>. Acreditava-se que essa nova intimação por parte dos órgãos da repressão teria sido feita com base em um documento secreto do Centro de Informações do Exército (CIE), que havia sido revelado pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Segundo MacRae,

este documento recomendava medidas alternativas para controle da imprensa, uma vez abrandada a censura oficial. Uma das medidas preconizadas era a de promover devassas na contabilidade das editoras de jornais “nânicos”, para levá-las a encerrarem suas atividades por razões fiscais. Pretendia-se provar que o *Lampião* não tinha condições de sobreviver como empresa<sup>212</sup>.

Os ataques ao jornal, na verdade, eram ataques que ameaçavam toda a imprensa brasileira e que, por isso, “o *Lampião* pode gozar de bastante solidariedade por parte de seus pares”<sup>213</sup>. Além do apoio jurídico da ABI, o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo mandou um telegrama ao presidente da República, “pedindo que cessassem as perseguições aos jornais, citando nominalmente o caso do *Lampião*”<sup>214</sup>. Ainda de acordo com Edward MacRae,

Uma nota de protesto do *Lampião* foi publicada no Rio de Janeiro e em São Paulo, pelos jornais, *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Segundo *Lampião*, o *Jornal do Brasil* se omitiu, porque seus diretores tinham ordem expressa de ignorar qualquer reivindicação de homossexuais<sup>215</sup>.

O *Lampião*, por sua vez, procurou revidar as suspeitas de que a editora criada para publicar o impresso, estaria em processo de falência, e que não visava o lucro. O jornal informava, ainda, que o valor arrecadado com a venda de um número era

---

<sup>210</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>211</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>212</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>213</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>215</sup> Ibidem, p. 230.

utilizado para pagar a edição do próximo e que, até aquele momento, o jornal nunca havia tido qualquer atraso em suas publicações. De acordo com Peter Fry e Edward MacRae, “apesar das ações policiais e judiciais serem arquivadas depois de complicadíssimos trâmites legais, o fato é que [...] os editores do *Lampião* passaram meses de intimidação e humilhação”<sup>216</sup>.

Entre as organizações da sociedade civil, o jornal receberia apoio do grupo SOMOS. Segundo Edward MacRae, “o relacionamento entre o Somos e o *Lampião* tinha um componente simbiótico, pois, várias vezes, integrantes do grupo haviam saído às ruas divulgando o jornal em meios homossexuais, distribuindo cópias de números antigos que tivessem artigos sobre o Somos”<sup>217</sup>.

### **2.3- A luz do *Lampião* se apaga**

Segundo Edward MacRae, “depois de um começo auspicioso, com muitas vendas e recebendo apoio de diversas áreas identificadas com as lutas das chamadas ‘minorias’, *Lampião* começou a sofrer um sério desgaste”<sup>218</sup>. Outras publicações voltadas para o público homossexual surgiram, como a revista *Rose*, por exemplo. Com uma maior liberalização dos costumes e uma maior tolerância do próprio governo no início da década de 1980, começaram a surgir revistas sem maiores preocupações e pretensões cultural e política, mas dispostas a preencher suas páginas com fotos de nus masculinos. Aos poucos, o *Lampião da Esquina* também começaria a incorporar estas mudanças do novo mercado editorial de jornais e revistas voltadas ao leitor *gay*.

Diante disso, alguns editores do passaram a defender a manutenção da política editorial original do jornal, e também temerosos de enfrentar problemas com um novo inquérito policial, colocaram-se contra a utilização da nudez para aumentar as vendas. Isso levaria a desgastes internos em torno da edição do impresso. De acordo com Flavia Perét, “no final de 1979, desentendimentos de ordem prática e editorial, além dos recorrentes problemas financeiros, e do que Trevisan chamou de ‘certo esgotamento ideológico’, começaram a melindrar as relações dentro do jornal”<sup>219</sup>. Ainda segunda a autora,

---

<sup>216</sup> FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é...* Op. cit., 1983.p. 22.

<sup>217</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 230.

<sup>218</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 162.

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 57.

enquanto Aguinaldo propunha uma guinada editorial para que o *Lampião* continuasse a circular, Trevisan mantinha firme sua opinião de que ele deveria conservar suas características originais de contestação e lutar para dar visibilidade às questões que envolviam a comunidade homossexual. Em decorrência dessa cisão ideológica, Aguinaldo decidiu parar de editar o jornal e Trevisan propôs seu fim. Para ele, a publicação havia se tornado medíocre, com capas sensacionalistas e sem viés político<sup>220</sup>.

Além disso, “existiam outros fatores de desagregação interna”<sup>221</sup>. Conforme aponta Edward MacRae, desde o início, surgiria uma rivalidade entre os editores de São Paulo e do Rio de Janeiro. De acordo com o autor, originalmente

planejara-se alternar as reuniões de pauta entre as duas cidades, mas isso logo se mostrou impossível e, aos poucos, o jornal ficou cada vez mais sob a responsabilidade e direção de Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt, no Rio. Isso, inevitavelmente, levou a desentendimentos, especialmente entre Trevisan e Aguinaldo Silva<sup>222</sup>.

Aguinaldo Silva seria acusado de não abrir espaço suficiente para artigos dos editores de São Paulo, “fazendo com que o jornal ficasse quase exclusivamente voltado para os acontecimentos do gueto homossexual carioca”. E não eram apenas os paulistas que faziam reclamações. Como o jornal tinha distribuição nacional, leitores de outros estados escreviam cartas para o jornal criticando o espaço excessivo dado para matérias e reportagens do Rio de Janeiro.

Para aumentar ainda mais as dificuldades, o preço do papel se elevou, aumentando os custos da produção e ameaçando a viabilização do jornal<sup>223</sup>. As vendas começaram a decair. Conforme com Vinícius Coelho,

outro elemento que favoreceu o encerramento do *Lampião* foi a questão financeira. O periódico sobreviveu há esses anos com as vendas em bancas e assinaturas, dessa forma, quando havia uma variação nas vendas a redação passava por dificuldades<sup>224</sup>.

Além disso, outras formas de manter a publicação do *Lampião*, como a venda de espaços para anúncios ou a edição de livros, também não foram bem sucedidas.

---

<sup>220</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 58.

<sup>221</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 162.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>223</sup> Sobre esta questão, na edição nº 26 (julho/1980), o jornal informava aos leitores que “nos últimos seis meses os custos de impressão, papel, fotolitos, etc., aumentaram para nós em mais de 70%”. “Queridos Leitores”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 2.

<sup>224</sup> COELHO, Vinícius. *Lampião da...* Op. cit., 2014, p. 82.

Segundo MacRae, “a orientação explicitamente homossexual afugentava anunciantes e criava resistências entre as grandes distribuidoras, como Fernando Chinaglia, que se recusava a trabalhar com o *Lampião*, tornando muito mais difícil a sua divulgação em nível nacional”<sup>225</sup>.

De acordo com Flávia Perét, “além dos problemas financeiros e dos ‘rachas’ editoriais, enquanto existiu, o *Lampião da Esquina* refletiu outras cisões que faziam parte do cotidiano e das pautas de discussão do movimento *gay* brasileiro”<sup>226</sup>. Dessa forma, além das desavenças internas, os conflitos com os grupos homossexuais e de esquerda também eram refletidas nas páginas do *Lampião*, que tinha como política a publicação das cartas que recebia, inclusive as que continham críticas ao jornal<sup>227</sup>. As discordâncias com os caminhos tomados pela esquerda estampavam as manchetes das capas: “A esquerda joga bosta nas feministas” (edição nº 23), “Bichinhas sonhando com o poder” (edição nº 26) ou “Mais tesão e menos encucação” (edição nº 27). De acordo com Edward MacRae,

chegara ao fim o messianismo que caracterizara suas fases iniciais, com referências ao Encontro Nacional do Povo Gay ou Homossexuais a Nova Força. A isso se somou uma onda de terrorismo de direita que, durante alguns meses, quase conseguiu acabar definitivamente com a imprensa alternativa, ameaçando queimar todas as bancas de jornal nas quais os “nânicos” estivessem à venda<sup>228</sup>.

Ainda segundo o autor, “os números do jornal começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva de que não se estava oferecendo o produto que o mercado queria e que o ativismo só apelava à minoria de uma minoria”<sup>229</sup>. A partir da edição de número 31 (dezembro/1980), o jornal passou a ser organizado e editado de forma diferente. A seção “Cartas na Mesa”, por exemplo, que antes era localizada nas últimas páginas, passou a ocupar a primeira página, ficando menor, com apenas uma única página.

---

<sup>225</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 163.

<sup>226</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 59.

<sup>227</sup> De acordo com Vinícius Coelho, Em 1981 já existiam movimentos homossexuais sólidos no Brasil, com isso muitas correntes políticas e partidos de esquerda começaram a se envolver no movimento LGBT, em consequência disso houve um ‘racha’. Alguns membros acreditavam que com essas correntes iriam menosprezar as lutas das minorias em prol da ‘luta maior’ e outros componentes julgavam importante à participação deles. Esse debate adentrou na redação do *Lampião* causando desavenças internas, levando-o a extinção. COELHO, Vinícius. *Lampião da...* Op. cit., 2014, p. 83.

<sup>228</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 163.

<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 163.

Apesar de o *Lampião* dar mais espaço, apostando em reportagens mais comerciais e chamadas de capa de assuntos como “prostituição” (edição nº 30), “masturbação” (edição nº 31), “hotéis de pegação homem com homem” (edição nº 34), “homem pelado” (edição 35), o jornal não conseguiria aumentar suas vendas. Em junho de 1981, o jornal publicaria a sua última edição, de número 37 (Imagem 1).

### Imagem 3- Capa do *Lampião*: edição número trinta e sete (julho/1981)



Fonte: *Lampião*, Rio de Janeiro, edição nº 37 (julho/ 1981), p. 1.

A mudança no conteúdo do jornal pode ser observada em sua imagem e textos de capa. Na última edição do jornal a circular, a foto de dois homens se relacionando intimamente reforçava a observação de Flavia Perét de que as publicações “estavam mais agressivas, mais nudez, mais ousadia nas imagens e reportagens”<sup>230</sup>. Conforme Jorge Caê Rodrigues,

Com a distensão política, a pornografia passa a ter um espaço na mídia. O nu masculino, que antes era negado, acabou sendo uma forma de ver que o leitor do início do jornal não era o mesmo do fim. As imagens de travestis nas

<sup>230</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 58.

capas do jornal afastaram o leitor enrustido ou mesmo o ‘entendido’. O jornal ficou visualmente descaracterizado <sup>231</sup>.

Em uma entrevista a Flávia Péret, João Silvério Trevisan, ao ser perguntado sobre os motivos que levaram ao fim do *Lampião da Esquina*, respondeu que

por um lado, questões financeiras, mas, por outro, certo esgotamento ideológico. Não de ideais, mas ideológico. Quer dizer, nós começamos a ter a concorrência da grande imprensa, e o jornal estava ficando medíocre, com capas muito chamativas. O número mais político foi o que menos vendeu e isso me aborreceu extremamente. Eu fui para o Rio em determinada ocasião, disposto a impedir que o jornal continuasse, porque os problemas estavam demasiados e o custo-benefício não estava a gosto. Então, propus que o jornal terminasse, sob o pretexto que, de fato, o *Lampião* já tinha cumprido a sua função naqueles três anos <sup>232</sup>.

Assim, juntamente com *Lampião*, foram desaparecendo do mercado outras revistas dirigidas ao público homossexual, que publicavam notícias e artigos além de fotos de nus. Hoje, de acordo com Edward MacRae, predominam as “revistas declaradamente pornográficas, títulos como *Macho Sex*, *Sex Gay*, *Narciso* ou *Marilyn Monroe*, de impressão barata, mas contendo fotos nas quais se vêem, em detalhe, relações sexuais entre duplas ou grupos homossexuais” <sup>233</sup>.

Segundo Jorge Caê Rodrigues,

o *Lampião* iluminou o caminho de várias pessoas que viviam à sombra de sua própria identidade. Foi importante para toda essa geração que pôde ver que não estava sozinha, que não era louca nem doente e que existia um outro lado. Apesar de se confundir nos seus próprios passos, é inegável a contribuição do *Lampião* no longo e tortuoso caminho da construção das identidades *gays* <sup>234</sup>.

---

<sup>231</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 118.

<sup>232</sup> PÉRET, Flávia. *Imprensa gay...* Op. cit., 2011, p. 126.

<sup>233</sup> MACRAE, Edward. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 163.

<sup>234</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de...* Op. cit., 2010, p. 119.

## CAPÍTULO 3

### “AS CARTAS ESTÃO NA MESA”: EXPRESSÃO E VOZ DOS HOMOSSEXUAIS NAS PÁGINAS DO LAMPIÃO DA ESQUINA

Além de se destacar como o primeiro jornal de conteúdo homossexual a circular nacionalmente no país, *Lampião da Esquina* também ganharia, ainda, uma maior importância entre os seus leitores por abrir espaço para estes que pudessem ter voz e expressar os seus sentimentos, com a possibilidade, inclusive, de manter o anonimato. A seção de *Cartas na Mesa* seria, assim, um espaço de comunicação de um grupo estigmatizado socialmente, que passou a ver no impresso um espaço de “expressão” e de “voz”. Assim, a interação direta entre o público leitor e os editores do jornal seriam um das marcas mais importantes do *Lampião* em seus três anos de existência.

A seção *Cartas na Mesa* possuía, em geral, duas páginas e era publicada sempre ao final de cada edição<sup>235</sup>. As cartas, portanto, era o meio pelo qual os leitores do *Lampião da Esquina* expressavam suas opiniões, davam sugestões e esclareciam dúvidas. A concepção de criação deste espaço é explicada na primeira edição do jornal, a edição número zero (abril/1978):

a ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar á vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação<sup>236</sup>.

#### 3.1- A ditadura censura e reprime os homossexuais

O golpe de 1964 marcou o início de um período na história recente do Brasil marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição política, prisão, tortura e assassinato de opositores, e pela imposição da censura prévia dos meios

---

<sup>235</sup> A partir da edição nº 31, porém, como as mudanças no formato e no conteúdo do jornal, como mencionado no capítulo anterior, as seção *Cartas na Mesa* passou a ser publicada na segunda página, logo após a capa, e ocupando apenas uma, ao invés de duas páginas, como nas edições anteriores.

<sup>236</sup> CARTAS NA MESA. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0, p. 14.

de comunicação, mediante a imposição do AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Os militares que assumiram o poder em 1964 acreditavam que o regime democrático que vigorava no Brasil desde o fim da Segunda Guerra Mundial havia se mostrado incapaz de deter a suposta "ameaça comunista" no país. Com o golpe, deu-se início a uma ditadura que só conheceria, de fato, o seu fim, com a promulgação da Constituição de 1988.

Os chamados “anos de chumbo”, com os governos Costa e Silva (1967/1969) e Médici (1969/1974), foram marcados pela forte repressão a setores oposicionistas do governo, entre eles, indígenas, operários, camponeses, grupos de resistência armada, estudantes, etc. Contudo, um segmento da sociedade, também alvo da repressão do regime ditatorial,

Em 1974, o general Ernesto Geisel assumiu a presidência. Representante da chamada “ala castelista”, enfrentou a oposição dos militares da chamada “linha dura”. Seu governo foi marcado, no plano econômico, pela continuidade do modelo nacional-desenvolvimentista, com o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), em uma tentativa de superar a “crise do milagre” e os efeitos negativos para a economia nacional decorrentes da crise do petróleo de 1973, sobretudo no que se refere ao balanço de pagamentos. No plano político, seu governo foi marcado pelo processo de abertura política “lenta, gradual e segura”, idealizada pelo general Golbery do Couto e Silva, que, entre outras medidas, revogou o AI-5, restabelecendo o direito ao *habeas corpus* e às garantias individuais. No entanto, o período em que Geisel esteve na presidência também foi marcado pela morte do jornalista da TV Cultura, Vladimir Herzog que, em 1975, foi preso e torturado até a morte nas dependências dos órgãos de segurança em São Paulo (DOI-CODI). Um ano depois, em 1976, o operário Manoel Fiel Filho foi encontrado morto em sua cela.

O governo Ernesto Geisel também seria marcado por diversas contradições e, para sua sucessão foi eleito, pelo Colégio Eleitoral, o general João Batista Figueiredo. João Batista Figueiredo assumiu a presidência em 1979. Ainda no processo de abertura política, extinguiu o bipartidarismo e concedendo uma ampla anistia política. Um dos episódios mais marcantes do período refere-se ao movimento das “Diretas Já!”, iniciado a partir da apresentação pelo Congresso em 1983, pelo deputado Dante de Oliveira e que representou a manifestação da população em prol das eleições diretas para presidência.



Nesse contexto de repressão, autoritarismo e abertura política, foram lançados diversos jornais que expressavam ideias e valores que iam em direção oposto ao regime civil-militar. Na chamada “imprensa alternativa”, inúmeros periódicos foram lançados, dentre eles, os jornais com a temática homossexual que tiveram, em sua maioria, circulação efêmera e restrita a um círculo relativamente fechado. O *Lampião da Esquina*, no entanto, é caracterizado como o primeiro jornal homossexual de circulação nacional, que tinha como principal objetivo dar espaço e voz para uma parcela não tão “minoritária” da sociedade, mas que por ela era excluída, os homossexuais. E, por meio da seção de cartas intitulada *Cartas na Mesa*, foi possível um diálogo entre os leitores e os editores do jornal.

### 3.2- As cartas estão na mesa

Ângela de Castro Gomes descreve as cartas como uma forma de comunicação e escrita de si, onde é realizada uma troca de informações entre sujeitos<sup>237</sup>. Nesse sentido, cartas representariam um tipo determinado de escrita que é enviada de um indivíduo para outro determinado indivíduo, permanecendo, portanto na esfera privada. No caso do *Lampião da Esquina*, as cartas enviadas para serem publicadas pelo jornal tinham como propósito serem lidas por um público maior. Ainda que muitas vezes fosse mantido o anonimato do autor das cartas, seu conteúdo acabava saindo esfera particular, sendo compartilhado coletivamente entre os leitores do impresso.

As *Cartas na Mesa* eram, portanto, uma ferramenta, um elemento de troca e comunicação entre os homossexuais leitores do jornal. Por meio delas, expressavam seus sentimentos, angústias, desejos e reflexões sobre sua orientação sexual. O título da seção de cartas do jornal representava a intenção de construir um jogo a partir de palavras, que procurava reverter a situação de desqualificação da imagem homossexual buscando a construção de outra imagem, valorizada e positivada.

Por meio da seção *Cartas na Mesa* é possível ainda demonstrar as dimensões da circulação nacional do impresso, com cartas de leitores de todo o país, e sua capacidade de constituir um sentimento comunitário em torno das questões relacionadas ao “universo homossexual”. As cartas legitimaram as opiniões de um jornal e justificaram as razões de sua criação e existência, além de divulgar o periódico e contribuir para a conquista de novos leitores.

---

<sup>237</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 23.

O jornal se caracterizou, sem dúvida, pela defesa da diversidade sexual durante o período final da ditadura. As cartas dos leitores funcionavam como um meio de comunicação e expressão de uma minoria que passou a enxergar no impresso um espaço importante de "representação". Assim, a percepção do processo de construção das homossexualidades, em particular da homossexualidade masculina, através dos discursos produzidos nas cartas é o nosso foco de análise neste terceiro capítulo.

O conteúdo das cartas apresentou modificações e modificando ao longo dos anos de circulação do jornal. As cartas exprimiam desde o preconceito e discriminação contra os homossexuais até relatos sobre a relação entre os homossexuais e as instituições religiosas, além de observações a respeito do conteúdo do jornal. No entanto, existam assuntos bastante diversos.

As cartas foram de grande importância para a imprensa homossexual na crítica aos padrões impostos pela ditadura, visto que elas simbolizaram a opinião e a reação do público em geral e, principalmente, dos homossexuais em relação ao jornal e às próprias cartas, uma vez que, na maioria delas os editores dialogaram com o público. A particularidade no caso do jornal homossexual *Lampião da Esquina* e a sua seção de *Cartas na Mesa*, é especialmente porque os leitores expressavam suas convicções, esclareciam suas dúvidas e levantavam outras questões relacionadas ao universo homossexual e, nesse diálogo, havia uma relação de troca, seja de experiências, seja de atitudes, seja de valores, enfim, havia uma reciprocidade entre os leitores e editores.

O leitor do periódico poderia, por meio das cartas, colocar a sua opinião, seus conflitos e indagações. Isto pode ser percebido através da circulação do jornal e da variedade de assuntos nas cartas recebidas. É possível que, por esse motivo, a seção de cartas tenha tido tanta repercussão em um jornal de cunho nacional, aberto à diversidade e, que atendia prioritariamente ao público homossexual. Sem dúvida, a seção de cartas representou a busca pela abertura e liberdade de imprensa do período, mas também se mostra, na situação em questão, como um espaço de sociabilidade, diálogo e discussões. Espaço aberto para as mais diversas possibilidades de e, muitas vezes, críticas ao próprio jornal.

Embora as *Cartas na Mesa* tenham se apresentado como espaço de expressão de diferentes formas de pensar a afirmação homossexual, nela não se encontrava a fala livre de qualquer forma de controle e seleção. Quem selecionava as cartas que seriam publicadas, os títulos que seriam dados a elas, os trechos que seriam apresentados e os que seriam eliminados, a quantidade de páginas em que seriam registradas e a extensão

do espaço destinado a cada uma delas eram os membros do Conselho Editorial do *Lampião da Esquina*. Com isso, as *Cartas na Mesa* não escapavam aos exercícios de poder. Como toda a manifestação vinculada a uma mídia, as cartas dos leitores passavam por uma prévia seleção. Por meio delas os leitores se expressavam, mas o jornal também o fazia, não somente pelas respostas que destinavam às cartas, mas também, e principalmente, por meio das cartas que decidiam publicar e pelo que pretendiam evidenciar por intermédio delas.

As cartas eram utilizadas como forma de expressão, para questionamentos, dúvidas, sugestões, entre outros assuntos que, no período, eram de grande destaque, especialmente em relação ao público ao qual era destinado. As manifestações sobre o conteúdo do jornal eram as mais diversas, e representavam, especialmente, o desejo coletivo por visibilidade, principalmente sendo os mesmos também homossexuais e sofrendo preconceitos diversos por sua condição sexual. É preciso destacar que há, além da comunicação do leitor para com o jornal, a do jornal para com o leitor, uma vez que a maioria das cartas publicadas era respondida pelos editores.

As *Cartas na Mesa* eram, portanto, um desabafo de diferentes interpretações das homossexualidades. A ordem discursiva que era construída pelos editores do *Lampião da Esquina* ao selecionar, editar e publicar as cartas, contudo, também possuía suas particularidades, seus pontos de fuga, seus rompantes, devaneios e depoimentos. Havia momentos em que o descontrole também se manifestava implícita ou explicitamente, tanto por parte do Conselho Editorial, tanto por parte dos leitores, que escreviam e enviavam as cartas.

A publicação de *Cartas na Mesa* seguia certa organização. As cartas eram publicadas sob títulos dados pelo jornal que funcionavam como uma interpretação por meio da leitura dos editores das cartas enviadas ao *Lampião da Esquina*. As cartas publicadas eram finalizadas pela assinatura do seu autor e, em seguida pelo local de sua procedência. E isso, muitas vezes, chegava a funcionar como uma prerrogativa para que a carta fosse publicada. Assinar e assumir-se como o autor da carta significava assumir, portanto, uma posição de pensamento diante da discussão sobre a homossexualidade. Entretanto, em *Cartas na Mesa* é perceptível que muitas delas eram assinadas por pseudônimos ou simplesmente por iniciais de um nome. Ainda que a assinatura fosse uma regra colocada pelo jornal como pré-requisito para a publicação de uma carta, *Cartas na Mesa* era o espaço onde se explicitava mais intensamente uma fala anônima, dependendo do conteúdo do seu conteúdo.

As cartas foram, sem dúvida, um dos meios de comunicação e sociabilidade entre os homossexuais do período. É possível notar esse fato por meio das diversas manifestações e os mais variados assuntos tratados nas cartas. Aproximação, sociabilidade, quebra de barreiras, enfim, as cartas iam muito além de um simples relato pessoal enviado para um jornal.

As *Cartas na Mesa* funcionavam como um meio de interação dos homossexuais da época, construindo diálogos e alianças. Na edição número um (maio-junho/1978), muitas cartas representaram a repercussão da edição anterior do *Lampião*, a de número zero. Dessa forma, o jornal recebeu palavras de apoio e incentivo de Agildo Guimarães, uma das pessoas mais importantes do movimento homossexual brasileiro, editor de *O Snob*, o primeiro jornal homossexual do país. Na carta, Guimarães, que já tinha passado a editar o *Gente Gay*, expressava o seu sentimento de felicidade em relação ao surgimento do *Lampião*:

“Um abraço do Gente Gay”

[...] Sabem, estou muito contente, satisfeito mesmo em saber que vocês conseguiram fazer do *Lampião* o meu sonho. Sempre pensei em algo assim. Desde o tempo em que comecei, há muito anos atrás, um jornalzinho desprezioso chamado SNOB. Atualmente faço o *Gente Gay*, que estou lutando para melhorar e, melhor dizendo, continuar, o que é mais difícil [...]

**Agildo B. Guimarães**  
**Rio**<sup>238</sup>.

No período da ditadura civil-militar no Brasil, a homossexualidade era condenada como “doença”, sendo tratada com preconceito e forte discriminação social. Assim, Agildo Guimarães, bem como os membros fundadores do *Lampião da Esquina*, buscaram romper determinadas barreiras, lutando por uma maior visibilidade dos diferentes grupos homossexuais.

Agildo Guimarães expressava a sua satisfação, apoiando a iniciativa de criação do jornal. Falava na carta, ainda, sobre a sua publicação, *O Snob*, “um jornalzinho desprezioso”, segundo suas próprias palavras, que circulou no Rio de Janeiro nos anos de 1960. Em resposta a Agildo, o *Lampião* escreveu: “Sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a *Lampião*”<sup>239</sup>.

---

<sup>238</sup> CARTAS NA MESA. “Um abraço do Gente Gay”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 01 (maio-junho/1978), p. 14.

<sup>239</sup> CARTAS NA MESA. “Um abraço do Gente Gay”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 01 (maio-junho/1978), p. 14.

Nota-se, dessa forma, uma relação de respeito e admiração de Agildo Guimarães em relação aos editores do *Lampião*. Mas também de luta por direitos e principalmente por respeito aos homossexuais em uma sociedade extremamente preconceituosa, em que *gays*, eram tratados e vistos como “doentes”, “pervertidos” e “anormais”, necessitando, por isso de tratamento.

Em outra carta publicada na edição número zero intitulada "*Edições Mundo Livre*", o autor Néelson Abrantes afirma,

“Edições Mundo Livre”

Caros editores: acabei de receber o número zero de LAMPIÃO. Excelente apresentação, conselho editorial de Primeiríssima ordem, além de excepcional critério seletivo na escolha das matérias. Parabéns! Quem lucra com esta iniciativa libertadora são os que, mais e mais, lutam pela emancipação do ser humano; tema excessivamente comentado (em termos superficiais) e na realidade pouquíssimo praticado. Aguardem para breve o envio de nossas edições. Desde já, espero que elas mereçam um comentário crítico nas páginas do jornal. Desejando-lhes novos e constantes acertos, despeço-me com um abraço fraternal e libertário

Nelson Dantas  
Edições Mundo Livre  
Rio <sup>240</sup>.

Os homossexuais buscavam maiores liberdades. Por isso, Néelson Abrantes agradece pelo desenvolvimento do *Lampião na Esquina*, enfatizando a qualidade do jornal, sua organização e seu conteúdo. Ainda na edição de número 01, é possível notar outro tipo de manifestação e receptividade ao recebimento da edição número zero do jornal:

"Passa fora, machão"

Ilmos. Srs.: estou devolvendo a V. Sas. O número de seu jornal que me foi endereçado, e não gostaria de continuar recebendo, pelo simples fato de não ter interesse por este gênero de leitura.

Obrigado e atenciosamente,  
Carlos R. S.  
**Rio**

Tendo recebido Vg sem ter pedido Vg exemplar de seu jornal Vg manifesto que não quero receber outro Pt.

**Bruno E. C.**  
**Porto Alegre – RS**

R: Há algo de errado com Carlos, o carioca, e o gaúcho Bruno; LAMPIÃO provocou uma enorme curiosidade entre os machões, todos

---

<sup>240</sup> CARTAS NA MESA. “Edições Mundo Livre”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 01 (maio-junho/1978), p. 15.

ansiosos em receber, assinar, ler o jornal. Por que será que esses dois se mostraram tão diferentes?<sup>241</sup>

É importante destacar que a edição número zero não foi vendida em bancas de jornal, e sim distribuída pelos editores, entre conhecidos e desconhecidos. Nestas duas cartas, ficam evidentes características do jornal em relação ao conteúdo das cartas, uma delas é o título: “Passa fora, machão”, é um deboche com o leitor. E, na resposta dada ao Carlos R. S., que enviou a carta, além de um questionamento, é feito também um sarcasmo.

As cartas da sessão “*Cartas na mesa*” demonstram as opiniões dos leitores, nem sempre favoráveis ao jornal, uma vez que, a divulgação da homossexualidade por meio de um mensário não agradou a todos. Muito mais por uma questão cultural, onde os padrões socialmente construídos não são bem vistos e/ou aceitos a homossexualidade, que sofreu e atualmente ainda sofre preconceitos.

Como o primeiro jornal homossexual de visibilidade nacional, o *Lampião da Esquina* representou a circulação não só de uma ideia inovadora em um contexto de repressão, mas também a representação de um grupo, tido como minoritário e até então menosprezado socialmente. A abertura para um novo olhar, novas ideias e opiniões diferentes foram algumas das marcas do periódico.

Outras cartas também se manifestam a favor do jornal, mesmo que com características diferentes.

“Mais pena de pavão”

Sabe, concordo com alguns leitores da seção de cartas, quando dizem que o jornal precisa de mais humor, de mais frescura. Realmente, LAMPIÃO ainda está muito sério. Precisa de mais graça. Que tal uma historieta (ou tira mensal) com alguns personagens bem dentro do estilo do jornal?

[...].

Também a diagramação, o visual do jornal ainda não se impôs, ainda estão muito frias, mesmo em se tratando de um jornal mensal. [...] Bom, essas são algumas observações sobre o jornal e não precisa dizer que tenho a melhor intenção ao dizer isso, né? Por enquanto é só. Um abraço e sucesso.

*Sandra Maria C. de Albuquerque*  
*Campina Grande – Paraíba*

R: Sandra, sua colaboração não chegou a tempo de entrar neste nº 2, fica para o nº3. Mas resolvemos publicar sua carta, pelo menos para lhe dar uma explicação. Achamos ótimas suas observações, e vamos levar em conta

---

<sup>241</sup> CARTAS NA MESA. “Passa fora machão”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 01 (maio-junho/1978), Cartas na Mesa, p. 14.

todas elas. O jornal precisa se tornar menos sisudo, sim, mas lutamos, pelo menos até aqui, com o problema do espaço [...] <sup>242</sup>.

As sugestões dadas pela leitora são bem aceitas pelos editores já que, a proposta inicial do jornal é a construção de um diálogo entre os leitores e os editores do jornal. Como leitora do jornal, Sandra dá sugestões para melhorar ainda mais o jornal. A resposta dos editores é positiva, tanto que sua carta foi publicada. Assim se construiu o *Lampião da Esquina*, com a ajuda de seus leitores. Isso demonstra que o jornal não estava estático, engessado, e sim aberto a opiniões e sugestões, especialmente de seus leitores.

Na carta intitulada “*Nós: ‘Heróis’ e ‘Arautos’*”, o leitor Antônio Cabral revela o seu entusiasmo com a publicação do jornal.

“Nós: ‘heróis’ e ‘arautos’”

Dirijo-me a este jornal com o intuito de trazer-lhes um mínimo do enorme sucesso que está sendo a sua criação. Digo isto de coração, porque o interesse que tenho notado na multidão guei acerca deste arauto de uma legião proscrita é digno de ser transmitido, para que senão todos, pelo menos alguns, os mais inteligentes, compartilhem deste prazer imenso. É para mim uma alegria contagiante poder dizer para muitos, através das páginas deste jornal, que ele tem sido adquirido nas bancas e lido pelos privilegiados assinantes com a ânsia de quem encontrou o remédio que vai salvá-lo após ter sido desenganado pelo médico. A todos o meu aviso de leitor exigente: divulguem este herói porque ele é o único com estas características.

**Antônio Cabral Filho**  
**Rio** <sup>243</sup>.

O leitor Antônio Cabral destaca não só a relevância do jornal, mas também como um meio de comunicação de força e ênfase destinado ao público homossexual. O autor da carta chega a classificar o periódico como "um remédio" para quem é desenganado pelos médicos. Essa perspectiva pode ser entendida a partir da noção de dominação simbólica que, como explica Pierre Bourdieu, "não está ligada aos signos sexuais visíveis, e sim à prática sexual."<sup>244</sup> Nesse sentido, “viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido

---

<sup>242</sup> CARTAS NA MESA. “Mais pena de pavão”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 02 (junho-julho/1978), p. 15.

<sup>243</sup> CARTAS NA MESA. “Nós: ‘heróis’ e ‘arautos’”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 02 (junho-julho/1978), p. 14.

<sup>244</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.144.

pelos demais homossexuais”<sup>245</sup>. Esse desejo de ser reconhecido se nota na carta do jornal. O *Lampião da Esquina* foi um mensário elaborado por homossexuais e para homossexuais, por isso, o leitor Antônio Cabral mostra sua satisfação e empolgação com o lançamento do mesmo.

Através da reflexão de Bourdieu, nota-se que o fato de o indivíduo ser homossexual transforma não só a sua vida, mas também a vida dos demais. O homossexual vive um personagem quando nega, especialmente para si mesmo, sua homossexualidade, como o próprio Bourdieu caracteriza, "viver envergonhadamente a experiência sexual"<sup>246</sup>. Já a resposta do jornal em relação à carta foi: “R. Ufa. Cabral, você nos deixou encabulados. Heroísmo mesmo foi jogar LAMPIÃO nas bancas apenas com a cara e a coragem. Mas cartas como a sua servem para nos mostrar que valeu a pena: estamos aí”<sup>247</sup>. A resposta dos editores demonstra a satisfação em relação aos comentários do leitor.

Na carta "*Apoio ao Jornalista*", nota-se a importância e o apoio que os editores do jornal estavam dando aos seus leitores e isso era recíproco. Os homossexuais, aos poucos, foram se encorajando para se expressar por meio das cartas do *Lampião*, que já era, por sua existência, subversivo as ordens sociais vigentes. O “fugir a regra” era uma das características marcantes do jornal.

“Apoio de jornalista”

Tenho vários motivos para escrever. O primeiro deles é que esse jornal existe e está me ajudando (e ensinando) a viver. Tenho de agradecer então. Sou igualmente repórter, igualmente homossexual; o segundo motivo se prende ao fato de que uma publicação dirigida e produzida por jornalistas **de fato**, abordando científica, franca e até humoristicamente os assuntos homossexuais, merece (e nos obriga) a dar o apoio [...] <sup>248</sup> (grifo do leitor).

**Gerson V. – Rio.**

No relato, o leitor demonstra a importância do *Lampião* para ele quando afirmar que o jornal “está me ajudando (e ensinando) a viver.” Essa declaração individual, representava, na verdade, a fala de muitos outros homossexuais. O lançamento do *Lampião da Esquina* representou o rompimento de barreiras, por isso essa declaração. Gerson V., jornalista e escritor da carta destinada ao jornal afirmava, em uma de suas

---

<sup>245</sup> Ibidem, p.144.

<sup>246</sup> Ibidem, p.144.

<sup>247</sup> CARTAS NA MESA. “Mais pena de pavão”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 02 (junho-julho/1978), p. 15.

<sup>248</sup> CARTAS NA MESA. “Apoio de jornalista”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 08 (janeiro-fevereiro/1979), p. 15.



primeiras frases, o quanto o jornal está sendo relevante e significativo para o mesmo, o ajudando a viver e a se conhecer enquanto homossexual. A força do periódico enquanto um meio de comunicação destinada ao público homossexual é expressiva e consegue, através de seu conteúdo, mobilizar e encorajar seu público leitor.

As palavras do leitor Gerson V. expressam as dificuldades em uma sociedade fortemente marcada por uma cultura de dominação masculina, onde o homem, e somente ele, é o provedor e comanda a família. A mulher, e principalmente os homossexuais, não ocupam nenhum tipo de papel social de destaque, estando sempre uma posição secundarizada. No período do fim da ditadura civil-militar no Brasil, essa realidade era fortemente trabalhada no país. Pierre Bourdieu explica que a construção de uma nova ordem sexual é um desafio, visto que, para o autor,

a opressão como forma de 'invisibilização' traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida, sobretudo, pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a 'discrição' ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor

<sup>249</sup>

A carta de Gerson V. pode ser observada, justamente, para se contrapor a essa imposição de "discrição", reforçando e reafirmando o lugar da comunidade homossexual em torno de sua existência. A repressão das chamadas "minorias" foi algo marcante para toda a população, especialmente o homossexual.

As cartas eram o meio de comunicação do leitor para com os editores do jornal, por isso, seu conteúdo variava muito, de acordo com a intencionalidade de cada autor, como se pode notar na carta selecionada, da edição número 19,

“Cadê a turma?”

Querido Amigo Lampião: Escrevo esta porque estou me sentindo muito só. Não importa se choveu e se agora está fazendo sol, se o que sinto é tempestade. Estou com vontade de escrever, talvez assim eu me sinta melhor. Desde que conheci esse jornal tem sido uma ansiedade esperar pelo próximo número. De ver o carinho e a seriedade que vocês tratam todos os problemas. De ter as cartas, de saber que não sou só eu. Vivo praticamente em casa, com meu violão, discos, livros e a televisão. Se não fosse a faculdade, não sei se suportaria essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é o meu feminino singular e que vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar tão só numa cidade como esta.

[...]

Sabe, já estou me sentindo melhor e por isso morrendo de vergonha, por contar o que sinto, chego a me sentir individualista, mas só desse jeito é

---

<sup>249</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação...* Op. cit., 2012, p.143.

que eu poderia desabafar esse meu enrustimento, essa timidez, essa vergonha de tudo. Termino aqui com um beijão em todos vocês e ansiando pelo próximo mês.

Penny – Rio.

**R. - Escuta. Penny, nós aqui do LAMPIÃO temos evitado dar conselhos às pessoas. De qualquer modo, você não os pede, por isso a gente pode conversar numa boa. Parece que você é muito tímida, isto sim: por que você não trata de arranjar amizades nos meios gueis, já que, como diz, “é muito romântica pra aceitar apenas uma transa”? O grande amor certamente vai pintar – ele sempre chega pra todo o mundo, não é? Aí, sim, você poderá se entregar. Mas não se isole enquanto ele não vier, trate de fazer amigos. Por que não entra em contato com o pessoal do Grupo de Atuação e Afirmação Gay (Caixa Postal 135, CEP 25000, Duque de Caxias, Rio)? A maioria no grupo é de mulheres. Procure a sua turma, que você vai se dar bem. E muitos beijinhos...<sup>250</sup> (grifos do jornal)**

Nota-se, por meio desse depoimento, o quanto o jornal e principalmente as cartas foram importantes para a maioria dos homossexuais do período. Nesse relato, é possível destacar características de boa parte dos leitores do *Lampião da Esquina*, tais como a solidão, a exclusão social, a depressão e o sentimento de discriminação social. O jornal permitiria, assim, a comunicação dos homossexuais por meio das cartas, algumas delas, em tom de desabafo.

O depoimento da carta nos auxilia a compreender como se sentiam os homossexuais do período, como eram tratados, ou melhor, destratados. Excluídos socialmente, muitos se suicidavam, entravam em depressão, como é o caso do Penny, que confessa que se sente solitário. Essa é uma característica que muitos homossexuais possuem: a solidão. A carta a seguir é um relato ainda mais radical sobre os sentimentos de uma pessoa que se sente sozinha, excluída e solitária. Assim como o relato dele, é possível notar essas características em outras cartas, como essa, já na edição de número zero.

“Pintou o bode”

Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso, sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para que. Será que vocês podem me ajudar?

Infante

RECIFE – PERNAMBUCO

---

<sup>250</sup> CARTAS NA MESA. “Cadê a Turma?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 19 (dezembro/1975), p. 15.

Resposta: **LAMPIÃO**, meu caro Infante, se recusa a servir de muro de lamentações. Tudo o que você tem que fazer é se livrar de toda essa autopiedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado quanto você pensa que é. Em nenhum momento de sua carta você diz o que realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você mesmo, que não se aceita. De qualquer modo, você frequenta livrarias, pelo menos isso. Pois leia, que isso em muito o ajudará. Se quiser, nós lhe mandamos uma lista de livros através dos quais você poderá descobrir o que realmente está acontecendo em torno de você (Deboche? Ódio? E por que não fascínio?). Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo. Há tanta coisa para ser feita no mundo, e você fica nessa de "ah, como eu sou infeliz?" Não, não, não <sup>251</sup>. (grifos do jornal)

É necessário destacar que esse relato foi publicado na edição de número zero. Infante, autor da carta, aborda temas polêmicos como o suicídio, o preconceito e a exclusão dentro da própria casa, como também no colégio. E ainda, no relato fica evidente sua idade, 17 anos, ou seja, um jovem, que descobrindo a vida e seus prazeres, já relata tanto sofrimento e discriminação.

Com esse relato fica ainda mais evidente o sentimento do homossexual do período, pelo menos da maioria deles. Nesse caso, até mesmo a família o discrimina e o exclui. A invisibilidade e a exclusão são muito presentes nesse depoimento. A resposta dos editores mostra que ele não pode e não deve agir da forma como está agindo, se denegrindo, se humilhando. Viver, esse é o principal conselho dado para Infante.

As cartas, enquanto meio de expressão e comunicação do *Lampião da Esquina*, funcionavam de várias formas para seu público, uma delas é a de ser um espaço de denúncia. Discriminação e preconceito até mesmo entre os próprios homossexuais, exclusão social, todos esses fatores são descritos na carta a seguir, de J. C. L.

“Notícias do faroeste”

[...] O jornal aqui no Sul está tendo problemas, há gueis que não o aceitem. Alguns dizem que esse tipo de formação de grupos minoritários é forçar a barra e que se deve deixar as coisas acontecerem naturalmente. Eu não entendo essa de deixar as coisas acontecerem naturalmente. Se nós, que somos minoria em desvantagem, não fizermos nada, os acontecimentos não virão ao acaso.

[...] Em São Leopoldo, sob o ponto de vista guei, não há ambiente para nós. Primeiro por ser muito próximo de Porto Alegre, e o pessoal, para não se molestar, prefere deslocar-se para lá. Sendo, os próprios homossexuais aceitam a ideia de que não há ambiente e condições. [...] Se eu me transpor para Caxias do Sul a coisa piora. Lá onde nasci e me criei ser homossexual é fazer parte do último degrau da condição humana, e para disse a verdade

---

<sup>251</sup> CARTAS NA MESA. “Pintou o bode”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 0 (abril/1978), p. 15.

Caxias, tão famosa no cenário nacional, aceita mais um criminoso ou assassino do que o homossexual <sup>252</sup>.

Depois de narrar os acontecimentos na região onde mora, no Sul do Brasil, J. C. L. traz questionamentos a serem repensados não só para a população de Porto Alegre, mas para todo o país. São reflexões a respeito dos homossexuais e de sua vida em sociedade.

[...] Nos locais ou cidades do interior onde há uns ou alguns entendidos ou gueis, que ambientes frequentar? O que fazer quando se entra num ambiente hétero e é linchado? Isto é comum acontecer em Caixas apesar de uma grande população e de uma quantidade grande de gueis. Como podemos conseguir algo se não somos unidos não nos ajudamos? [...]

J. C. L.  
São Leopoldo – RS <sup>253</sup>.

Os questionamentos são o reflexo do tratamento recebido. O autor da carta demonstra as dificuldades de convivência em uma sociedade marcadamente machista, uma vez que esta não aceita, discrimina e agride os homossexuais. As perguntas de J. C. L. se adéquam à maioria da população homossexual do período, e também nos dias atuais, onde o preconceito ainda se mostra latente. Dessa forma, Guacira Lopes Louro argumenta que,

a característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar <sup>254</sup>.

Entende-se, dessa forma, que existem, na sociedade, papéis pré-estabelecidos em relação ao homem e à mulher. O *gay*, por sua vez, é excluído, não assumindo nenhum papel. Sendo assim, acaba não sendo considerado parte da sociedade. Os conceitos estabelecidos socialmente, os chamados padrões sociais variam de lugar para lugar, com mais ou menos aceitação do homossexual, mas como já existem essas definições, o

---

<sup>252</sup> CARTAS NA MESA. “Notícias do faroeste”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 04 (agosto-setembro/1978), p. 19.

<sup>253</sup> CARTAS NA MESA. “Notícias do faroeste”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 04 (agosto-setembro/1978), p. 19.

<sup>254</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. São Paulo: Vozes, 2013, p. 23.

diferente não é aceito. Esse mesmo caso se aplica na carta a seguir, em que uma mãe narra como foi à aceitação do seu filho enquanto homossexual para ela e em sociedade.

“Mães contra o preconceito”

Tenho lido LAMPIÃO desde o nº 4. Ele me interessa particularmente, pois tenho um filho homossexual, o qual, aliás, é quem traz o jornal para casa todos os meses. Muita gente fica chocada comigo, porque eu, como mãe, encaro com naturalidade essa particularidade do meu filho: ele é homossexual. Eu soube disso há cinco anos, quando ele completou 18 e houve um pequeno escândalo na rua onde moramos, pois rapazes de sua idade descobriram que ele frequentava lugares **gays**, e passaram a hostilizá-lo. Não vou dizer que não tenha sido um choque para mim - foi, sim, porque eu fui criada no seio de uma tradicional família pernambucana, que acha coisas como essa condenáveis. O problema é que, neste caso, era meu filho, e aí as coisas mudaram de figura.

Inclusive só quando foi preciso dar apoio ao meu filho contra o preconceito dos seus colegas é que eu - uma mulher de classe média, com 45 anos e pouca cultura - finalmente descobri: o preconceito é uma coisa odiosa, qualquer preconceito: e mesmo com essa idade, sei agora que nunca é tarde quando se quer lutar contra ele. É sempre hora de comparar. Um beijo - bem maternal - em todos vocês. (grifo da leitora)

Maria das Graças Abreu – Recife <sup>255</sup>.

O depoimento de D. Maria das Graças é a expressão de uma mãe que passa a aceitar e apoiar o filho e suas escolhas. Nesse caso, a escolha em questão é a preferência sexual por alguém do mesmo sexo, fugindo, dessa forma, aos padrões sociais. De acordo com Joan Scott, “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” <sup>256</sup>.

E esse preconceito e discriminação em relação ao gênero não existiam apenas no Brasil, como se nota no depoimento de um brasileiro, que assina como U. R. N., e reside na Argentina.

“Argentina cruel”

Pois é, gente, recebi hoje um exemplar do LAMPIÃO que um amigo meu aí do Rio me mandou. Eu tô morando aqui, em Buenos Aires, desde março último. E as coisas que lia a respeito daqui são "café pequeno" em relação ao que vejo. Puta que pariu, que lugarzinho é Bs. As.; não há lugares gueis - ou melhor, havia dois: um era um barzinho (**confeitaria**) chamado Grem (acho que era isso), e lá se reunia o pessoal guei mais **distinguido**. [...].

O ouro lugar era El Pato, uma boate tipo "Le Tabu" com pretensões a "Zig-Zag" (**n. r.: são duas essas noturnas do Rio**). Ficava numa **calle** meio escondida, e só funcionava porque tinha um dono que era comandante (ou algo assim) da Polícia Militar; era um clube fechado para homens. Na

<sup>255</sup> CARTAS NA MESA. “Mães contra o preconceito”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 09 (fevereiro-março/1979).

<sup>256</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2, jul.-dez., 1995, p. 74.

semana passada a polícia parou na porta com dois ônibus e levou mais de cem pessoas presas, inclusive o dono.

Aqui não tem liberdade pra bosta nenhuma. E o pior de tudo é que 60% das pessoas são entendidas, 30% adoram fazer, e 10% não fazem porque têm medo. Aí vocês me perguntam: que *carajotô* fazendo aqui? Isso é uma outra história. É que no carnaval conheci uma pessoa aí no Rio, que é daqui (por sinal, um duque), e foi amor é primeira vista (ou segunda, não me lembro). E agora fico aqui até janeiro, quando voltamos a viver no Rio. Um aviso pros amigos: vir pra Argentina, nem morta! É uma pena que o *Sky Lab* tenha ido cair tão longe...

U. R. N. – Buenos Aires <sup>257</sup>. (grifos do leitor)

É possível perceber, a partir do relato do leitor U. R. N., que o preconceito e a repressão em relação ao homossexual também se reproduz no país vizinho, levando ao anonimato, a exclusão e ao silêncio.

Edward MacRae e Peter Fry, em artigo de 1983, argumentam que:

[...] os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e família. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta <sup>258</sup>.

Nota-se, nas cartas, características em comum, o preconceito, a discriminação e a rejeição da sociedade sofrida pelos homossexuais.

Na carta abaixo, em tom de depoimento e alerta, o leitor João L. S. relata, em tom de revolta, o assassinato de José, um *gay* que além de sofrer um assalto, foi morto por sua condição sexual. Na carta, João L. S. explica o ocorrido:

“Recife sangrenta”

Equipe Lampião, acompanha esta carta trecho do Diário (pinga sangue) da noite do dia 22 de agosto de 1979. Lembrando várias denúncias do nosso Lampa sobre a violência contra o mundo homo, venho acrescentar mais um triste acontecimento. Foi necessário um debate constante e amplo sobre este assunto. Recordando inúmeras reportagens sobre o tema, cheguei à conclusão que a culpa é muito nossa, do nosso medo, até certo puniu, compreensível de um escândalo. Mas até que ponto este medo irá continuar a deixar que outros **Josés** continuem matando e ferindo pessoas inocentes.

[...]

---

<sup>257</sup> CARTAS NA MESA. “Argentina cruel”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 15 (agosto/1979), p. 14.

<sup>258</sup> FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é...* Op. cit., 1983, p.56.

De hoje em diante dificilmente alguém se sentirá seguro ali ou em qualquer outro ambiente guei da cidade. Um abraço.  
João L. S. – Recife <sup>259</sup>. (grifo do autor)

Fica evidente, no depoimento de João L. S., que o assassinato brutal de seu amigo, também homossexual, após um assalto, foi um fato explicitamente homofóbico e preconceituoso. Nesse caso, conforme afirma Guacira Lopes Louro, “torna-se central pensar no *exercício do poder*; exercício que se constitui por ‘manobras’, ‘técnicas’, ‘disposições’, as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas” <sup>260</sup>. Esse “exercício de poder”, na sociedade do período, era entendida pela maioria da sociedade como agressão, e outros atos mais cruéis em relação aos homossexuais.

Na carta do leitor Pedrão, um depoimento com o relato de um “duplo preconceito”:

“Um negro-negro”

[...] Sou negro, homossexual, universitário e posso dizer que conheço o Movimento Guei daqui de São Paulo, pois periodicamente “tô bandeirando na Capital”. Também, aqui em Pinhal até o beijo é proibido! Já pensaram? E o fim do mundo mesmo! [...]

Porém, não assumem a realidade nossa, reivindicando e indo à luta, como faz o Lampião. Sou da opinião que assumir não significa agredir. Deve-se assumir a homossexualidade para si próprio e tentar conscientizar os hêteros que nós também somos gente com sentimentos, gostos e preferências como qualquer outro [...].

Um abraço.

Pedrão – Espírito Santo do Pinhão, SP <sup>261</sup>.

O depoimento revela o preconceito da sociedade no período estudado. As diferenças e as desigualdades, como afirma Guacira Lopes Louro abaixo, selecionam e excluem as pessoas. Pedrão relata na carta as restrições sofridas por ele e por outros homossexuais na cidade de Espírito Santo do Pinhal. Os “marcadores sociais” evidenciam preconceitos. De acordo com Guacira Lopes Louro,

no interior das redes de poder, pelas trocas e jogos que constituem o seu exercício, são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades. Certamente essas distinções se referem às várias categorias ou, como diz

---

<sup>259</sup> CARTAS NA MESA. “Recife sangrenta”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 17 (outubro/1979), p. 19.

<sup>260</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade...* Op. cit., 2013, p. 38.

<sup>261</sup> CARTAS NA MESA. “Um negro-negro”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 17 (outubro/1979), p. 19.

Deborah Britzman (1996), ao diversos “marcadores sociais”: gênero, classe, sexualidade, aparência física, nacionalidade, etnia <sup>262</sup>.

O preconceito não se restringia apenas e unicamente à orientação sexual da pessoa, mas também unia outros tipos de discriminação, seja racial, como no caso acima citado, seja pela idade, como se nota na comunicação abaixo, do pseudônimo “Cláudio”. Esses “marcadores sociais” destacados por Guacira Lopes Louro nos mostram que não apenas um, mas vários fatores sejam sociais ou sexuais eram motivo de discriminação, preconceito e julgamento da sociedade machista. A sociedade impõe padrões e valores que devem ser seguidos, e, caso isso escape desses padrões, são condenados e julgados socialmente. E isso ocorre de forma natural e imperceptível para os demais, quem se sente cada vez mais acuado e excluído é o indivíduo que sofre o preconceito, a exclusão, a discriminação.

“Coroas podem?”

Sou bicha entendida, assumida, mas **extremamente reprimida**, tenho sobre minha cabeça duas poderosíssimas instituições que são **visceralmente anti-gays**, e tenho ao meu redor milhares de olhos vigilantes e fofoqueiros prontos para punir-me. [...] Eu pretendo fazer um levantamento dos anúncios de gueis aí publicados, para sondar se é verídica a sensação que eu tenho, de que entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação de **idade**. Serão os coroas discriminados entre discriminados? Pretendo fazer um levantamento estatístico para responder a essa pergunta.

[...] Eu sou coroa, 49 anos e meio. Se minha impressão se confirmar, vou botar a boca no trombone (já que não me deixam botá-lo noutra lugar...) e mandar um artigo para quem quiser publicar [...]. Para vocês, meus abraços e meus beijos. (grifos do leitor)

**Cláudio – Campos, Rio** <sup>263</sup>.

A proposta de Cláudio de observar os anúncios referentes ao universo homossexual nas revistas e jornais é algo relevante socialmente, uma vez que ele destaca o quanto o homossexual sofre repressão ao assumir-se como tal ou vive uma vida ilusória por não se assumir e viver isolado, excluído. A ideia de promover um levantamento e de produzir um artigo voltado para a polêmica não só do gênero, mas da idade em relação à homossexualidade é muito inusitado, principalmente para o período, mas é de extrema relevância para que demais homossexuais se assumam enquanto tal.

Após o relatado nas últimas três cartas, nota-se que a homossexualidade era apenas uma, entre as diversas formas de discriminação e exclusão social. Por meio das

---

<sup>262</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade...* Op. cit., 2013, p. 43.

<sup>263</sup> CARTAS NA MESA. “Coroas podem?”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 26 (julho/1980), p. 17.



cartas, existem preconceitos e critérios de exclusão social que vão muito além da homossexualidade, como a cor da pele e a idade, por exemplo.

João Silvério Trevisan faz uma reflexão muito importante a respeito da situação do homossexual na sociedade, ele afirma que,

constatações de violência homofóbica como essas indicam apenas a ponta do iceberg de um fenômeno social grave, por seu crescimento ano após ano e diversificação de situações. A grande violência certamente continua ocorrendo dentro da família nuclear, aquela defendida como célula mater da sociedade e, portanto, inatacável. Aí, as ocorrências se prevalecem do silêncio. No meio LGBT, continuam recorrentes as narrativas de prática sistemática de violência psicológica e espancamentos de menores tidos como desviantes da norma heterossexual. Às vezes, chegam ao nível da crueldade desumana, como se o quadro de ódio já tivesse irremediavelmente arraigado<sup>264</sup>.

O relato de Trevisan resume os casos acima mencionados a respeito da discriminação e do preconceito, chamando a atenção para a necessidade de ruptura com a ideia de que homossexualidade era uma doença.

Como cada carta possui sua individualidade, por ser particular. O relato abaixo representa um pedido de ajuda, mas não necessariamente contra o preconceito e a discriminação, mas para conseguir um emprego. Essa carta demonstra, acima de tudo, a variedade e a liberdade que foi dada ao público por meio das cartas, uma vez que, ela foi utilizada para pedir um emprego. Mas também evidencia outros fatores, como a discriminação, o preconceito e a exclusão social.

“Um pedido de emprego”

Oi, Lampião tudo bem? Estou aqui para você para perguntar se - você me arrumaria um emprego para trabalhar em boate, fazer **chou**. Eu não sei fazer nada, mas me ensinando eu faço. Eu me chamo J. C. R , tenho 23 anos, cor morena, 1,74m de altura. Ai vai urna foto minha, mas não publique no jornal a resposta, porque eu não sei onde comprar. Eu sei seu endereço por que conheci um rapaz de São Paulo e ele me falou de você. Espero resposta, meu endereço é (etc., etc., etc.).

**J. C. R.**  
**Sorocaba, SP**<sup>265</sup>.

No relato descrito na carta, o autor, identificado como J. C. R., ao pedir um emprego, revela outro ponto de discriminação do homossexual no período estudado: o da negação de emprego por conta de ser *gay*. A atitude do leitor, que provavelmente é a

<sup>264</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no...* Op. cit., 2018, p. 486.

<sup>265</sup> “Um pedido de emprego”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 1 (maio-junho/1978), p. 15.

de muitos outros, se distingue dos padrões socialmente constituídos e constrói um novo padrão social, que, na maioria das vezes, não é admitido como correto e, principalmente, é discriminado socialmente. De acordo com MacRae,

Com o declínio da importância da religião cristã como fator normativo da sociedade urbanizada e de consumo conspícuo, há uma tendência a deixar de ver o prazer sexual como intrinsecamente pecaminoso. Novos conceitos entram no lugar do antigo pecado: anormalidade, doença, desvio, etc. embora carregados negativamente, possuem a vantagem de se reportar ao mundo racional, passíveis, portanto de questionamento através da razão <sup>266</sup>.

Na visão da sociedade em geral, a homossexualidade era vista como é descrito na carta acima, ou seja, como algo anormal, uma doença, um pecado. Esse pecado é, principalmente pela relação cristã, como no depoimento a seguir, que é uma crítica a Igreja e o tratamento dado aos homossexuais no local. Fica claro, no relato, como era a receptividade das instituições religiosas ao *gay*.

“Deus no coração”

[...] Uma das Instituições opressoras do homem guei é a Igreja. Isto através dos seus documentos, cartas pastorais e atos concretos. Gostaria de relatar para vocês e se possível para os leitores deste jornal, um ato de injustiça, opressão e crueldade cometida contra alguns homem-homossexuais por parte da Igreja. No dia 14 de maio passado, o bispo de Ilhéus - BA, expulsou grosseiramente de sua Diocese os seus nove seminaristas que integravam a comunidade do Seminário d'aquela Diocese. A Igreja de Ilhéus deu um passo atrás na história e, muito na famosa Idade Média, cortou do relacionamento e comunhão com a Igreja os seus nove melhores seminaristas.

[...]

Vamos esperar que a Igreja no seu bom propósito de se tornar a Igreja de Jesus Cristo, a Igreja dos homens marginalizados, venha em ajuda de milhares de homens que se sentem à margem, porque são homossexuais. Tenho certeza de que nós somos amados também por Deus e que na somos criaturas do seu lindo plano de amor.

J. L. – Salvador <sup>267</sup>.

A relação entre as instituições religiosas e os homossexuais é marcada pelo conflito, como podemos notar pelos relatos nas cartas acima. Foucault explica que “política do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” <sup>268</sup>, ou seja, a construção social não admite que

---

<sup>266</sup> Edward, MacRae. *A Construção da...* Op. cit., 2018, p. 56.

<sup>267</sup> CARTAS NA MESA. “Deus no coração”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 20 (janeiro/1980), p. 18.

<sup>268</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 28.

os homossexuais façam parte nem da sociedade, muito menos das instituições religiosas. Já João Silvério Trevisan argumenta, a esse respeito,

[...] fundamentalistas religiosos alegam, não sem má-fé, exercer seu direito de expressão e liberdade religiosa ao promoverem ataques verbais sistemáticos contra a comunidade LGBT, que compõe uma parcela significativa da população brasileira. Segundo eles, sua opinião manifesta com ódio não caracterizaria homofobia <sup>269</sup>.

O relato a seguir é composto de inúmeros questionamentos a respeito da Igreja e do tratamento que era dado aos homossexuais. Uma carta completa a outra, são relatos sobre a instituição religiosa, a Igreja, exercendo uma função reveladora: discriminação. Na carta que se segue traz uma reflexão sobre a homossexualidade dentro da Igreja, e mais ainda, do tratamento excludente e preconceituoso que é dado para um homossexual dentro da Igreja. O autor da carta, que prefere não se identificar, fala do direito a vida, a religiosidade e a “bichice” que não se relacionam. A sociedade condena que foge dos padrões sociais estabelecidos, que são padrões heteronormativos, onde homem se relaciona com mulher. Quando dois homens se gostam e se relacionam entre si são condenados e excluídos, a começar pela instituição religiosa. Essas observações podem ser comprovadas no relato abaixo:

“Bicha religiosa”

[...]

Penso que a mais "ateia" das pessoas não passa uma vida inteira sem questionar-se com relação a um “Sentido Último” da vida, a um Deus. Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc.) esta questão (apenas esta?) parece ser um pouco confusa. Por quê? Primeiramente porque a sociedade machista nos impõe escalas de valores, ideais e mesmo religião segundo o que ela mesma experimenta e vive, sem levar em conta a nossa "diferença". Se a bicha está preocupada com Deus, ou seja, se uma parcela marginalizada da sociedade quer ter um relacionamento com o transcendente (seja a Ele dado o nome que for), de início ela vai ter que negar (ou sair de) sua condição; isto se confunde muito com o termo "conversão": se vivêssemos num outro sistema de vida, os assaltantes, os revoltados talvez pudessem inexistir (?!), mas como pode um negro deixar de ser negro? Como pode uma bicha deixar de ser? Como pode um adolescente não ser inconstante?

E, no entanto, não queremos abrir mão do nosso direito á vida, mais, do nosso direito de procurar um sentido para a vida. Será que, para crer em Deus, preciso negar minha bichice? Quando falo de meu relacionamento com Ele, posso responder um não a esta pergunta mas, e na hora de explicitar essa crença? Digo isto porque, para mim, crer em Deus não é apenas crer, mas fazer de **Cristo** um modelo de vida, mais, encontrar Nele um sentido para a minha vida. Preciso explicitar minha fé (como compromisso social) e, muitas

---

<sup>269</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no...* Op. cit., 2018, p. 488.

vezes a sociedade não deixa: "Onde já se viu uma bicha religiosa?" "Vê se deixa essa, vida..." São frases que já ouvi e que não gostaria de ouvir mais. Será que até mesmo o nosso relacionamento com o Transcendente, com Aquele que dá sentido a nossa vida, tem que ser feito segundo o modelo heterossexual?

MAPM – Niterói <sup>270</sup>.

A última frase do autor da carta é um questionamento: “Será que até mesmo o nosso relacionamento com o Transcendente, com Aquele que dá sentido a nossa vida, tem que ser feito segundo o modelo heterossexual?”. O “modelo heterossexual”, os padrões socialmente construídos, são regras, exigências sociais que discriminam que não os segue. Por esse motivo muitos homossexuais, principalmente no período em questão, a ditadura civil-militar, são excluídos, quando não torturados ou mortos. E, quando procuravam as instituições religiosas, como um meio de demonstrar sua fé, também sofriam discriminação.

A carta que se segue consiste em um depoimento com sugestões dos leitores ao jornal que, em suas primeiras edições, admite aceitar os conselhos de seus leitores. E assim o fez o “Anônimo”:

“Anônimo’ se revela”

Três sugestões:

1 – Deixar de ser tão guei. O jornal pode focar outros assuntos, política, saúde, atualidade, comportamento, moda, espetáculos, não se restringindo a assuntos exclusivos gueis. Assim vocês estão indo de encontro aos objetivos do jornal. Estão se isolando e não se integrando.

2 - Participação feminina. Praticamente só homens (?) escrevem. Há muitas mulheres entendidas (nos dois sentidos) que podem dar uma perfeita colaboração. Há escritoras que são gueis, há mulher guei em todo o canto. Em minha cidade, por exemplo, há mais mulheres gueis do que homens gueis.

3 – Aumentar a frescura. Tá sério demais. Quase não tem piadas, frescurinhas. Está uma literatura pesada e triste. Que tal uma seção de Receitas do Prazer, inventando modos de como fazer melhor "a coisa"?

4 - Não me identifico porque não sou guei. Sou casado e bem casado, pais de duas meninas. Na minha juventude primeira transei muito, mais por dificuldades financeiras, embora me desse prazer. Depois casei, deixei tudo que era de bicha. Tenho ainda vários gueis amigos, que são respeitados e estimados por mim e minha mulher, que é evoluída e inteligente.

Anônimo

**R. - Publicamos a carta de Anônimo porque ela contém observações muito pertinentes. 1 - LAMPIÃO não vai se restringir a assuntos gueis, como se notará já nesse número. 2 - As mulheres, também já neste número, estão perfeitamente integradas ao nosso projeto. 3 -**

---

<sup>270</sup> CARTAS NA MESA. “Bicha religiosa”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 27 (agosto/1980), p. 18.

**Reconhecemos que nosso número zero ficou mais sério do que pretendíamos. Essa é uma coisa a ser corrigida. Quanto ao prazer, cada um que trate de inventar o seu. 4 - A carta de Anônimo termina com um comentário um tanto aleatório, no qual ele diz que a natureza o favoreceu bastante, quanto a um determinado detalhe anatômico. Ele não deve se impressionar com isso; fizemos uma rápida pesquisa no nosso conselho Editorial e descobrimos que vários dos seus membros mereceram o mesmo favorecimento...**<sup>271</sup> (grifos do jornal).

A resposta do periódico a carta do "Anônimo" revela especialmente o que foi descrito no lançamento do jornal a respeito da seção de *Cartas na Mesa*: o leitor deve expressar sua vontade, inclusive com críticas ao próprio jornal. O emissor da carta sugere alguns caminhos para o jornal. O primeiro deles é "deixar de ser tão guei". Complementando seu conselho, ele sugere outros conteúdos para o *Lampião*. Com essas características, é possível notar que o padrão e a construção social do indivíduo, não existe o *gay*, o que o torna fora dos padrões. Em relação a esse tema, Pierre Bourdieu argumenta que,

[...] a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças<sup>272</sup>.

Essa definição social e também sexual faz parte de uma construção cultural que estabelece padrões sociais a serem seguidos e, quando o mesmo não acontece, o indivíduo sofre discriminação e preconceito, na maioria das vezes. A argumentação do "autor anônimo" da carta esclarece que o jornal não pode se restringir exclusivamente a assuntos *gays*. A sugestão dele é que um jornal produzido e dedicado aos homossexuais se desvie desse foco. No entanto, a resposta do jornal ao leitor é explicada que desde a edição em que a carta foi publicada, existem outros assuntos. Outra observação/sugestão que o leitor anônimo faz se refere à participação feminina, sejam elas homossexuais ou não. Mas a resposta dos editores se mostra a altura da observação, pois é respondido que existe a participação feminina na produção do *Lampião*.

O último argumento do autor anônimo é, de forma indireta, sua justificativa para produção da carta com suas sugestões. Ele se revela como uma pessoa que já se relacionou com "bicha", mas que agora é casado com uma mulher e pai de duas

<sup>271</sup> "Anônimo" se revela". In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 1 (maio-junho/1978), p. 15.

<sup>272</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação...* Op. cit., 2012, p. 23.

meninas, o que teoricamente justificaria ele não ser mais homossexual. A resposta do jornal é uma sátira com o autor "anônimo" e suas palavras, especialmente quando, na carta, os editores do jornal intitulam a carta de "Anônimo se revela".

As observações/críticas feitas pelo "anônimo" são, em parte, esclarecidas. Sempre em tom bem-humorado e sarcástico, os editores respondem à carta e assumem que o número zero da edição ficou mais sério do que eles pretendiam. Essa é uma das principais características das cartas: respostas e, em sua maioria, respostas com duplo, ou até triplo sentido, sarcasmo, bom humor, dependendo do conteúdo, é claro.

A carta a seguir é um depoimento de uma mulher, assumidamente lésbica, que exprime sua opinião em relação ao jornal, faz críticas e ressalta um fator muito relevante, a discriminação entre os próprios homossexuais, ou o machismo entre eles, como é possível notar em seus relatos abaixo:

“Alô, mulheres (2)”

Gente, aqui quem escreve não é só uma lésbica, não. Eu vou falar em nome de muitas mais que frequentam a vida guei aqui de Niterói, e que não estão satisfeitas com o jornal.

Que machismo é esse? Um monte de coisas que só interessam às bichas, e nada para nós, lésbicas. Ai pinta a tal Yonne com propostas de reabilitar o jornal, tornando-o interessante para nós, também. Ficamos três meses esperando notícias/entrevistas sobre mulheres e a tal guria, e nada. Parece até jogada comercial. Criação de vocês. Coisas que ela escreve, que nós apoiamos, e não aparece a tal entrevista. Cadê ela? Se o jornal continuar só com matérias de interesse masculino - vide milhões de fotos de homens e só uma, na última folha, de uma garotinha - fininha, por sinal—, nós mulheres vamos continuar boicotando o jornal de vocês.., que parece ser só para homens. Ou será que a tal guria perdeu a coragem de falara vocês?

Juro que vou fazer campanha contra o jornal (muitas/a maioria das lésbicas andam descontentes com vocês). Pô, vê se vocês tornam jato e deixam o paternalismo em prol dos homens de lado: só um pouquinho.

Luca – Niterói. Rio <sup>273</sup>.

Luca, autora da carta, aponta um “paternalismo” no jornal, o motivo pelo qual ela o caracteriza assim é por causa da exaltação do homossexual masculino no jornal. Conforme afirma Rachel Soihet, em seu artigo “Violência Simbólica – Saberes Masculinos e Representações Femininas”, “na verdade, o substrato da violência simbólica permanece presente, pois tais práticas expressam as relações assimétricas

---

<sup>273</sup> CARTAS NA MESA. “Alô, mulheres (2)”. In: Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição nº 24 (maio/1980), p.14.

entre os gêneros e seu significado está enraizado no simbólico, no mental, no doméstico”<sup>274</sup>.

A característica principal dessa carta é o relato de uma violência simbólica, como descrito por Soihet, uma vez que, a violência simbólica agride não física, mas psicologicamente a pessoa conforme apontado por Luca, que se sente agredida por conta da ausência de lésbicas no jornal. Ou da preferência e exacerbação do homossexual masculino em detrimento das lésbicas e evidência isso por meio da carta.

As cartas que se seguem fogem bastante aos padrões até então apresentados na pesquisa. As duas são de autoria de Walmir de Souza Lima, do Rio de Janeiro, e nelas o autor se expressa de forma bem revoltada com os rumos tomados pelo *Lampião*, Walmir faz um desabafo por meio da carta e exprime suas sinceras opiniões sobre os caminhos tomados pelo jornal.

“Baixando o pau”

Caros Lampiônicos, aqui estou novamente, para participar de vosso debate. Fiquei muito decepcionado com o nº 29 do "nosso" jornalzinho. Realmente, o Lampião de outubro está um "lixo", uma droga a entrevista com aquele bicha "escrota" metida a escritora, o tal cabeleireiro Ruddy. Parece que vocês estão imitando caranguejo, embora eu nunca tenha visto caranguejo andar "para trás"... Outra coisa que me chamou a atenção foi a seção "Cartas na Mesa". Cada vez com menos cartas publicadas. É isso aí, homossexual comum não tem vez. (...) E vocês do Lampião, parem com esse negócio de defesa das minorias oprimidas: negros, operários, mulheres, mendigos e marginais de toda espécie querem é que os homossexuais "sifu"... Sem mais, no momento, subscrevo-me,

Walmir de Souza Lima – Rio.

R: Querido Walmir; tua amável cartinha nos encheu de alegria: finalmente, alguém que resolve baixar o pau na gente, alvíssaras! É por isso que a sessão “Cartas na Mesa” vem diminuindo: o pessoal só sabe escrever elogiando o Lampa. A gente adora elogios, claro, mas pega mal ficar publicando um monte deles a cada número. Agora, vamos à nossa respostinha, Walmirete: Você se revela, em sua carta, uma pessoa terrivelmente preconceituosa! Por que essa carga toda em cima da Ruddy? Se você deixar o despeito de lado e reler a entrevista, verá que ele é uma pessoa incrível, digna do nosso respeito. Quanto ao menosprezo, darling! Você se acha inferior, por que os bofes lhe pedem uma grana. Mas as mulheres (você deve ser dessas bichas que as consideram donas do mundo) não pagam aos homens; pelo contrário, são sustentadas por eles; e é cada vez maior o número de mulheres que percebe o quanto esse tipo de relação também é doentia. As pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro, meu bem, mas isso não

---

<sup>274</sup> SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: *Revista de Estudos Feministas*, vol. 5, nº 1, 1997, p. 20.

é um problema do homem masculino, é uma doença do Sistema. E depois, o que leva a crer que só você, nós e EB somos homossexuais? Quanta rejeição! Nestas classes você cita – ascensoristas, vigilantes de bancos, etc. – também existem homossexuais. E todos, como nós, cabem no mesmo sonho – poder, um dia, transar numa boa, sem que haja, necessariamente, um explorador e um explorado<sup>275</sup>.

A resposta do jornal também tem uma intenção de justificar as críticas de Walmir, mas não educadamente, como é possível notar nos termos utilizados, “*darling*” por exemplo, soa como um deboche.

Na carta que se segue, cabe ressaltar que houve uma mudança na diagramação e distribuição das cartas no jornal. A partir da edição número 31 (dezembro/1980), a seção *Cartas na Mesa*, que antes era localizada nas páginas finais do jornal, foi transferida para a primeira página e restrita a apenas uma folha. Consequentemente o número de cartas foi reduzido. Quanto às páginas, antes eram duas, até três páginas de cartas. O autor que fez as observações e críticas ao jornal na edição número 30 repete suas “revoltas” nas edições seguintes, a carta que se segue é uma delas:

“Sorveteira”

Caros lampiônicos, sinceramente, estou muito decepcionado com vocês. Acho que se vocês fizerem um balanço de fim de ano verão que estão regredindo. Eu esperava que o último número do **Lampião** de 1980 fosse ótimo, que vocês fechassem o ano com chave de ouro: porém a reportagem sobre a masturbação não poderia ser mais chata. Quanto trabalho para demonstrar o óbvio! Parece que na falta de outro assunto vocês escolheram a tal reportagem para “encher a linguíça”. [...] Portanto, queridinhas, Lampião é dirigido às minorias, minorias privilegiadas como vocês. Peguem o seu jornalzinho e vão vendê-lo nos ambientes de luxo, OK? Atenciosamente,

**Walmir de Souza Lima, Rio de Janeiro.**

R. – Walmirete, meu amor, passa no Sun Shakes e toma uma banana “slipt”, tá? E não esquece de pedir pra pôr um pouquinho de castanha por cima<sup>276</sup>.

A resposta dos editores do jornal é em tom de deboche, de ironia para com o Walmir. Talvez por não concordar com os argumentos do autor, ou por querer ser irônico para não ser mal educado na conjuntura do jornal.

---

<sup>275</sup> CARTAS NA MESA. “Baixando o pau”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 30 (novembro/1980), p.18.

<sup>276</sup> CARTAS NA MESA. “Sorveteira”. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 33 (fevereiro/1981), p. 2.



As cartas, conforme foi mostrado acima possuem suas características próprias, uma vez que o seu conteúdo é bem diversificado e suas intenções também. A seção *Cartas na Mesa* demonstra como os homossexuais, no período de abertura política no Brasil, conseguiram se manifestar, se expor, dialogar. Dúvidas, questões, defeitos, qualidades, problemas, de tudo um pouco as cartas abarcavam, e em sua maioria, eram respondidas. Sem dúvida, as cartas representaram não só um meio de comunicação entre os *gays* do período, mas também um meio de expressão, um meio de expor opiniões, um meio de ter vez e voz em uma sociedade machista, homofóbica e preconceituosa.

As cartas permitiram não só para os homossexuais, mas para todos os leitores do jornal *Lampião da Esquina*, a circulação de pensamentos, opiniões, e a liberdade de expressão. A troca de ideias e os diversos olhares sobre o mesmo assunto são também notados por meio das comunicações do jornal, que se apresentava como o primeiro jornal homossexual de circulação nacional. Com as ideias e opiniões dos leitores as páginas das edições iam se formando, uma vez que, os editores procuravam passar para o jornal a vontade dos mesmos.

O conteúdo das cartas acima citadas se mostra similares em alguns aspectos, principalmente em relação à liberdade do leitor ao escrever o conteúdo das mesmas. Críticas, sugestões, observações são, o que mais prevalece nos assuntos, mas também há reclamações em relação ao tratamento dado aos homossexuais na sociedade brasileira. A importância da liberdade que os homossexuais adquiriram através da publicação do *Lampião da Esquina* e de suas cartas foi algo notório até então. Uma vez que, no período do fim da ditadura civil-militar no Brasil, as minorias passaram a se destacar e se fortalecer, ganhando vez e voz por meio de um jornal. O conteúdo das cartas expressa claramente esse fato, já que, nos exemplos acima, a intenção do leitor é de agradecimento, com sugestões e esclarecimentos, expressão da realidade vivida pelos *gays*, sejam eles homens ou mulheres. Isso se deve ao fato de um jornal homossexual ganhar força, através do seu conteúdo e do período de abertura política, para ser distribuído nacionalmente.

Observa-se, através da análise de algumas cartas escritas pelos leitores do periódico *Lampião da Esquina*, que a população e, especialmente os homossexuais, se mostra muito contente e satisfeita com o mesmo, no entanto, há observações, principalmente em relação ao público feminino homossexual. Mesmo assim, o conteúdo, o modo como está circulando e sendo divulgado; tudo isso agrada ao

público. Também, nas cartas, existe o conteúdo sugestivo, com observações e dicas para um jornal cada vez mais atento e circulante entre o seu público.

E, por meio da leitura e análise das cartas aqui exploradas, vale destacar o início da publicação do periódico mensal, cujo foco é dar voz ao público homossexual, dessa forma, fica evidente a importância desse veículo de comunicação para a vida desse grupo marginalizado pela sociedade nesse período. Também é notório que, ao decorrer das edições, os leitores se vêem no direito de reivindicar, reclamar e protestar pelos seus direitos, não só no próprio jornal, mas também na sociedade como um todo. O *Lampião da Esquina* divulgou os anseios dos homossexuais e, através da publicação das cartas, essa comunicação foi possível, uma vez que os leitores se expressavam através desse mecanismo com o jornal. Esse meio de comunicação representou um marco na vida do público leitor, pois através das cartas, dúvidas, sugestões e problemas foram esclarecidos, ou pelo menos expostos para os demais leitores do periódico, criando assim uma espécie de “família” com a qual se podia contar em seus momentos difíceis.

As cartas funcionaram não só como um meio de comunicação, mas de trocas, trocas de opiniões, de sugestões, de gostos e informações. As discussões relatadas nas cartas são inúmeras, mas em sua maioria, nota-se que, o homossexual foi discriminado e excluído. Sofria em uma sociedade preconceituosa, machista e homofóbica.

Foi por meio da seção *Cartas na Mesa*, que os homossexuais conseguiram romper com muitas barreiras, e, a vergonha foi se transformando em orgulho, o silêncio, em relatos para o jornal.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como foco principal de análise o conteúdo das cartas do jornal *Lampião da Esquina*. Mas não são só as cartas que representam o jornal, já que o fato de o mesmo circular em fins da ditadura civil militar no Brasil, de ter sido criado e elaborado por onze homens assumidamente homossexuais, dentre jornalistas, escritores e artistas entre o eixo Rio – São Paulo foi um marco na história dos homossexuais no país. Suas características, sua diagramação, seu conteúdo, enfim, tudo no jornal era diferenciado e inovador. As reportagens, as entrevistas, as próprias capas já representavam o rompimento de barreiras e preconceitos. O conteúdo do impresso também era diversificado, ousado e inovador. Entrevistas com homossexuais, mas não só, cantores, atores e outras celebridades que aceitavam relatar um pouco da sua vivência e experiência para os leitores. As reportagens também eram ousadas, muitas vezes os anúncios possuíam duplo ou até triplo sentido.

O grande problema é que existia uma associação entre a subversão política e ideológica que vigorava no Brasil e a homossexualidade. Dessa forma, eram utilizados os preceitos ditatoriais como base para justificar os vários tipos de repressão e censura aos homossexuais no período. A tentativa de liberdade de expressão contrasta com os instrumentos de controle impostos pela ditadura civil-militar no Brasil. Assim, a população brasileira e, especificamente os homossexuais, objeto de análise da pesquisa, buscavam meios de se expressar, de se comunicar e de viver.

Os homossexuais, assim como outras minorias, viviam diante de uma perseguição baseada em marcadores sociais da diferença, nesse caso específico, são os marcadores sexuais e de gênero. E, isso resultou em muita violência, opressão e discriminação, mas também teve resultados positivos, como a luta e a perseverança e, como prova disso, podemos exemplificar com o próprio *Lampião da Esquina*, que representou a vez e a voz de onze homens assumidamente homossexuais. E mais, a intencionalidade dos mesmos eram proporcionar vez e voz aos leitores do mensário, sejam eles homossexuais ou não.

Em 1968, ano marcante para o Brasil por causa do decreto do AI-5, os homossexuais viviam um contraste de ideologias, uma vez que, com o AI-5, a liberdade tornou-se algo raro, especialmente em se tratando dos homossexuais. Em oposição a

esse controle, circulavam, no Brasil, novas ideias de cunho social, político e cultural; desenvolvem-se redes de sociabilidade, festas íntimas dentro de casa e outros movimentos indesejados pelos militares. Assim, se formou um intenso debate e contradição para os homossexuais, pois, de um lado, a repressão, o controle e o autoritarismo, de outro, a sociabilidade homossexual, a promoção de eventos e uma vida social mais pública.

O preconceito e a discriminação contra os homossexuais não teve sua origem no regime civil-militar no Brasil, e sim de tempos anteriores da história brasileira. A homossexualidade era tratada como doença, como crime, como pecado. A classificação dependia de quem julgava. As pessoas, em geral, consideravam o homossexual como um ser alheio a sociedade, que rompia com os valores sociais e culturais.

O lançamento *do Lampião da Esquina* representou uma ruptura com as imposições sociais, era direcionado para as minorias: negros, mulheres, lésbicas e homossexuais. O jornal dedicado aos “excluídos”, esse era o *Lampião da Esquina*, um mensário que abordava temas polêmicos com bom humor e excesso de ironias. De sua edição primeira de número zero, até a sua última, a de número 37 (junho/1981), o *Lampião* procurou agregar, unir e principalmente fortalecer os grupos minoritários. E, esse fortalecimento surtiu efeitos, pois se formaram e se fortaleceram diversos grupos minoritários, inclusive de homossexuais.

A seção de *Cartas na Mesa* do jornal *Lampião da Esquina* foi o meio pelo qual os homossexuais do período encontraram para se comunicar. As cartas eram a síntese da oposição e do contraste vividos pelos mesmos, já que, ao mesmo tempo em que representavam as cartas a liberdade, relatavam a prisão, ao mesmo tempo em que se falava em conquista, liberdade, relatava-se a discriminação e o preconceito. As cartas selecionadas foram única e exclusivamente para exemplificar os relatos de vida dos homossexuais do período, e que, até os dias atuais, estão muito presentes. O preconceito e a discriminação do período ditatorial, ainda hoje, estão presentes na população brasileira.

Veja e voz por meio de um jornal, comunicação e interação por meio das cartas. Essa frase representa o resumo de toda a pesquisa. A força e o poder das cartas em um período em que o Brasil vivia uma ditadura civil militar com muita violência e discriminação, especialmente em relação aos homossexuais. E isso foi superado durante essas longas décadas? Talvez... creio que o preconceito mudou de nome, agora chama-

se HOMOFOBIA, mas ainda há, infelizmente, muito o que se questionar em relação a segregação social no país.

## FONTES PRIMÁRIAS

### I- Fontes impressas

Centro de Documentação Professor Luiz Mott – CEDEC:

*Lampião*, Edição nº 0 (abril/1978).

*Lampião da Esquina*, Edição nº 01 (maio-junho/1978); Edição nº 02 (junho-julho/1978); Edição nº 03 (julho-agosto/1978); Edição nº 04 (agosto-setembro/1978); Edição nº 05 (outubro/1978); Edição nº 06 (novembro/1978); Edição nº 07 (dezembro/1978); Edição nº 08 (janeiro/1979); Edição nº 09 (fevereiro/1979); Edição nº 10 (março/1979); Edição nº 11 (abril 1979); Edição nº 12 (maio/1979); Edição nº 13 (julho/1979); Edição nº 14 (julho/1979); Edição nº 15 (agosto/1979); Edição nº 16 (setembro/1979); Edição nº 17 (outubro/1979); Edição nº 18 (novembro/1979); Edição nº 19 (dezembro/1979); Edição nº 20 (janeiro/1980); Edição nº 21 (fevereiro/1980); Edição nº 22 (março/1980); Edição nº 23 (abril/1980); Edição nº 24 (maio/1980); Edição nº 25 (junho/1980); Edição nº 26 (julho/1980); Edição nº 27 (agosto/1980); Edição nº 28 (setembro/1980); Edição nº 29 (outubro/1980); Edição nº 30 (novembro/1980); Edição nº 31 (dezembro/1980); Edição nº 32 (janeiro/1981); Edição nº 33 (fevereiro/1981); Edição nº 34 (março/1981); Edição nº 35 (abril/1981); Edição nº 36 (maio/1981) e Edição nº 37 (junho/1981).

*Lampião da Esquina*, Edição Extra nº 01 (dezembro/1979); Edição Extra 02 (sem data) e Edição Extra nº 03 (1980).

Todas as edições do jornal encontram-se digitalizadas e podem ser acessadas pelo sítio: [www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina](http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina).

### II – Relatórios

BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório: textos temáticos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, vol. 2, 2014.

### III- Fontes legislativas

BRASIL. *Lei nº 5.250*, “Regula a liberdade de manifestação do pensamento e da informação”. Brasília, de 9 de fevereiro de 1967.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 314*, “Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências”. Brasília, 13 de março de 1967

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1967*. Brasília.

BRASIL. *Lei nº 5.536*, “Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências”. Brasília, 21 de novembro de 1968.

BRASIL, *Lei 12.528*. “Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República”. Brasília, 18 de novembro de 2011.

### IV – Fontes audiovisuais

- Documentário: *Lampião da Esquina*. 85 minutos

Entrevistados: Aguinaldo Silva, Ney Matogrosso João Silvério Trevisan, Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Glauco Mattoso, Celso Curi, Laerte Coutinho, Antônio Carlos Moreira, Peter Fry, João Carlos Rodrigues, Alceste Pinheiro, Winston Leyland, Dolores Rodrigues, Leci Brandão e Edy Star.

Disponível no sítio: [www.assistirhdonline.net/video-5/9856/#alternativ](http://www.assistirhdonline.net/video-5/9856/#alternativ). Acesso em: 13/05/2018.

## SITES CONSULTADOS

TURMA OK.

Sítio: [www.turmaok.com.br](http://www.turmaok.com.br). Acesso: 10/12/2019.

GRUPO DIGNIDADE.

Sítio: [www.grupodignidade.org/projetos/lampiao-da-esquina](http://www.grupodignidade.org/projetos/lampiao-da-esquina). Acesso em: 15/03/2018.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

AMARAL, Muriel E BERTOLLI, Claudio. "Qual é o crime desse rapaz?": resistência e discurso no jornal *Lampião da Esquina*. In: *Estudos em Comunicação*, mai. 2015, nº 18, p. 53-76.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CABRAL, Jacqueline Ribeiro. Imorais e subversivos: censura a LGBTs durante a ditadura militar no Brasil. In: *Periodicus*, nº 4, vol. 1, nov. 2015 - abr. 2016.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James e QUINALHA, James (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014

COELHO, Vinícius. *Lampião da Esquina: porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

\_\_\_\_\_. História e Imprensa homossexual em *Lampião da Esquina (1978-1981)*. In: *3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia*, Rio de Janeiro, 2014.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher na ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

\_\_\_\_\_. 50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. In: *OP SIS*, Catalão, vol. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

CORDÃO, Vinícius Ferreira Ribeiro. As capas do Okzinho e o modelo hierárquico de homossexualidade. In: *XI Encontro Nacional de História da Mídia*, 2017

\_\_\_\_\_. *Imprensa homossexual brasileira e construção de subjetividades (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação

em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Rogério da Silva Martins. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal O Snob (Rio de Janeiro, década de 1960). In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, vol. 2, nº 2, jul.-dez. de 2010.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_ e SIMÕES, Júlio Assis. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FERNANDES, Millôr. *Imprensa Alternativa & Literatura: os anos de resistência*. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular. Rio de Janeiro: RioArte, 1987.

FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. In: *Revista Alterjor*, vol. 1, nº 1, 2012.

FICO, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

\_\_\_\_\_. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964 2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília. (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter (org.) *Para inglês ver: identidade política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_ e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GALLAS, Ana Kelma Cunha e OLIVEIRA, Yakowenko Guerra de. Publicações Destinadas aos Homossexuais no Brasil: O Snob (1963-1969) e Lampião da Esquina (1978-1981). In: *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Fortaleza, 2012.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GREEN, James. Homossexualidades e a História: recuperando e entendendo o passado. In: *Revista Gênero*, vol. 12, nº 2, 2012 (1), p. 65-76.

\_\_\_\_\_. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, vol. 15, 2000, p. 271-295.

\_\_\_\_\_. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_ e QUINALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: UFSCAR, 2014.

\_\_\_\_\_ e POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2006.

JUNIOR, Almerindo. *E havia um Lampião na Esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura*. Rio de Janeiro: Luminária, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LIMA, Marcus Antônio Assis. De alternativa à grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da mídia alternativa: história e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. São Paulo: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Pro-Posições*, v.19, nº 2, (56), mai - ago, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Salvador: Ed. UFBA, 2018.

MARCELINO, Douglas Attila. *Subversivos e Pornográficos: censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James e QUINALHA, James (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos "anos 1968". In: DEL PRIORE, Mary e AMANTINO, Márcia. (orgs.). *História dos Homens no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. Movimento *gay* e imprensa no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981). In: *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James e QUINALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos; et. al. (org.). *Ditadura e Democracia na América Latina: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: *História* (São Paulo), vol. 24, p. 77-98, 2005.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. In: *Topoi*, vol. 12, n. 22, jan./jun., p. 270-283, 2011.

\_\_\_\_\_ e WOLFF, Cristina Scheibe. As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. In: *História Unisinos*, vol. 15, p. 398-405, 2011

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

REIS, Toni. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (org.). *Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Ed. UEL, 2007

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, vol. 3.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Ed. UFF, 2010.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Uma conversa informal sobre homossexualismo*. Rio de Janeiro: Art. Gráfica e Editora, 1984.

\_\_\_\_\_. *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

\_\_\_\_\_. De Denner à Chrysóstomo, a Repressão Invisibilizada: As Homossexualidades na Ditadura In: James Green e Renan Quinalha. (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2014.

SÁ EARP, Flávio e PRADO, Luís Carlos. O Milagre Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília. (orgs.), *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 4, 2003,

SCHULTZ, Leonardo e BARROS, Patrícia Marcondes de. O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. In: *VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro*, Guarapuava, abril de 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2, jul.-dez., 1995

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: *Revista de Estudos Feministas*, vol. 5, nº 1, 1997, p. 1-23.

SOUTO MAIOR, Paulo Roberto. Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981). In: *Revista Tempo e Argumento*, v. 8, nº 19, set./dez., 2016, p. 254-282.

STEARNS, Peter. *História das Relações de Gênero*. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2007.